CONCLUSÃO

Deixando aos Homens de Estado a Decisão das Questões melindrosas da Constituição do Imperio, aqui só direi, que, não menos para a Gloria de Sua Magestade Imperial, que para o credito da Nação Brasileira, convem se exterminem dos Patrios Lares os incendiarios principios do Sophista de Genebra, Escriptor da Obra á que deo o titulo de CONTRACTO SOCIAL, que tanto occasionou a Revolução da França, a qual tão caro pagou o seu delirio, armando-se para defendellos. Convem muito ter em vista o Preambulo da Nova Charta Constitucional da mesma França, em que o Monarcha restabelecido disse, que " cedendo ao Voto Geral, tomei todas as precauções para que fosse Digna de Mim e do Povo. "

Fim da Parte I.

28 *de Janeiro de* 1823.

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAOHIA NACIONAL.

CAUSA DO BRASIL
NO
JUIZO DOS GOVERNOS
E
ESTADISTAS DA EUROPA.

Pela Patria morrer he docc e honroso:
Segue a morte o varão tambem que foge,
Nem aos moços perdoa que cobardes
Timidas costas voltão.
A virtude com não manchadas honras,
De solida repulsa izenta brilha;
Nem de aura popular á arbitrio
Toma ou depõe as machadas.
Abrindo o Céo aos que morrer não devem,
Tenta a virtude insolito caminho;
Turba vulgar e humida terra engeita
C' as fugitivas azas.

Hor. Od. trad. A. R. S.

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL.
1822.

A O

GENIO D'HARMONIA

TOllat hic magnos potius triumphos :
Hic ames dici Pater atque Princeps.
Crevere vires , fama que , et imperi
Porrecta majestas.
Quo nos cumque feret melior fortuna parente ;
Ibimus , ó socii , comites que :
Nil desperandum Teucro duce , et auspice Teucro ;
Certus enim promisit Apollo
Ambiguam tellure nova Salamina futuram ,
O' fortes.

Antes aqui grandes triumphos prezes :
Antes aqui chamar-te PAI e PRINCIPE.
Crescerão forças , fama , e d' Alto Imperio
Extensa Magestade.
Melhor de que meo Pai nos leve a sorte ;
Iremos ó meos Socios e Companha ;
Não ha desanimar co' Teucro Guia ,
E co' agoureiro Teucro ;
Pois que infallivel prometteo Apollo ,
Que n'huma nova Terra se ergueria ,
A' outra igual, segunda Salamina ,
O' varões esforçados.

Hor. Od. trad. A. R. S.

PREFACIO.

L' honneur a ses regles supremes. — Lors que nous avons été une fois placés dans un rang, nous ne devons rien fair ni souffrir que fasse voir, que nous nous tenons inférieurs à ce rang même.

Montesquieu - *Espirit des Loix* - Liv. IV Cap. II.

A honra tem as suas regras supremas. — Huma vez que fomos elevados á certo predicamento, nada devemos fazer nem soffrer, de que se manifeste, que nos consideramos inferiores ao mesmo predicamento. —

Montesquieu - Espirito das Leis - Liv. IV. Cap. II.

A *Causa do Brasil*, fundando-se principalmente nas Razões Politicas do — *Manifesto ás Nações* —, expedido pelo Gabinete da *Boa-vista*, tambem se sustenta em *Razões Patrioticas*, que saõ d'alçada da Literatura. Ainda que jà concidadaõs energicos tem assás esclarecido o Publico sobre esta *Grande Causa*, de que dependem a nossa Liberdade, Vida, Honra, e Fortuna; com tudo, vendo o assumpto inexhaurivel, considerei ser de rigoroso dever tambem dar o manifesto dos meus sentimentos. O meu proposito he mostrar, que a *Honra* imperiosamente nos dicta a defeza da *Boa Causa*, e pugnarmos por ella com todos os meios ao nosso alcance, para concentrar o *Esforço Politico* contra os Injustos Aggressores da mesma Honra; tendo sempre em vista a regra do Mestre da Sciencia do Governo.

As minhas razões se resumem nas seguintes theses.

A Honra Bragantina deve consolidar a Imperial Obra da Exaltaçaõ do Brasil, que lhe foi pelo céo dado, por Maravilhosa Descoberta na Dia de Paschoa da Ressurreiçaõ na famosa Era do Anno de 1500.

A Honra Brasileira exige que segure o seu inauferivel Direito Politico, pela manutençaõ da categoria em que foi posto na ordem Cosmologica, e Estatistica.

A Honra Britannica he empenhada na mesma Garantia, por ter participado da gloria da cooperaçaõ ao Estabelcimento da Séde da Monarchia Lusitana nesta Grande Parte do Novo Mundo, e pelos seus Tratados com a Coroa Fidelissima obrigada, a cooperar para a Causa da Justiça e Humanidade.

A Honra Europea naõ menos reclama, que os Estados cultos da Mestra da Civilisaçaõ naõ sejaõ espoliados da Posse legitima em que se achaõ para a respectiva directa e livre Correspondencia Mercantil, Literaria, e Diplomatica, com o Brasil.

A Honra Americana interessa, que naõ se eclipse a propria gloria de tantos Estados em hum Continente immensuravel, Proclamando ao Mundo a sua *Independencia das Metropoles*, e *Franqueza Social*, vendo como indifferentes Espectadores, que só o Brasil tolere o oppressor Jugo da ingrata e iniqua Mãi-Patria.

AO BRASIL
ULTRAJADO EM PORTUGAL.

QUando no anno passado o Congresso de Lisboa dirigio huma *Proclamação aos Brasileiros*, que trasbordava em elogios por seguirem a *Causa Nacional*, e pela candura e intelligencia em acceitarem as *Bases da Constituição*, nenhum natural, ou domiciliario do Brasil poderia, nem por sombras, sem reprochie de temeridade, presumir, e menos proferir, que esse Diploma continha o mais negro machiallismo, e jesuitica hypocrisia, para illudir a sinceridade Brasileira, e fazer do Juramento da Religiaõ o seu degrão para o solio do Despotismo Lusitano.

Eu tambem (taõ simples fui !) naõ pude suspeitar que designios insidiosos se occultavaõ em tal Acto, nem que os intitulados *Pais da Patria*, só éraõ animados de perfido intento de restabelecerem o *Systema Colonial* e *Militar*, com que por trez seculos foi acabrunhada a *Terra da Santa Cruz*, mostrada pelo Dedo de Deos, quando o Almirante Cabral hia em demanda da India, sendo, contra a sua tençaõ, bem dirigido, (por assim dizer) pelo *Espirito das tempestades* á bonançosa enseada de *Porto Seguro*. Entendi que, achando-se em Grande Theatro Politico, aspirariaõ à verdadeira gloria, e immarcescivel coroa civica, de augmentarem a Felicidade do *Reino-Unido* por hum Plano Philanthropico, em que naõ menos fosse respeitada a Consciencia e a Fortuna do Genero Humano. Sempre muito crî no Symbolo politico: = quanto he maior a altura a que alguem sobe na Ordem Civil, tanto menos licença e venia tem de seus delictos ou erros. (*)

(*) *Qui in exselso ætatem agunt, cuncti mortales eorum facta novere: in summa fortuna, minima licentia est.* — *Salust.*

Persuadi-me por tanto que, assim como os Portuguezes haviaõ por si sós, sob o Directorio dos seus Monarchas, e seguindo o impulso e espirito de Grande Principe Lusitano D. Henrique, projectaraõ e conseguiraõ o Descobrimento Maritimo das entaõ incognitas Partes do Mundo, assim tambem dessem à sociedade Civil hum padraõ de Regencia de suas fundadas Colonias ultramarinas no espirito da verdadeiramente Liberal Constituiçaõ, sendo a *Igualdade dos Direitos* real, e naõ nominal, em seu Codigo *do Equador.*

Porem oh cogitações, illusorias! oh vãs esperanças! Politica rotineira desorientou os Noviços Estadistas, que encalharaõ a Nào do Estado nos mesmos Escolhos em que naufragaraõ Inglaterra, França, e Hespanha, perdendo o seu Imperio Americano. Espiritos mais comprehensivos penetraraõ melhor e descobriraõ ao longe o arcano tenebroso com que se fez na Lusitania resurgir a Spinge serpentina Corso-Galla. *Desinit in piscem mulier formosa supernè.*

Agora só resta reconhecer e retractar o meu erro sobre o juizo dos tempos e dos homens, vendo a Bahia, minha Patria nativa, invadida e oppressa pelos traidores Ulyssêos: e passo (quando posso e devo) a mostrar a justiça da *Causa do Brasil*, e a perfidia dos dictadores de Portugal, dizendo com o Cantor do Pio Enèás:

Accipite nunc insidias Danaum:
— *Nulla foedera sunto.*

Rio de Janeiro 12 de Outubro de 1822.

José da Silva Lisboa.

CAUSA DO BRASIL

PARTE I.

HONRA BRAGANTINA.

A Historia Geneologica da Casa Real nos transmittio o Monumento do Horoscopo da Elevação Politica deste Grande Estado do Novo Mundo pelo Restaurador da Monarchia Lusitana, e Fundador da Augusta Dynastia da Casa de Bragança, o Senhor D. João IV., exaltando-o ao Predicamento de *Principado*, constituindo a seu Filho Primogenito o Sr. D. Theodosio PRINCIPE DO BRASIL.

Aquelle providente Monarcha, considerando, em vista comprehensiva, a instabilidade do original Patrimonio do Reino de Portugal, pela estreiteza de territorio, inimizade de Hespanha, e desharmonia das Potencias preponderantes da Europa; persuadido que a segurança da Corôa e Dynastia unicamente se poderia achar no creado Principado Ultramarino, tendo ahi Residencia a Real Familia; fez hum *Roteiro* para a execução do Projecto, que concebeo, do traspasso da Côrte para Pernambuco, que, então, pela natural fortificação do Recife, parecia ser a central Estancia Maritima mais adequada ao destino, por até ser havida na Europa como a Rochélla d' America. A

verdade deste Projecto consta da declaração que fez o nosso Luso-Brasilico o Padre Antonio Vieira no tomo II. de suas *Cartas* pag. 416. Sem duvida nessa epocha era optima a escolha, porque o Rio de Janeiro ainda não havia subido á importancia em que ora se acha este Emporio. Eis os seus termos:

" Oh quanto tomara eu ver a Vossa Senhoria desta banda! Lembra-me agora de quando a Rainha Mâi, por conselho dos Condes de Catanhede e Soure, enviou a Vossa Senhoria, não só a governar Pernambuco, mas tambem para *prevenir a seus filhos* huma *retirada segura*, no caso em que alguns successos adversos, que então muito se temião, necessitassem este ultimo remedio. E tambem Vossa Senhoria estará lembrado de que Sua Magestade me mandára passar de Maranhão, onde estava, para assistir a Vossa Senhoria, e se *seguir o roteiro*, que El-Rei, que Deos tem, tinha prevenido, como tão prudente, para o caso de semelhante tempestade, e se *achou depois da sua morte* em huma gaveta secreta, *rubricado de sua Real Mão* com tres cruzes &c. "

Ainda que os maiores Estadistas de Portugal em varias crises da Monarchia dessem o conselho de se executar o dito Projecto, comtudo, seja por serenarem as tempestades politicas, seja pela *força de inercia*, não menos poderosa no mundo moral, o Ministerio Portuguez achou, que a Magestade da Soberania não se eclipsava com o tenue, precario, e vacillante poder do Gabinete de Lisboa, sempre sujeito á desairoza influencia dos Potentados Europeos, que dictavão a Lei nas Grandes Contendas Polemicas; nunca jámais passando a Corôa Fidelissima, ainda que mui ufana com as suas Possessões nas quatro Partes da Terra, de huma Potencia da terceira ordem.

Quando surgio em o Norte d' America huma Confederação de Colonias de Inglaterra, que proclamou a sua *Independencia* da Metropole, porque esta teve a obstinação de sustentar a injustiça de espolial-

las de seus Direitos Politicos, e dos Privilegios concedidos por seus Reis, vio-se em Portugal com estupidez e apathia a Nova Estrella Polar, sem se prever que algum dia os habitantes do Sul da America aspirarião, como era de razão, á que a Causa de Justiça e Humanidade tambem no Brasil fosse attendida, e que triumpharia sob ainda mais brilhante Constellação do Polo Antarctico. He digno de commemoração, que no fim do seculo passado, o Escriptor Britannico *Jorge Stauton*, que publicou em Londres a descripção da viagem de Lord *Macartney* na sua Embaixada á China, tocando ao Rio de Janeiro, extasiado com a encantadora perspectiva do circumvizinho Archipelago, e Sublime scena da *Serra dos Orgãos*, e do *Pão do Assucar*, que desenhou e medio, fez a observação politica que = se a Côrte de Portugal se traspassasse ao Brasil, e alli fixasse a Séde da Monarchia, em breve se levantaria na America Meridional hum poderoso Imperio, que contrabalançaria o recrescente poder dos Estados Unidos d' America Septemtrional.

As Potencias da Europa formarão as mais justas expectações da estabilidade da Côrte no Brasil. He notorio que Suas Magestades Apostolica e Christianissima entabularão Negociações com o Gabinete da *Boa-Vista* para Tractados de Commercio, que não se effeituarão, porque o espirito dos tempos já não approva taes Ajustes, por darem Monopolios ás Nações; dictando a mais illustrada Economia Politica, que o trafico dos Grandes Paizes unicamente se regule pela Lei imperiosa da *Demanda reciproca* e *effectiva* dos differentes Estados, e *livre concurrencia* dos respectivos commerciantes. Assim ao Brasil nada póde faltar dos supprimentos do necessario, commodo, e delicioso á vida, tendo variados equivalentes que permutar dos productos de sua terra e industria, e que são demandados por todo o Mundo civilisado, e especialmente na Europa.

O mais apodictico argumento de que as Testas

Coroadas da Europa, que enviarão Seus Embaixadores, Ministros, e Consules, contavão com a perseverança da Côrte no Brasil, foi o Ajuste do Despozorio do Senhor Principe Real, Herdeiro da Corôa Fidelissima, com a Serenissima Senhora Archiduqueza Leopoldina, renovando-se com a Imperial Casa d' Austria os Laços de Familia, com que o Senhor D. João V. no seu Desposorio com a Senhora D. Marianna d' Austria havia abrilhantado o Throno Portuguez, até na sua longa molestia de oito annos confiando á Sabia e Virtuosa Consorte todo o Governo da Monarchia.

Não he verosimil que a Heroîna Germanica traspassasse do Adriatico até além do Equador, sem que nos Imperiaes Conselhos houvesse a perfeita convicção, que seria permanente a Séde da Monarchia Lusitana em o Novo Mundo; não sendo (como antigamente disse o Imperador Theophilo) os Principes — Patrões de Galera — para *torna* — *viagem* de longo curso, expondo-se á novos e desnecessarios riscos maritimos.

Sem duvida não se effeituarião taes estabelecimentos, sem a moral certeza da perpetuidade, não só do Liberal Systema introduzido, mas tambem da perpetuidade da Côrte no Brasil; excluida toda a idéa de restabelecimento do Systema Colonial, e servil, que o inteiro regresso de El-Rei e da Real Familia naturalmente occasionaria.

Até o prudente Governo da Confederação Helvetica, por Convenção Diplomatica, nos enviou huma *Colonia de Suissos* para estabelecimentos de Agricultura. Inglezes, Francezes, Allemães, tem emprehendido semelhantes, e com especialidade adiantado as artes de universal uso. Disto dá nobre testemunho o Principe Maximiliano da Prussia, na sua Obra da *Viagem Philosophica ao Brasil*, que existe na Bibliotheca que El-Rei Doou ao Rio de Janeiro; e que já se acha traduzida no idioma Inglez e Francez. Elle assim diz:

" Os olhos dos Naturalistas estavão ha muito

tempo dirigidos com particular fito ao Brasil ; Paiz felizmente situado , que promettia ampla colheita para satisfazer a curiosidade , mas que até o presente era com rigorosa vigilancia fechado á todo o indagador.

" O aspecto dos negocios na Europa resolveo ao Monarcha de Portugal a transferir a sua residencia ao Brasil , que não tinha sido visto por seu Soberano , ainda que era a principal fonte de sua riqueza.

" A transmigração do Soberano , e da sua Côrte , não podia deixar de ter grande e benefica influencia neste Paiz. O oppressivo systema de mysteriosa exclusáo foi abolido : a confidencia tomou lugar á timida desconfiança ; e permittio-se á viajantes estrangeiros accesso á este campo de novas descobertas.

" Até agora a Natureza tem feito mais no Brasil que o homem : comtudo , desde a vinda d' El-Rei , muito se tem effeituado para vantagem do Paiz. O Rio de Janeiro em particular (em que se vê scena de vida e energia) tem recebido varios melhoramentos ; e entre estes devo noticiar as muitas Regulações para promover mais activo commercio. A circulaçáo de grandes sommas de dinheiro tem grandemente augmentado a opulencia desta Cidade. Os Embaixadores das Potencias da Europa, e os estrangeiros attrahidos à esta Praça, tem introduzido alto grao de luxo : entre varias ordens da Communidade o estilo do trajo e tratamento he da moda das Capitaes da Europa : ahi ha já tantos artistas de todas as classes , vindos de todos os paizes, que em poucos annos não haverá falta de cousa alguma que pertença aos commodos e prazeres da vida. Se se accrescentar á isto a variedade de fructos , e de outras producções que o terreno e o clima brotáo , e que chegão á extraordinaria perfeição , póde-se fazer alguma idéa das riquezas naturaes desta região prolifica.

Roberto Southey , recente Escriptor Britannico da *Historia do Brasil*, assim diz no tomo III. Cap. 48.

" No estado em que se achão as Provincias do

Brasil, desde o Rio Negro e o Cabo do Norte até o territorio (ora disputado) do Rio da Prata, depois que a Séde da Monarchia foi transferida de Lisboa para o Rio de Janeiro; havendo tantas differenças de paizes, climas, e circunstancias, não se póde sem presumpção, e manifesta injustiça, qualificar o geral caracter das maneiras, e moral do povo. Mas póde-se com segurança affirmar, que se acha estabelecido solido fundamento para a sua potencia e prosperidade ...

" A maior restricção que o Brasil tinha, era o mal do monopolio da Máy-Patria: este mal necessariamente cessou com a Remoção da Côrte. Já está mui cortada a importação dos Africanos: os outros males tambem cessarãõ. Está introduzida a Imprensa: alguns erros da antiga economia tem sido advertidos, e outros não sobreviviráõ por muito tempo.

" A situação desta Cidade do Rio de Janeiro, em meio caminho entre Europa e India, e com a Africa defronte, he a melhor que se podia dezejar para o Commercio Geral. O porto he hum dos mais vastos, commodos, e bellos do Mundo; e nada faltava para pôr os habitantes em completo usufructo destas grandes vantagens locaes, senão a liberdade do Commercio, e a introducção de Capital; o que resultou do traspasso da Corte ao Brasil. Revoluções locaes tem privado Alexandria e Constantinopla da importancia commercial, que as suas situações antigamente asseguravão, e que entrarão nas vistas dos seus Grandes Fundadores. Mas he precizo que todo o Mundo civilizado se rebarbarize, antes que o Rio de Janeiro possa deixar de ser hum dos mais importantes Emporios do Globo.

O Congresso de Lisboa, em seus impoliticos Decretos, á que o Brasil não se submette, emprehendeo obstar ao progresso de tão inestimaveis vantagens, contra todas as Regras de Justiça e Prudencia Politica, querendo restabelecer o Systema Colonial.

A boa razão aconselha que, na Economia do Estado não se turbe a Ordem do Regedor da Sociedade, e o curso natural das coisas, sacrificando-se huma parte dos habitantes em indevida vantagem dos outros, com Systema de força, directa ou indirecta; tolhendo-se a cada hum o activo interesse de trabalhar, e desenvolver seus recursos territoriaes e mentaes, para a progressiva industria, e riqueza. O Systema Colonial tinha esse intrinseco defeito, que se fez manifesto com a vinda da Côrte, a qual se admirou de não achar a progenie e opulencia, que em tão vasto Paiz, descoberto ha tres seculos, deveria existir. Isso mostrou a verdade do theorema do Mestre da *Riqueza das Nações*, que o Monopolio do dito Systema foi mal positivo contra os Estados que o estabelecerão, fazendo as Colonias menos populosas, ricas, e uteis á Metropole, do que alias serião com legislação mais liberal, e sua união aos Reinos de Europa. Os beneficios do novo Systema já são visiveis pela Mercê Regia, tão felizmente outorgada.

A experiencia mostrou, que os tenues proveitos do dito Systema (que só erão reclamados pela exorbitancia das pertenções dos Commerciantes, e Fabricantes da Patria commum) acanharão o Espirito Nacional; o qual só foi grande e famoso, quando se lançou aos mares, franqueando o Commercio, e indo arvorar o Estandarte Triumphante ainda além da Taprobana. O Systema posterior, accordado no Congresso de *Utrecht*, contentou os altivos Portuguezes com a *curta ração* da trivial carreira do Brasil e Guiné, mui pouco na India, e China, á troco da incalculavel perda da Sciencia Marcantil, da Potencia Maritima, e do estabelecimento de Casas de Commercio na Europa; quasi exterminado do vasto Oceano, e dos Emporios do Orbe, as Quilhas e Quinas Lusitanas, e com esta deserção, o immenso credito, thesouro, e poder, á que tinhão direito.

Os *successos adversos*, que occasionarão a vinda d' ElRei, com a Real Familia e Côrte, ao Rio de Janeiro, tambem derão motivo ás Novas Instituições Politicas do Codigo do Brasil, cuja Liberalidade tem sido applaudida por Soberanos, e Sabios Philanthropos, e especialmente depois, que publicada a Paz Geral, o Governo declarou definitivamente abertos os Portos do Brasil, e elevou este Principado ao Predicamento de Reino.

A adoravel Divina Providencia inspirou a ElRei, quando tomou a Resolução de regressar á Lisboa, o Constituir pelo Decreto de 7 de Março de 1821 ao Senhor Principe Real Seu Lugar-Tenente no Brasil; e parece que tambem commetteo ao Joven Herdeiro da Monarchia o Honorifico Munus de ser o Executor da Ultima Vontade do Seu Augusto Predecessor, cumprindo considerar-se o sobredito *Roteiro* como seu *Testamento Politico.*

He por tanto da Honra Bragantina, que tão magnificas Obras Regias sejão sustentadas pelo Senhor Principe Real, successor do Throno, á Quem além disto parece que a Divina Bondade reservara a gloria de mostrar Espirito duplicado do *Fundador da Dynastia* da Augusta Casa de Bragança, Restaurando a Monarchia Constitucional, conforme as verdadeiras Bases; e tambem para completar o Edificio da Felicidade Publica, que Seu Pai começou, mas que descontinuou pelas insidiosas manobras da Cabala Anti-Brasilica, que o attrahio á Europa, com a vãa tentativa de fazer ao Brasil *Pequeno* tendo-o o Regedor da Sociedade constituio-o *Grande* na Ordem Cosmologica. Oxalá que o ingenuo Monarcha então fosse advertido por fiel conselheiro da Sentença do Salvador do Mundo! = *Quem mette mãos ao arado, e olha atraz, não he apto ao reino dos Ceos.* =

CAUSA DO BRASIL

PARTE II.

HONRA BRITANNICA.

ElRei Jorge III, o constante Amigo e Alliado da Coroa Fidelissima, que tanto contribuio à salvaçaõ da Monarchia Lusitana, e da Sociedade Civil, pelo seu Alto Caracter de Firmeza Politica, e Heroica Resistencia aos Desorganisadores da Ordem social, quando teve a noticia da Resoluçaõ do Sr. D. Joaõ VI. de se traspassar com a Real Familia, e sua Corte, para o Rio de Janeiro, na abertura do Parlamento em 10 de Janeiro de 1808 orou ao Ente Supremo, para o feliz exito de Expediçaõ que foi auxiliada pela Marinha Britannica; a fim do Estabelecimento da Séde da Monarchia naquelle sacro Promontorio, como a sua Torre de Fortaleza no Mundo Novo, *com augmentada força e Esplendor.* (*)

O mesmo Monarcha segurou os interesses do Brasil, enlaçando-os com os da Gram Bretanha, e das Nações

(*) Isto consta dos Periodicos Inglezes.

civilisadas, pelo Tratado de commercio de 1810; prevenindo com providente vista do futuro, que seria perpetua a *Liberdade do Commercio* dos seus portos, ainda que em algum tempo se restabelecesse a Séde da Monarchia nos dominios Portuguezes da Europa.

Saõ manifestos os transcendentes uteis resultados que se derivaram logo desta Transacçaõ Politica, aqual deo plena confiança á Naçaõ Britannica de vir estabelecer Casas de Commercio em todas as Cidades Maritimas deste Continente; facilitando-se em consequencia a Exportaçaõ, e recrescendo a quantidade, e o valor, dos productos da Agricultura do Paiz, que, por ora, he a principal fonte da Riqueza do Estado. O credito do Banco, que ElRei creou, he certo e incontestavel que muito se deve á franqueza com que estas Casas entraraõ a receber, e pôr em activo giro, as Letras do mesmo Banco; por estarem no seu paiz habituados ao Systema da — Fê Publica, — e (como ahi se diz) a viver do *papel de credito.*

He constante que o Governo Britannico considera a Honra da Naçaõ empenhada, em que a Augusta Casa de Bragança augmente *em força e esplendor* no Brasil. Este he o sentimento do Povo Inglez, que logo bem se manifestou na obra de *Vindiciae Lusitanae*, que *James Bingham* publicou em Londres em 1808, quando o Universal Invasor, e Commum Inimigo do Genero Humano, Napoleon Bonaparte, ardendo em furia, por lhe escapar a Preza, e presentindo o rapido crescimento da Grandeza e Potencia do Brasil com o estabelecimento da Corte no Rio de Janeiro, por decreto em Milaõ teve a audacia de declarar -- a Casa de Bragança cessou de reinar.

Aquelle Escriptor assim diz: " A Casa de Bragança
" naõ cahio: novo dia se lhe abre no Mundo Novo:
" Ella renasce para gozar da perspectiva mais esplendida
" do que tem ornado a sua brilhante carreira.

O Lord *Liverpool*, que taõ justa influencia tem no Governo Britannico, no seu Relatorio que fez no anno de 1821 ao Parlamento em virtude da *Commissaõ especial*

encarregada de promover as Exportações de Inglaterra por mais Liberal Systema, à instancia do Corpo do commercio; officialmente affirmou o notavel facto, que, orçando-se a Exportaçaõ annual do Paiz para o Reino-Unido de Portugal ao Brasil em quarenta milhões de cruzados, tres quartos se dirigiaõ ao Brasil.

O Governo do Brasil faz contraste com o de Portugal no apreço da Honra Britannica; pois, em quanto o Congresso de Lisboa teima, contra a Reclamaçaõ do Gabinete de S. James, no espolio da posse dos Inglezes de só pagarem 15 por cento de Direitos dos Lanificios de Inglaterra, dobrando-lhes arbitrariamente a tarifa; o Gabinete da Boa-Vista mantem aquella posse, até na importaçaõ do sal, sem embargo de duvidas de Fiscaes; Ordenando, em Provisaõ de Agosto passado a fiel observancia do Tratado do Commercio de 1810, com liberal interpretaçaõ de seus Artigos, para se naõ enfraquecerem os *laços de amizade*, nem se comprometterem a *paz e armonia* de ambos os Povos.

Pode-se ajuizar sobre os negocios de que se trata pelas seguintes observações de hum acreditado Periodico Inglez Ministerial de 28 de Iulho do corrente anno (*). Ahi referindo-se à pendente contestaçaõ entre o Governo Britannico e o Congresso de Lisboa, sobre o projecto de se favorecer a importaçaõ para Inglaterra dos vinhos da França em prejuizo de Portugal, assim se indica a impotencia do mesmo Congresso em alterar a liberdade commercial de que gozaõ os Brasileiros e as Nações Estrangeiras. "O valor do commercio do Brasil he na verdade mui consideravel; e Portugal naõ he competente a dar ou tirar a sua posse, que he totalmente independente do mesmo Portugal. Se este fizesse a tentativa de restabelecer no Brasil o antigo Monopolio Colonial, *Ella seria logo seguida da Independencia desta porçaõ do Globo.*

(*) *Evening Mail.*

Absurdo seria, nas actuaes circunstancias, antolhar a huma porçaõ do Globo, que tanto avulta no Mappa do Mundo, como simples Feitoria Commercial, estreita Ilha de Sota-vento, ou agreste Sesmaria dos Tropicos. O Systema Geologico impugnava a anterior categoria, em que o Brasil estava fóra do seu nivel, só tido por appendice do territorio, bem que veneravel, do *Estado-Pai*, situado na cabeça da Europa, mas de ciscunscripto recincto, luttando com os inconvenientes de populaçaõ estacionaria, Commercio passivo, inveterados ciumes de Potencias rivaes; sobresahindo o Brasil em imcomparabilidade de meios de erguer fronte altiva, para se fazer respeitar das Nações amigas, e supplantar assaltos da inveja e malignidade de quaesquer Perturbadores Publicos.

CAUSA DO BRASIL.

PARTE III.

HONRA EUROPEA.

A Carta Regia da Abertura dos Portos do Brasil, promulgada na antiga Metropole deste Estado logo que ElRei a elle apportou em 1808, declarando a Liberdade do Commercio de todos os Generos, excepto os de Estnco Real, com as Nações que estivessem em paz e harmonia com a Coroa, se póde considerar como o *Manifesto* de Geral Benevolencia à todos os Governos e Póvos pacificos, e com especialidade aos dos Estados da Europa, para os quaes, na ordem natural das cousas, tendem os productos d' America, como objectos da permutaçaõ (na maior parte) das manufacturas dos differentes Paizes mais adiantados em populaçaõ, e Industria nas artes superiores.

Ainda por longos annos, em quanto houverem terras ferteis e baratas neste Continente, a America naõ poderà competir com a Europa em Fabricas naõ essencialmente ligadas à sua Agricultura; e por tanto naõ terá tambem as rivalidades que alli se achaõ de reciprocas prohibições commerciaes.

Além de que he de evidente interesse Europeo, que cada Estado tenha opportunidades de extender a sua Navegaçaõ em o Novo Mundo; a fim de naõ ser a Industria Nautica monopolisada pelas preponderantes Nações Maritimas.

Ainda os Estados mediterraneos interessaõ, que, estando saturados de gente, possaõ descarregar a sua exuberante populaçaõ para o Brasil, que offerece vasto prospecto aos industriosos de adquirirem propriedade e fortuna; o que he impossivel no seu limitado sólo, e no *muito cheio*, que o Prometheu d' America do Norte *Franklin* notou nas Grandes Nações da Europa, e que era talvez a principal causa das miserias, malfeitorias, e guerras, que ahi affligem a Humanidade.

Nada he preciso dizer sobre o geral das Nações commerciantes, que, sem duvida, haõ de reconhecer a indecencia de serem outra vez reduzidas á aviltante necessidade de serem indirectamente excluidas do commercio do Brasil pelo Machiavellico Plano do Congresso Ulysiponense de carrêgo de Direitos de sahida, e outras restrições illiberaes, para toda ou a maior parte das producções daquelle paiz passarem pelos funís de Lisboa e Porto, tornando tudo ao *sicut erat.*

O *Conde de Hogendorp*, que foi Ministro de Estado na Hollanda na sua obra de 1817 sobre o Systema Colonial da França, assim diz na pag. 166.

" O Brasil foi emancipado pelo mesmo Principe Regente de Portugal. Por este Acto, taõ generoso, como arduo, mudou a Colonia em Estado independente, e preferio o Sceptro de hum Bello Imperio ao de hum pequeno Reino,

" O extremo rigor do Systema do Exclusivo Nacional, exercido pela Hespanha sobre as suas Colonias, foi o que retardou a sua prosperidade, civilisaçaõ, cultura, industria, e em fim tudo o que contribue á felicidade e ao *bem sêr* dos homens reunidos em sociedade. Este Systema he agora a causa principal do espirito de insurreiçaõ e de revolta, manifestado em todas as partes deste Colosso Colonial. Por este resultado se póde considerar o valor dos principios anti-sociaes, ou, ao menos, anti-commerciaes. ,,

" O Brasil nos dá o exemplo de huma Politica differente. O Monarcha deste Paiz, logo que a elle

chegou, abrio os seus portos ao Commercio de todas as Nações: mas tambem o Brasil tem mudado de natureza; de Colonia veio a ser hum Estado independente, e, por assim dizer, Metropole. A transmigraçaõ da Corte e da Séde do Governo ao Rio de Janeiro, que a constituio a *Capital da Monarchia*, havia de necessariamente effeituar esta mudança, que naõ pode deixar de ter consequencias as mais favoraveis à este rico Paiz. "

" Os Inglezes tinhaõ começado por obter esta liberdade do Commercio para si, como hum favor exclusivo (*); mas o Governo Portuguez tem mui sabiamente extendido esta Policia á todas as Nações, que a consideraõ quasi como huma *Emancipaçaõ.* „

" Se o Governo do Brasil continuar no Systema de sabedoria, moderaçaõ, e sãa Politica, sobre tudo em objecto de *Commercio e Tolerancia*, que agora caracteriza todos os seus Actos e as suas Disposições, seguramente o crescimento da Prosperidade e Riqueza desta Primeira Monarchia do Novo Mundo espantará o antigo, pela rapidez de sua marcha, e altura a que se hade elevar. "

Mr. *Chaptal*, conhecido na Republica das Letras pela sua preeminencia na Sciencia da Chimica, e que foi Ministro de Estado na França, e Inspector das Manufacturas, na sua interessante Obra da - *Industria Franceza* - de 1819 assim diz no tom. I. cap. 2.

" A trasladaçaõ da Séde do Governo Portuguez ao Rio de Janeiro tem deslocado os interesses commerciaes da Europa com Portugal; hoje convem dirigillos para

---

(*) Isto naõ he exacto; pois a Carta Regia da abertura dos Portos do Brasil de 1808 logo declarou a franqueza do Commercio *de todos os Generos, Fazendas, e Mercadorias, á todas as Nações que estivessem em paz e harmonia com a Coroa.*

os ricos paizes do Brasil — Este Paiz se hade elevar à alto grão de prosperidade, *Com tanto que o Commercio permaneça livre.*

Consta dos Jornaes de Pariz de Julho do prezente anno de 1822, que Mr. *Laine* propusera na Camara dos Deputados extender as relações commerciaes da França com o Brasil, e até o favorecer-se à exportaçaõ de seus vinhos para todos os paizes, diminuindo os Direitos. Elle mostrou o erro da antecedente economia, que só se introduzio por falta de mais bem entendidos Interesses Nacionaes.

Se Portugal pois fecha os olhos à luz do seculo, e corre temerario á sua perdiçaõ, tratando as Nações e Potencias da Europa como Cifras Politicas; ao Brasil cumpre abrir os proprios olhos, para naõ mais vêr o Astro Lusitano no seu occaso, e só orientar-se ao nascente sol da Justiça social, deixando o Congresso de Lisboa ao seu fado, e Juizo da *Quintupla Alliança*, que, em seu Novo Congresso annunciado, verosimilmente decidirá da sorte dos Estados da Europa em sua relaçaõ Diplomatica e Commercial entre si e com á America. He de esperar que a Honra Europea influa nos Gabinetes das Testas Coroadas, para que o Brasil, que sustenta a *Causa da Legitimidade*, e *da Monarquia Constitucional* na dynastia dos seus Principes Naturaes, tenha a devida contemplaçaõ, para naõ se permittir que os dictadores Ulysiponenses attaquem a sua Honra, e consumem a começada tyrannia.

Portanto he da Honra Europea, que as Potencias que congratularaõ a Corte do Brasil pelo seu Liberal Systema, o qual foi participado a seus Gabinetes, ora cooperem, em amigavel accordo, a bem da Causa do Brasil, para manutençaõ da posse em que se achaõ os respectivos subditos de gozarem do Indulto da Coroa Fidelissima, e a fim de que naõ fiquem submettidos ao Jugo do Systema Colonial, que naõ entrou em seus calculos de expatriaçaõ, e estabelecimento em terra estrangeira.

CAUSA DO BRASIL

PARTE IV.

HONRA BRASILEIRA.

CAhe com seu pezo a força sem conselho:
Força prudente em mais os Numes dobrão:
Os mesmos aborrecem valentias
De quem maldades pensa.
Aonde, aonde, vos lançaes perversos?
E á que fim as espadas recolhidas
Na bainha empunhaes nas mãos? He pouco
Inda o sangue patrio?
— Nem leões nem lobos
Tal usança tiverão, nunca feros
Senão contra outra casta. Acaso cegos
O furor vos arrasta,
Ou maior força, ou culpa? Respondei-me:
Calão-se, e a baça pallidez os rostos
Lhes tinge, e a mente attonita se assombra.
He assim crueis fados,
E da fraterna morte a atrocidade
Os Irmãos agitão?

Hor. Od. trad. A. R. S.

O *Manifesto da Nação Portugueza* aos Soberanos e Povos da Europa no fim do anno de 1820, foi lido com tal soffreguidão e alvoroço pelo geral enthusiasmo do Projecto da Liberdade Constitucional, que quasi todos os Leitores ahi nada virão senão a esplendida Promessa de *Paraizo reganhado*, depois do *Paraizo perdido*. Porém alguns espiritos rectos, e vedores no futuro, logo o conceituarão como solapado *Manifesto de Guerra* ao Brasil, e isto pelas razões obvias, 1.ª de alli se considerar o Corpo do Povo Lusitano só como o exclusivo complexo dos subditos da Coroa residentes no original Patrimonio da Monarchia: 2.ª de se lhe não dar o Titulo e Predicamento de *Reino;* 3.ª de mencionar-se por vezes o nome com visivel despeito e rancor, attribuindo-se absurdamente a decadencia de seu commercio, e industria na Europa á abertura dos Portos Brasileiros, com vil inveja julgando-se ser a *plethóra* do Brasil a causa da *atrophia* de Portugal.

A Invasão da Bahia por Tropas de Portugal; a Ameaça de Expedições Militares em annuncios e preparativos publicos em Lisboa contra o Brasil; a furiosa vociferação dos Dictadores do Congresso Ulysiponense contra o patriotismo das energicas Provincias deste Reino; a horrida sentença *(indicta causa)* por elles proferida contra o Successor da Monarchia Lusitana; os panegiricos das atrocidades dos Proconsules *Regos*, *Avillez*, e *Madeira*, figurados como Benemeritos da Patria, e Martyres da Honra, na verdade, e sem a menor duvida, importão em *Declaração de Guerra* á *Terra da Santa Cruz*, e ao seu Perpetuo Defensor, inaugurado pelo *Voto Commum* do Povo Brasileiro, que não se acha sob o poderio da Força com que a Cabala Anti-Brasilica ainda seduz e opprime as Provincias do Norte.

Vendo-se assim desenrolado o Novo Alcorão, e alçado o Alfange dos Thaumaturgos Peninsulares, que, blasonando dos tempos de seus Nunos, Albu-

querques, e Castros, ainda agora, em tantas luzes do seculo, tentão firmar no Brasil o *Systema de Morte*, que fez odioso na Sociedade o *Nome Portuguez*, aniquilou o seu Imperio na India, exterminou da China, e Japão o Culto Catholico, e reduzio os seus Portos n' Asia, ainda na Capital da otrora *Goa Toreada* á pestiferos cemeterios; he força que a Honra Brasileira clame por Auxilio aos Ceos e a Terra, e defenda a Causa da Justiça Propria, e da Civilisação do Mundo, no Tribunal da Sociedade. He de esperar que não seja voz clamante em deserto.

Nada ha que admirar: isto não he mais que o desenvolvimento do Drama Jacobino, e a *imagem revelada* dos Mysterios Eleusinos do *Conselho Militar do Porto*, que tambem trouxe á Portugal o *seu S. Bartholomeu* *, no mal escolhido, e tão aziago e fatidico Dia de 24 de Agosto de 1820; Dia de infausta memoria e terrivel recordação nos Annaes da Sociedade, e Religião, pela carnificina que succedeo na França, imitada depois na sua decantada Revolução, eterno opprobrio do Paiz antes distincto pela sua lealdade e urbanidade. O concentrado e implacavel *odio Europeo-Colono* estourou em fim com infernal elasticidade contra os *Filhos do Brasil*, que antes não podião entrar na carreira da Magistratura, sem impetrarem especial Graça por hum Decreto emphaticamente intitulado de *Patria Commum.* Pais desnaturados olhão com horror ao fructo das proprias entranhas; até se póde dizer com hum Poeta Mineiro:

O demo que o formou lhe teve medo.

---

* Em Portugal o vulgo diz que no dia de S. Bartholomeu *anda o diabo solto*: este dito parece allusivo a cruel matança, que nesse dia se fez em París, e em todo o Reino nos suspeitos de heterodoxia. Isto não se entende com a Feliz Empreza da Regeneração Politica, objecto do Voto Commum.

O coração me salta e rebenta no peito, e não posso á sangue frio escrever com serenidade neste assumpto. Poucas reflexões submetto ao Publico illustrado.

Não obstante o Ministerio arbitrario do extincto Governo, que não dava plena confiança ás Nações, só pelo estabelecimento da Côrte no Brasil o Mundo he testemunha dos seguintes notaveis factos: 1.° Era já visivel neste Continente o progresso e o melhoramento da população de progenie Europea, de que tanto se ha mister: 2.° Ainda nas classes infimas, que, vivem em condição servil pelas más leis de Portugal, que introduzirão, e arraigarão o Cancro da Escravidão nas partes vitaes do Corpo Politico, á sua sorte se mitigou tendo mais favoravel passadio, vestiario, e tratamento: 3.° Em toda a parte muito cresceo a Agricultura, e Industria, e ainda a Navegação, especialmente de Cabotagem, de que não póde haver mais evidente criterio da verdade, do que as multiplicadas Casas de Seguro na Bahia, e no Rio de Janeiro; mostrando-se, só nestas, pelos Registos da Provedoria nos ultimos annos terem montado á mais de trinta milhões de cruzados os valores segurados, sendo aliás notorio, que muitos outros Seguros se fazem em tratos confidenciaes, e que muitos especuladores os não fazem confiando na sua boa fortuna: 4.° As Cidades Maritimas principalmente mudarão de face, pela multidão e elegancia em Edificios, Mobilias, Equipagens, Festas, Theatros, Bemfeitorias Publicas e particulares, Rendas do Estado, e dos individuos &c. 5.° O Estabelecimento do *Banco*, por hum prodigio, sem exemplo, em breve adquirio vasta e solida confidencia, não obstante luttar com a pirataria financeira e administrativa de Polyphemos notorios; começando esta Capital logo com hum esplendor de giro interno, qual não existio nos elementos do Banco de Londres; sabendo-se manear a *Arma do credito*; o que nunca Portugal conseguio com sette seculos

de governo de sua Monarchia, atravessada e encantoada com Monopolios de Companhias, e Estancos da Coroa e Casa Real.

Pelos fructos se conhece a Arvore. Eis os bens evidentes do Systema Liberal introduzido, ainda que longe de ser perfeito! Eis a Arvore da vida e Prosperidade do Brasil, que o Congresso de Lisboa quiz e se obstina destroncar! Já he immenso o mal feito com o regresso da Côrte para Lisboa; mas a Náo do Estado ora deo fundo no Cabo da *Boa Esperança*, seguro pela Anchora da Regencia de S. M. I., que ha de cumprir Sua Palavra Real = *Como he para bem de todos*, FICO. =

A' vista disto ainda pertende Portugal, que o Brasil faça renuncia de seus Direitos, e que demente assigne a *Autochiria* * do Paiz? Tanta gente de caracter e juizo, que alli existe, não conhecerá, que os seus bem entendidos interesses são indissoluvelmente connexos com os progressos da riqueza e população deste grande Territorio, que segurarião, pelos naturaes habitos e relações de consanguinidade, não só a certeza de extracção dos productos da terra e industria da Lusitania, mas tambem as vantagens de cazamentos, heranças e accomodações dos que viessem aqui procurar empregos de seu engenho e braço, podendo todos confiar na Hospitalidade Brasileira, tão conspicua em todas as partes deste Continente, mostrando-lhes a experiencia que podem com verdade dizer = *Na Casa de meu Pai ha muitas mansoes?*

A Honra Brasileira pois clama que se opponha valorosa resistencia á Tyrannia que se propôs espoliar o Brasil do que o Creador lhe doou.

He pois justa a nossa confiança que o Joven Heróe, agora ostente o seu Superior Entendimento, e Magnanimo Coração; e que antes siga os Exemplos:

---

* Morte pelas proprias mãos.

1.º do Imperador *Constantino Magno*, o qual, depois de traspassar a Séde do Imperio de Roma para o Bosphoro da Thracia, desejando ser o Fundador do *Imperio de Byzancio*, não voltou mais d' Asia para Italia, e perpetuou a Imperial Dynastia na Augusta Familia Flaviense por dous seculos, só extinguindo-se esta pela enthronisação da Tyrannia: 2.º de *Pedro Grande* da Russia, que, mudando a sua Côrte central de Moscow para centenas de legoas á Estancia Maritima, fixou a Séde do Imperio no fundo do Baltico, fazendo a Nova Capital de Petresburgo.

Finalmente cumpre aos Altos Destinos do Senhor Principe Real o ter em vista a Regra Politica de conservar a sua Côrte no Territorio Continental da Corôa, onde se reunem todas as vantagens dos vastos Imperios, e onde tem *Indefinida Herdade em Esperança*. O judicioso *David Hume* na sua Historia de Inglaterra, expondo o notavel facto do Rei Henrique V., quando conquistou a Monarchia Franceza, sendo acclamado Rei do Reino Unido da Gram-Bretanha e França; diz: " se aquelle Monarcha não fizesse a paz, a Inglaterra viria a ser provincia deste Paiz, pois que necessariamente o vencedor estabeleceria a sua Côrte no Continente. „

A Honra do Brasil está pura e esplendida em reconhecer os Principios Politicos: 1. quasquer que forem as fórmas do Governo, o *melhor he o mais bem administrado*, tendo os subditos a maior segurança das pessoas e propriedades; a conveniente franqueza das convenções; e a elevação na carreira dos Empregos do Estado em proporção aos meritos: 2. nenhuma fórma simples de Governo he boa e propria á estes fins, mas sim a da *Constituição Mixta dos tres Poderes* distinctos, Legislativo, Executivo, Judicial, sendo todavia a Authoridade Suprema fortificada em hum *Centro de Uuidade*, para ter a força necessaria a fazer o bem e prevenir o mal.

Isto he conforme á Sabedoria e Universal Lei da

Natureza, que pôz em tudo a *Potencia* no *Centro do Movimento*. Além disto a experiencia da Ordem Social mostra, que todo o poder politico tende a concentrar-se; perpetuando-se, se he não perturbado pela tyrannia.

Por isso necessariamente toda a Sociedade Civil ha de applaudir o Brasil, ameaçado do contagio dos Congressos tumultuarios dos circumvisinhos Estados Democraticos, por ter firmemente adoptado a Resolução de conservar, na sua melhor Estancia Maritima, Concentrada a Regencia do Sucessor do Trono Lusitano, para o Bem Commum do Reino Unido, e para dar confiança á todas as Nações em seu Liberal Systema de Commercio Franco. Temos já experimentado os bons effeitos daquella Resolução, pelo progressivo restabelecimento do Credito Publico, já tão vizivel no Thezouro, e Banco.

He de esperar de S. M. I., que amplifique e melhore os uteis e honorificos Estabelecimentos e Institutos de Seu Augusto Pai, já que he a Sua Imagem, e o objecto de nosso Amor, que ainda mais redobrou depois que o Ceo Lhe concedeo o ver á luz no Paço da Boa-Vista a Primogenita do Brasil, com outros Penhores da Dynastia de Bragança. Assim serão verificados os elogios, e cumpridos os Votos, dos Sabios da Europa, bem expressos pelo amavel Escriptor Inglez da Historia da America (Robertson) e por hum dos illustres Politicos da França o Ex-Arcebispo de Malines (Mr. De Prat).

O caracter religioso e constitucional, a filial veneração á seu Augusto Pai, a candida Fé Portugueza, são as suas qualidades tão notorias, que não admittião scepticismo no Congresso. Bastava o facto de ter sido este Joven Heroe, não só o Mediador para Sua Magestade adoptar a *Grande Causa* da Regeneração Politica, mas tambem o Que *sempavôr* se apresentou á frente da Força Armada em 26 de Fevereiro do anno preterito, para evitar o então amea-

çado movimento irregular da Tropa; sendo o Que *Primeiro* Proclamou a Nova Constituição.

O Theor da sua Regencia tem sido conforme á santidade do seu Juramento: e á circunspecção e liberalismo com que ella tem sido exercida, esta Provincia do Rio de Janeiro deve a sua salvação e tranquillidade, de que tem participado as Provincias circumvizinhas, que tem reconhecido o seu *Titulo*, de Defenssor Perpetuo do Brasil.

Que premio se deo, e se propoz no Congresso, á Sua Alteza Real? A ignominiosa Mercê de Predicamento anonymo, e precario Governador, taxando-se-Lhe o Districto desta Provincia, como antigamente o Legado Romano circunscrevia o circulo na terra aos Reis da Capadocia e Bythinia.

Que ingratidão e indifferença á tão assignalado merito? Que vãa metaphysica dos que negão ao Poder Executsvo o Direito de Nomear seu Delegado (*Pro-Rex*) em remoto Reino! El-Rei de Inglaterra George III. assim Nomeou a hum de seus Filhos, Irmão de Sua actual Magestade George IV., para o Reino de Hanover, em que está conservado, sem que a validade da Delegação entrasse jámais em duvida na cabeça de Professor de Direito Publico. Nem póde a este respeito fazer differença a Monarchia absoluta da constitucional.

CAUSA DO BRASIL

PARTE V.

HONRA FLUMINENSE.

AGora, ó Compatriotas benevolos, permitti que em universal Parabem nos congratulemos de ver em fim realisado o que só estava em cordial *Voto*, quando em Fevereiro do corrente dei á luz a Parte I. da Reclamaçaõ do Brasil, dirigindo entaõ ao Sr. D. PEDRO D' ALCANTARA a seguinte minha supplica:

„ A Patria está em perigo: trata-se da sorte e in-
„ tegridade da Monarchia Constitucional. Cumpre á V.
„ A. R. dizer com Alexandre Magno = Os nossos momen-
„ tos naõ esperaõ lentos remedio. = Peço da minha parte,
„ instante e instantissimamente, como fiel e minimo sub-
„ dito, que V. A. R. naõ abandone a Estancia de Hon-
„ ra em que a Providencia o Collocou. Este Paiz naõ
„ se deixa por coiza nenhuma. Amparai, Senhor em Maõ
„ vigorosa a queda do IMPERIO BRASILICO: e se,
„ por maos fados, as nossas esperanças forem baldadas,
„ possa ao menos, V. A. R. dizer com o celebre Prin-
„ cipe cahido em poder de seus inimigos, escrevendo
„ à sua Esposa = *Tudo he perdido, menos a Nossa*
„ *Honra.*

Felizmente nada se perdeo, tudo se ganhou, pela cordial Concordia do Real Heroe com a Vontade do Povo do Rio de Janeiro (unanime á das Provincias da Santa Cruz) que, prezando a Honra do Loco-Tenente d' ElRei, que se acha sob o impio poderio do Congresso Ulysiponense, e naõ soffrendo o menor eclipse na Propria Honra; ostentou em 12 de Outubro *Grandeza de Espirito*, Acclamando-O — Imperador Constitucional, e Perpetuo Defensor do Brasil —; e em 30 do mesmo mez *Firmeza de Caracter*, dando golpe herculeo ao Dragaõ democratico, que ousou levantar o cabeça no Imperio do Equador.

Ainda que a Honra Brasileira imperiosamente dicte, desde o Amazona até o Prata, o sustentar a Independencia do Brasil, proclamada pelo seu Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo, parece com especialidade interessar esta Empreza Politica a Honra Fluminense; por ter sido a immediatamente attacada pelos dictadores de Portugal, com insultos intoleraveis, e destinados a deprimir a Dignidade da Capital do Imperio do Equador, e onde se achavaõ os mais importantes Estabelecimentos da Nova Corte, que vio surgir, como Aurora, a *Roma Americana*.

Contra esta he que directamente se expediraõ as Leis e ordens do Congresso e Governo, para o Regresso do seu Principe; para a Aboliçaõ dos Tribunaes; para o espolio dos Armamentos Navaes dos Estados; para a nullidade da Academia da Marinha. Ella foi a Testemunha, e esteve em perigo de ser a victima, das insolencias do satrapa Militar, *Avillez*, que, armado com systema de terror, de conloio com a Tropa de Portugal, naõ sô exterminou o Ministro de Estado, de Nomeaçaõ d' ElRei, extorquio a installaçaõ de huma *Junta Arbitraria*; e fez a insidiosa Tentativa da sorpreza da Real Pessoa no Theatro, com tal escandalo e pavor, que impellio o povo a sahir tumultuario deste Asylo, respeitado em todas as Nações cultas; excitando-se a memoria do hor-

rido fado do Principe Real, Duque de Berry, no Theatro de París; mas até se arrojou à tyrannia de se apoderar, com invasaõ nocturna, do *Morro* do *Castello*, que domina a Cidade, d' onde podia causar a sua ruina, se a Honra Fluminense, tendo plena confiança no caracter resoluto de seu Regente, naõ armasse, de instantaneo impulso e unanime acordo, as Milicias da Praça, que apresentaraõ no campo huma Phalange Macedonia, que aterrou os Peninsulares, forçando-os a se retirarem para a Praia Grande; donde igualmente, á viva força, foraõ compellidos a sahīrem pela Barra fòra pela Ordem Imperial do salvador do Paiz. Sò por esta proeza conviria daqui em diante intitular-se o Rio de Janeiro-a *Petropole*-; podendo-se dizer com verdade, que d' Elle se naõ teve a Fundaçaõ Primordial, sem duvida obteve a Resurreiçaõ Civil.

Póde alguem de senso commum pensar, que, se S. A. R. não fosse o nosso Regente, serenarião taõ felizmente as tempestades que tem apparecido sobre as nossas cabeças? Enganaõ-se os que fantasiaõ, que póde haver regularidade e estabilidade em novos governos, só entregues à novas máos de pessoas subidas à altas Estações com a *sua grandeza não preparadas.*

A sciencia politica mostra, que ha *causas naturaes*, que dão authoridade legitima, e bem acceita, que não dependem do humano arbitrio. A Historia está cheia de calamidades procedidas de installações de governos repentinos de usurpadores, ou de eleitos individuos, ainda de merito, mas não de habitual respeito dos povos, por falta de seu reconhecimento, e de titulo hereditario. Ao contrario, os Principes de talentos, e bem quistos, concluem grandes feitos, e alcanção espontanea obediencia, só, por assim dizer, com a vanguarda do seu Nome, e a Memoria dos Progenitores. Particulares illustres por saber o esforço muitas vezes, com centuplicados meios, nada fazem. S. M. I., além da sua inclyta Ascendencia, e feliz Genio, que lhe inspira o

amor da humanidade, e o dezejo de bem fazer, e illustrar o Brasil, tem, como o *Halo* (*) do Sol, o esplendor do Circulo das Reinantes Casas Reaes e Imperiaes, com que está enleiado em vinculos de Consanguinidade; o que Lhe dá consideraçaõ e reverencia entre naturaes e estrangeiros. As chiméras do seculo naõ podem tirar estes sentimentos arraigados no coraçaõ humano, e o seu irrresistivel influxo na Supremazia, e obediencia.

Por isso desadoro contra os Politicos do Congresso, que naõ avaliaõ os Perigos da retirada do Sr. Principe Regente, (ora S. M. I.,) vendo tantas innovações dos Estados democraticos ao Norte e Sul da America, naõ olhando aos *sinaes do tempo*, e ao *cariz* do *Ceo*, segundo a phrase do Genio Nacional Luso-Brasilico, *Vieira.*

Naõ ver o Congresso a necessidade de hum centro unico no Brasil para o seu Governo Politico, e nelle Regente o Principe da Naçaõ, he *ver nada.*

O Brasil bem conhece a *Doutrina do Arcano* dos Dictadores do Congresso; e muito mais depois que contra as Bases da Constituiçaõ, e contra o Systema Constitucional de todas as Nações livres, mostrando desconfiança do Poder Executivo, em hum dos artigos da Constituiçaõ definitiva se tem assentado ser o Generalissimo da Força Armada, de Nomeaçaõ sua, e naõ de ElRei. Do que he facil de ver, que (em pensamento occulto) se medita enviar-nos Proconsules Militares, ou Commissarios á *Franceza*, Satrapas semi-turcos, quaes Bachàs de trez caudas; visto que tanto se tem empenhado grande numero de vogaes em desacreditar as duas respeitaveis Ordens do

---

(*) Circulo luminozo que as vezes apparece no Sol e em outros astros — Até dous Evangelistas preludiaraõ a vida do Salvador do Mundo, descrevendo a sua genealogia, como descendente de Reis e Patriarchas.

Estado, da *Nobreza*, e *Magistratura*, e elevar até os Céos a Ordem Militar. Diziaõ os da Commissaõ do Congresso, cheios de sí.

,, He pasmozo que se queira a conservaçaõ de Tri-
,, bunaes, que tanto pezo fazem à Naçaõ, e que estaõ
,, em perfeita contradicçaõ com o Systema representativo
,, por ella admittido. Huma Representaçaõ formada dá flór
,, da Naçaõ naõ ha mister escorar-se nas formulas decre-
,, pitas de corporaçaõ permanente.

He pasmozo ver assim inculcar-se taõ cavalleiramente no Congresso, com escolasticos epigrammas, superioridade Censoria, contra factos taõ notorios em Estados deste Systema. He pasmozo só achar-se tanto pezo em taõ poucos Tribunaes, que ha no Brasil, e nenhum pezo em tantos Estabelecimentos Militares, maiormente de Portugal, que com tanta jactancia assoalhou de proximo em sua conta o Ministro da Guerra em hum Reino taõ pobre, e em que o Congresso tanto tem attacado o Commercio Estrangeiro, grande manancial das Rendas.

Por ventura Inglaterra, de taõ louvado Systema Constitucional, derribou os seus Tribunaes (*Bench of king*, *Courts of Justice*, *Court of Consistory*, *Admiralty* &c.) ainda quando melhorou a sua Constituiçaõ no fim do Seculo XVII? O seu Governo, que sabe o influxo que o Commercio tem na riqueza e potencia das Nações, elevou o Tribunal de Commercio de Londres (*Board of Trade*) a fazer parte do Conselho Privado de ElRei. Os Estados Unidos da America tambem tem seus Tribunaes semelhantes aos da Gram-Bretanha. O Governo da França da Nova Constituiçaõ do Imperio, pelo seu Codigo de Commercio, creou em 1806 Tribunaes de Commercio nas Praças Maritimas. Naõ consideraõ estas Nações Letradas serem os Tribunaes o *luxo da Ordem social*, mas os baluartes da *primeira necessidade*, para Alta Administraçaõ da Justiça, Equidade, e Mercê; e para dar estabilidade às cousas, e confiança aos povos; até por isso mesmo que, de *má graça*, os Commissarios

daõ o rotulo de *decrepitas Corporações permanentes*, *para quem o dia de hoje he como o de hontem.* Nisso mesmo está, pela veneravel antiguidade, a sua excellencia, e influencia no respeito dos povos á todas as Authoridades constituidas, que mantem o socego do povo, e enfreia as exorbitancias á que se arrisca, pelas falsas, ou exaggeradas, idèas da liberdade e igualdade, de que he propenso a abusar.

Por ventura nada vale o Principio da *Divisaõ do Trabalho* na Administraçaõ Publica, e nas Repartições differentes? Hoje em nenhum paiz culto se crê em Encyclopedistas, que sabem-tudo, ou aspirantes à Sciencia infusa, sendo aliàs de diversas e difficeis profissões, e modos de vida, ainda que por *flor rethorica* se lhes dè o adulatorio titulo de *flor da Naçaõ.* Naõ se contesta que no Congresso ha Membros probos, e dontos; mas alguns enthusiastas, e falladores atroaõ, e enganaõ a Populaça; e bem se lhes applica o que disse o Consul de Roma = *somos impostores*, *e parecemos oradores.* = Os apostados nas Galerias cuidaõ estar na Panpulha; sendo gentes de *páda e touros* — *Panem et circenses.*

Nem a Lei para a a substituiçaõ dos *Juizes de Facto* he incompativel com a existencia de Tribunaes bem regulados. Além de que essa Instituiçaõ de Inglaterra he ligada à outros antigos usos, costumes, e institutos, que naõ se accordaõ com os nossos; e por isso he de difficil estabelecimento, e sò a diuturna experiencia pòde mostrar a sua praticabilidade. Bonaparte prognòsticou, que tal instituiçaõ nunca se naturalizaria na França.

No Brasil està reconhecido o embaraço, pela notoria repugnancia, ainda nas causas de commercio, dos Homens de Negocio em acceitarem a Commissaõ de Arbitros, pois sejaõ nomeados pelo Tribunal.

A caridade bem ordenada deve principiar por casa. Deitem-se abaixo primeiro em Portugal os Tribunaes, e se introduza differente Systema judiciario, e entaõ depois pelos fructos veremos se he boa a Arvore.

Seria precizo alterar todo o Systema da legislaçaõ, e ainda violar os Tratados, extinguir as companhias de Seguros, e empecer ao Systema do credito do paiz, que tanta honra lhe faz, se tambem se pozessé o machado à raiz da Casa da Supplicaçaõ, e da Junta do Commercio; pois atè se impossibilitaria o Privilegio dos Inglezes de sò darem recurso os seus Conservadores para aquelle Supremo Tribunal, e o Privilegio das Praças do Brasil nas demandas de seguro, liquidações de dividas, apresentaçaõ de Fallidos. &c.

Emfim a Honra Brasileira interessa em sustentar o que bem disse o Arcebispo de Malines na sua Obra sobre o *Congresso de Vienna*:

" Huma nova Scena foi aberta na Europa. O que os Hollandezes se propuseraõ a executar, quando Luiz XIV trovejava às portas de Amsterdam; o que Filippe V. projectava, quando a fortuna contraria parecia entregar a Hespanha à sua rival; o que o resoluto Pombal aconselhava, quando Lisboa engolida pelo terremoto parecia naõ assentar senaõ sobre hum abysmo; o que Carlos IV. hia emprehender depois de, jà muito tarde, esclarecido sobre a sorte que lhe estava preparada; foi executado pelo Principe do Brasil. Delle he que veio o exemplo dado aos Soberanos da Europa para unanime Confederaçaõ e Resistencia ao Despota da França ... A sua passagem de Portugal ao Brasil he hum successo que exercerá a maior influencia sobre o destino do Mundo. A Nào que o levou ao Brasil, alcançaria entre os Gregos ainda mais honras que a Embarcaçaõ que transportou a Jason, e a seus Argonautas. O novo Rei da Monarchia Lusitana he o Conservador da Realeza na America, e o seu ponto de Apoio. Os Thronos da Europa à Elle deveràõ essa obrigaçaõ ... Portugal naõ tem mais Colonias na America: ora tem tudo a ganhar, e nada a perder. O Soberano deve agradecer ao Cèo de o levar á suas terras sem limites de espaço e de riquezas, para encher os destinos preparados à Humanidade,,

entrando agigantado na Politica do Universo, e constituindo-se Independente. Eis a Graduaçaõ sublime á que o chamava o Proprio Interesse bem entendido. ,,

„ Já as Filhas do Soberano da Corte do Brasil vieraõ assentar-se nos Thronos de Europa: a Filha de Cesares vai associar-se ao Sceptro do Brasil; outras as seguiráõ: e os dous Mundos, confundindo o seu sangue, em lugar de o derramarem mutuamente, substituiráõ os laços de familia ás cadeias de que éraõ carregados; e assim aproximaráõ a Humanidade para o destino que o Céo lhe tinha assignado, quando a creou, e éra compor huma só Familia, animada dos mesmos sentimentos, pois que a tinha dotado das mesmas faculdades.

CAUSA DO BRASIL

PARTE VI.

HONRA AMERICANA.

ARmamentos e Thesouros naõ saõ os Presidios do Reino, mas os Amigos (*). Na crise em que se acha o Brasil, convem ter em vista esta *Maxima de Estado* de hum velho Politico Romano, que, antes de tudo, aqui recordo para *Perpetua Memoria.*

Von Martens, Collector dos Tratados que constituem o Direito Publico Convencional da Europa, na sua Obra do Compendio da *Lei das Nações*, no Liv. III. Cap. II. Sec. X, mostra com exemplos, que, quando algum Povo, em todo ou em parte, formalmente recusou continuar a obediencia ao seu Governo, e, de facto, está na posse da *Independencia* que tiver proclamado, qualquer reconhecido Estado Independente tem

(*) Non arma, neque thesauri, regni præsidia sunt, verum *amici* : quos nec armis cogere, nec auro prarare queas, officio et fide vinciuntur. — Sallust.

Jus de lhe prestar auxilio, se julga que tal Povo *tem a justiça de sua parte.* Por este principio varias Potencias da Europa prestaraõ auxilio à Suissa, Hollanda, Portugal, e á America do Norte, reconhecendo a injustiça com que eraõ opprimidos pelos seus Governos de que se declararaõ Independentes.

No parallelo entre a justiça dos Anglo-Americanos e os Brasileiros para declararem à Sociedade a sua Independencia, as razões em favor do Brasil muito preponderaõ.

Baste indicar os seguintes pontos.

O Governo Inglez sempre foi mais favoravel à suas Colonias no Systema de Administraçaõ politica e economica em dous Capitulos essenciaes. 1.° de lhes conceder o Privilegio de terem suas Assembléas Coloniaes, onde só se podiaõ impôr tributos ao Povo, com inteira immunidade do Ministerio e Parlamento Britannico: 2.° de lhes permittir livre o Commercio para todo o Mundo, excepto em artigos que se diziaõ *enumerados*, mas naõ éraõ estancados para o monopolio da Metropole.

O Brasil nada disto jàmais teve; antes, com a vinda da Corte, supposto se dèsse, pela evidente necessidade, e irresistivel força das cousas, franqueza ao commercio, se reservaraõ logo os *Estancos Reaes*, e se imposeraõ novos e onerosos tributos, até os reprovados por todos os Economistas Politicos, por naõ recahirem sobre o redito, mas attacarem o *Capital*, como a decima das heranças; requintando o Ministerio monoculo sobre o Conselho do destroidor da Liberdade Romana, (Augusto) que aliàs se contentou sò com a *vintena* dos bens hereditarios (*Vicesima haereditatum.*)

O Governo Inglez èra hum Estabelecimento Politico firme, e reconhecido havia perto de hum seculo por todas as Potencias: Mostrou-se com senso de justiça, conciliaçaõ, e benevolencia ás suas Colonias, reparando-lhes logo o 1.° aggravo de que se queixavaõ, derogando o Par-

lamento o *Stamp Act*, tendo os Americanos por Advogado de sua Causa o celebrado Lord *Chatam*, Pai do Ministro que depois tanto se afamou na sua Resistencia à Revoluçaõ Franceza: Nada disto o Novo Governo de Portugal.

O Governo Portuguez actual éra hum Estabelecimento de innovaçaõ total da Monarchia, naõ só naõ reconhecido, mas atè rejeitado pelas Potencias do Continente da Europa.

Naõ sò naõ fez acto algum de reparaçaõ das suas notorias irregularidades e violencias contra o Brasil, e contra seu Regente, Loco-Tenente d' ElRei, naõ obstante as Representações dos Povos e Reclamações de seus Representantes no Congresso, (onde parece que sò foraõ admittidos para espectaculo de ludibrio publico, e serem testemunhas da negra perfidia com que se violou o Artigo 21 das Bases da Constituiçaõ; mas até, com incomprehensivel malevolencia, podendo fazer o bem, fez o mal, para destruir o cedito do Banco do Rio de Janeiro, que jà tinha *Filial* na Bahia, e à que estava entrelaçada a fortuna publica e particular (o qual èra credor de milhões ao Governo de ElRei); fazendo os Dictadores do Congresso a mais iniqua e odiosa inhibitoria da Negociaçaõ que este Monarcha authorizara para Emprestimo à beneficio do antes taõ esperançoso Estabelecimento, offerecendo em garantia diamantes da Coroa, bastando aliás huma só Palavra de sua garantia para restabelecr a Confiança Publica.

Os Anglo-Americanos declararaõ a sua Independencia da Metropole, quando prevaleceo no Ministerio e Parlamento Britannico a intitulada Cabala do Lord North, que enviou á *Boston* huma Esquadra com Tropas de desembarque para bloquear o porto, e subjugar o paiz; tendo-se alli antes commettido os excessos populares de se lançarem ao mar carregações de Chá, atè queimando-se Livros d' Alfandega. No Brasil naõ houve excesso algum

semelhante da parte do povo; e só se oppoz *força* á *força* contra as Tropas de Portugal, que tentaraõ espesinhar o Paiz, taõ subordinado e hospitaleiro, que lhe soffreo insultos, attentados, e mortandades, que clamavaõ ao Céo por vingança.

Em fim a Honra d' America se ostentou na dita Capital da Virginia, que deo impulsaõ ás 13 Provincias que se confedêraraõ em 1770 para resistirem á Tyrannia Metropolitana; em *Preçes Publicas* orando ao Eterno Regedor da Sociedade, que dèsse a todos *hum só espirito, e hum só coraçaõ*, para se libertarem de seus oppressores, e estabelecerem Constituiçaõ Propria.

Eis as identicas, e ainda superiores, circunstancias em que se achaõ os Brasileiros para esperarem os convenientes auxilios da Honra Americana, a fim do triumpho da *Causa do Brasil.*

O nosso Imperador jà na Carta de 14 de Março dirigida à seu Augusto Pai, declarou que considerava como seu Auxiliar o Governo de Buenos-Aires, de que o mesmo Monarcha fez formal reconhecimento. O Imperio do Brasil pòde contar com este Amigo nas fronteiras do Sul; pois tem guardado as convenções sobre a occupaçaõ do Vice-reinado de Monte-Video. Os Estados Unidos ao Norte d' America devem ser outro especial Amigo deste Novo Imperio, onde se tem dado o mais liberal accolhimento aos seus Concidadaõs, Navios, e Carregamentos. A differença dos Systemas, só distinctos em fòrmas, e unanimes nos grandes e liberaes principios de Administraçaõ, naõ he motivo para desintelligencia e desamor; porque, pelo espirito do seculo, e idèas generosas do Genio d' America, a sabedoria do Governo he a solida garantia da tolerancia e reverencia dos mais Governos de qualquer Parte do Mundo; estando hoje todos certos na transcendental Regra Politica, que a Organizaçaõ Civil na Distribuiçaõ dos

Poderes essencialmente depende da Opiniaõ Publica de cada Paiz, a qual he o resultado da variedade de habitos, usos, circustancias locaes, antiguidade de estabelecimentos, e modos de pensar dos Povos. Por isso ora vemos ao Governo de Wasingthon fazer o Reconhecimento naõ menos dos Estados democraticos d' America, que do novo Imperio do Mexico de Monarchia Constitucional moderada.

O Governo dos Estados unidos do Norte jà fez exemplar Reconhecimento Diplomatico da Independencia dos Estados Unidos do Sul. A Gram-Bretanha jà tambem fez virtual reconhecimento pelo menos da Independencia Mercantil dos mesmos, admittindo os respectivos Pavilhões em seus Portos. ElRei da Hollanda jà declarou, que, logo que algumas Preponderantes Potencias continentaes fizessem solemne Acto igual ao dos Estados Unidos, immediatamente seguiria o Aresto Politico.

Os Estados Unidos tem a privativa gloria de ser a Primeira Potencia que assoalhou taõ Imperial Exemplo, e o fez com conhecimento de causa, depois de certificar-se que as Lições do Polo Arctico tinhaõ sido aproveitadas no Polo Antarctico, segundo se collige do seguinte Documento.

Relatorio de Mrs. Graham e Rodney Comissarios Americanos, enviados pelo Governo dos Estados-Unidos sobre o actual estado Politico da Republica de Buenos-Ayres, apresentado em 5 de Novembro de 1818, ora Secretario de Estado Mr. John Adams.

OS effeitos do Novo Governo se manifestaõ pela mudança sobrevinda á Sociedade. A liberdade de Commercio deu hum livre vôo à intelligencia natural dos habitantes; e as scenas activas da guerra, e da politica,

despertaraõ o genio do paiz, que por tanto tempo estivera amortecido. Póde-se dizer, que a geraçaõ, que ora está em scena, tem sido elevada á huma ordem de couzas muito nova. A massa commum das idéas entre todo o povo se tem consideravelmente augmentado; natural consequencia dos successos politicos, que se passaõ todos os dias, e aos quaes cada individuo, semelhante ao Cidadaõ de Athenas, toma o mais vivo interesse. Espalhaõ-se todos os dias Jornaes, assim como Proclamações da Junta, que he obrigada a lisongear a opiniaõ publica, para lhe fazer approvar todas as medidas. Naõ he raro ver aquelle mesmo rustico, que, alguns annos antes, apenas se occupava dos negocios de sua caza, o comprar, vindo á Cidade, hum Jornal, como huma cousa indispensavel; e quando naõ saiba ler, pedir ao primeiro homem, que encontra, o favor de o ler. Os Parocos do campo, alem disto, saõ obrigados a ler á seus freguezes os Jornaes e Proclamações do Governo. Hum espirito de melhoramento se faz sentir em tudo. Aquelles mesmos que ainda se naõ podem defender de alguns prejuizos contra a ordem estabelecida, naõ podem negar as mudanças favoraveis, que ella tem produzido. Os habitos, maneiras, costumes, e até o seo proprio modo de vida, tem sido aperfeiçoados pela sua communicaçaõ com os Estrangeiros, e pela livre introducçaõ de seus costumes, principalmente pelos dos Inglezes, Americanos, e Francezes. Hum grande prejuizo reina contra tudo aquillo que he Hespanhol. Se os naturaes do paiz saõ chamados *Hespanhoes*, ficaõ logo offendidos de maneira, que preferem ser antes assemelhados aos primeiros habitantes do Paiz. A denominaçaõ, que tem tomado, e com que se ensoberbecem muito, he a de *Americanos do Meio-dia.*,,

Duas circunstancias importantes necessariamente tem dado hum grande vôo à sua industria; a primeira he a diminuiçaõ nos preços das mercadorias estrangeiras, e a subida do preço das producções do Paiz; a segunda

vem a ser, o augmento das riquezas que tem sido conse-
consequencia disto. Sobretudo a cerca da Religiaõ he
que o espirito publico tem experimentado grandes mu-
danças. Na verdade a Religiaõ catholica he reconhecida
como a Religiaõ do Estado; mas ha muitos partidistas
da *tolerancia universal*, que naõ tem medo de expressa-
rem seos sentimentos de viva vôz, e por escrito. Muitos
Membros do Congresso a anhelaõ ardentemente; mas a
parte ignorante e supersticiosa do povo, e do clero regular,
veriaõ como para o estabelecimento da mesma tolerancia.
O Povo reconhece o Papa como o unico Chefe espiri-
tual; mas lhe denega toda a especie de auctoridade nos
negocios temporaes. A sua Bulla, que elle expedio em
favor do Rei de Hespanha contra as Colonias, que se
póde de alguma maneira considerar como huma Excomu-
nhaõ, produzio pouca ou nenhuma sensaçaõ.

O que o intitulado *Bello Espirito* da França disse
com a jovialidade de seu genio, que a Natureza poz
a Febre na Europa, e deo o Antidoto na America (*), se
póde applicar agora nas relações de hum e de outro
Hemispherio. A tyrannia arvorou no fim do seculo pas-
sado sua Mortifera Bandeira na Europa; e a America
exaltou o Cosmopolitico Pavilhaõ da Liberdade Consti-
tucional, e Franqueza Mercantil na Sociedade, para debel-
lar a Hydra do despotismo Politico e Commercial. A Hon-
ra Americana se tem mostrado acrisolada no Theatro da
Civilisaçaõ, tendo-se mostrado á Humanidade ser a *Magna
virum Mater*, e, por assim dizer, a Matriarcha da Inde-

(*) *Il murit a Moka, dans la sable Arabique,*
Ce Caffé necessaire aux pays des frimats;
Il met la Fievre en nos climats,
Et le remède en Amerique.
Epitre au Roi de Prusse 1750.

pendencia do Mundo. O seu prolifico exemplo tem occasionado a Nova Constellaçaõ de Governos Constitucionaes desde o *Golfo* do Mexico atè a Terra do Fogo: e he facil de vêr que a Liga Transatlantica muito excederá em força e esplendor a *Amphictoynica* e *Anseatica*, que aterrou em antigos tempos o Barbarismo Asiatico e Europêo. O Brasil ja ora póde dizer a *Obra está Consumada.*

Agora em fim resta lembrar aos Concidadaõs a Parenètica do Panegyrista de Trajano; — como a Natureza naõ nos concede viver por muito tempo, façamos alguma couza em que se deixe testemunho do que naõ vivemos em vaõ para a Patria.

CAUSA DO BRASIL

PARTE VII.

OBSERVAÇÕES

DE

Mr. *De Pradt*.

HAvendo *Mr. De Pradt*, Arcebispo de Malines (que acima citei) adquirido celebridade neste seculo desde que deo à luz a sua Obra = *Tres Idades das Colonias* = e outros escriptos sobre os Negocios Politicos com que, pela ordem natural das cousas, vaticinou a final *Independencia* do *Continente Americano*; ainda que a sua authoridade naõ seja bem acceita nos Gabinetes dos Estados Metropolitanos, que se tem arrogado oppressiva supremazia sobre os seus Estados Coloniaes; comtudo, sendo Escriptor popular em o Mundo Novo, e os prodigiosos successos deste Hemispherio quasi tem realizado os seus agoiros, e jà foi citado no *Manifesto* que o Povo do Rio de Janeiro

fez em 9 de Fevereiro do corrente anno; porisso aqui offereço os seguintes extractos da sua nova obra deste mesmo anno, publicada em Paris com o titulo d' *Europe et L' Amerique*.

" Portugal apresenta hum quadro quasi em tudo semelhante ao de Hespanha. — Huma Insurreiçaõ Militar produzio a sua Revoluçaõ como na Hespanha: sendo huma e outra concebida no despotismo, ambas nasceraõ sob a Bandeira Marcial, foraõ adoptadas unanimamente, e seguiraõ hum andamento semelhante — A Constituiçaõ Portugueza nos seus traços principaes he a da Hespanha, porém mais restrictiva da Authoridade Real. ,,

" Depois de algumas irregularidades, indispensaveis em huma completa mudança do Estado, fez-se a obra Constitucional. As Cortes foraõ convocadas sem collisaõ, e em 20 de Janeiro de 1821 Portugal teve suas Cortes Constitucionaes. Como a Constituiçaõ he para o Estado o que o alicerce para o Edificio, as Cortes logo trataraõ de a fazer. ,,

" O Brasil entendeo naõ dever ficar sem Constituiçaõ á exemplo da Metropole, e seguio a mesma direcçaõ, que começou em 10 de Fevereiro. ElRei, sentindo-se apertado pela revoluçaõ geral imminente ao Brasil, creo que podia prevenir a tempestade decretando, que o Infante D. Miguel se Transportasse á Portugal como Regente.... Mas que podia este fraco palliativo, e esta procrastinaçaõ, contra o vivo e irresistivel impulsaõ que o comprimia? Este proceder lento e obliquo naõ satisfez; e a 24 do dito mez ElRei acceitou a Constituiçaõ *feita*, *e por fazer*, e Encarregou ao PRINCIPE DO BRASIL de prestar-lhe o Juramento em seu nome. ,,

" Chegando à Lisboa a noticia destes successos, e sendo apresentado às Cortes esse juramento, foi recusado com unanimidade; e (o que he mais notavel), por hum relatorio do Arcebispo da Bahia, as Cortes exigiraõ hum juramento absoluto, que naõ implicasse no

Monarcha direito algum na organisaçaõ da Constituiçaõ que as Cortes attribuiraõ a sí exclusivamente. „

" Sem duvida cada Monarcha he Senhor de fazer a escolha de sua residencia em qualquer dos seus territorios; mas, *comparando o immenso Brasil* ao *estreito Portugal*, e a representaçaõ de hum Rei do Brasil à de hum Rei de Portugal, não se póde tachar de ambiçaõ á ElRei na preferencia que deo à este paiz ... Agora deve ter a resignaçaõ de se limitar à Portugal; porque a ordem nova do mundo tem já restabelecido a *ordem da Natureza*, que havia separado a America da Europa, e que de novo decretou que a Europa jàmais reine sobre a America ... Isto he huma cousa acabada, e que nenhum poder no mundo pòde renovar. „

" Os Portuguezes tem assoalhado desde a sua revoluçaõ hum grande dezejo de reassumir a sua Categoria entre as Nações, e recobrar as suas antigas honras: nenhum sentimento pòde ser mais honorifico: a honra he para as Nações, como para os particulares, *a primeira das propriedades.*

" Hespanha e Portugal naõ saõ mais que Cabeças, e só *cabeças mui pequenas* de suas Colonias d' America. O Brasil he vinte vezes maior que Portugal. Em quanto as Metropoles se regeneraõ doutrinalmente na Europa, as Colonias d' America, aproveitando-se da occasiaõ, dos preceitos, e do exemplo, querem fazer outro tanto. Em quanto aquellas celebraõ os encantos da Liberdade, estas entoaõ hymnos em honra dessa Deosa, Geral Libertadora dos humanos; e ao mesmo tempo que os Estados-Pais revelaõ e corrigem as difformidades mui visiveis de seus governos, os Estados-Filhos, tambem, por sua vez, proclamaõ e mostraõ (o que naõ he mais difficil) a difformidade de ser a Carta Americana, de tantos paizes remotos e diversos, subordinada e dependente de pequenos Estados da Europa.

" Tudo o que a Peninsula de Hespanha diz con-

ira o Poder absoluto de seus chefes, a America o repete sobre o poder absoluto da Europa contra a America, e contra a servidaõ desta em vantagem daquella, e usa das identicas suas precauções para segurar a sua Conquista Constitucional, e consolidar a recuperada Liberdade. A America he a *parodia* completa da Peninsula.

" Na verdade naõ se sabe qne resposta racionavel possa a Peninsula dár contra a America, dirigindo-lhe esta a singella linguagem = *Nada faço se naõ o que vós fizestes ; naõ vos irriteis contra as vossas proprias obras.*

" Assim Portugal a Hespanha vêm, como no mesmo dia, o subtrahirem-se á sua Dominação as opulentas conquistas para que voaraõ nos seculos passados.

" A Emancipaçaõ das Colonias de Hespanha, junta á da America do Norte, jà mais augmentada de poder com a adquisiçaõ da *Luiziana* e *Floridas*, trarà, em pouco tempo, a separaçaõ do Canadà, e do Brasil, e de qualquer outra regiaõ do Continente d' America. Se este naõ pôde resistir somente à presença dos Estados Unidos, como poderà daqui em diante, no meio da Independencia Universal d' America, permanecer sujeita à Europa, — Pela Revoluçaõ Americana, o Mundo, pela primeira vez depois da creaçaõ, vai a aprender a se conhecer e apreciar, vendo-se livre para extrahir de seu seio os thezouros da Natureza.

" Quanto he doloroso o ver fugir tantos bens, que a razaõ veio manifestar aos olhos de todo o Mundo, e cuja *tenperança* por huma sabia disposiçaõ entre todos teria feito o bem, serviria de enlaço à todos, e teria feito brotar a paz, e estabelecer a uniaõ nos Estados que agora se abrazaõ em fogos de discordias nascidas da mesma falta de temperança e de razaõ? *Montesquieu*, o nosso Mestre de todos, o disse; e porque fatalidade ainda temos necessidade de o repetir depois delle? „

" O Brasil naõ offerecia mais que a imagem do Chàos, quando ElRei o deixou para regressar à Lisboa...

Jà seu Filho sentio os màos effeitos do regresso... Hum ponto fundamental de discussaõ existe entre Portugal e o Brasil. A presença do Monarcha faz Metropole o lugar em que reside, e constitue Colonia o de que se auzenta. Nem hum nem outro quer ser tal. Quando o Rei residia no Brasil, Portugal se impacientava; desde o seu retorno à Portugal, o Brasil faz o mesmo. Em forçosa consequencia disso tem sido proclamada a incompatibilidade dos dous paizes; e, naõ podendo mais viver sob as mesmas leis, *elles se devem separar.*

" Cessou em fim tudo que sustentava o imperio da Europa sobre a America; e daqui em diante naõ resta àquella mais que o dizer à esta = *tudo está Consumado.* „

" Tudo hoje se liga nos effeitos e nos progressos da Civilisaçaõ. Recalcitrar, he puerilidade. No ponto a que as couzas tem chegado, fazer tentativas de reter o geral movimento, subtrahir-se ao seu influxo, e oppor-se à força das couzas, só póde occasionar breve procrastinaçaõ, preparando-se mais sensivel derrota, para ser em fim vencido por inimigo irritado.

Portanto ao Brasil só resta lembrar à Portugal o Conselho de Camões:

Impossibilidades naõ façaes.

Documentos sobre o Imperio Mexicano.

SAõ mui interessantes nas actuaes circunstancias os seguintes documentos relativos ao Novo declarado *Imperio Mexicano*, e seu Imperador *Iturbide*, General victorioso do Exercito Americano contra as Forças de Hespanha.

Depois dos triumphos deste feliz Militar, natural do Mexico, he notavel o officio do General Hespanhol

Odonuju, Vice-Rei do Mexico, ao Ministro dos Negocios Estrangeiros em Madrid, que se acha na jà citada ultima Obra de Mr. de Pradt do corrente anno de 1822(*), onde declara ter sido extrahida do *Correio do Orenôco* de 25 de Julho de 1821, impresso em *Augustura* nas linguas Hespanhol, Franceza, e Ingleza. Neste officio se relata a convençaõ destes Antagonistas; O Vice-Rei reconhece o merito do Chefe Americano, que (diz) *soube inspirar enthusiasmo e amor ás tropas*, a ponto de até desertarem para elle os Soldados Europeos. Ahi assim se expressa " A in-
" dependencia he jà infallivel: naõ ha força no mundo
" capaz de resistir-lhe. He necessario reconhecella, e
" que esta parte d' America se intitule — o *Imperio*
,, *Mexicano*.

" Hum Governo moderado, monarchico, e Consti-
" tucional, he o melhor que seja conhecido pela Poli-
" tica para os Paizes que unaõ à huma populaçaõ e
" extensaõ consideraveis hum certo grào de recursos e
" de luzes, que lhes façaõ insupportavel o Despotismo,
" e que, ao mesmo tempo, naõ possuaõ todas as vir-
" tudes necessarias à manutençaõ das Republicas, e
" dos Estados confederados. ,,

Consta dos Periodicos, que as Cortes de Hespanha naõ confirmaraõ a dita convençaõ, e nem ainda a Proposta das Cortes do Mexico de reconhecerem por seu Imperador a hum Principe da Real Familia de Hespanha, comtanto que viesse residir no Imperio. O resultado foi a Acclamaçaõ e Coroaçaõ do General *Agostinho Iturbide* por Imperador do Mexico. Eis a sua Proclamaçaõ congratulatoria ao Povo, que se acha transcripta no Periodico de Londres — *Evenig-Mail* — de 4 de Setembro deste anno.

(*) *Examen du Plan présenté aux Cortes pour la Reconnaissance de Indépendance d' Amerique Hspanhol*.

" Habitantes do Imperio do Mexico! O desejo de preservar o caracter e a confiança de hum simples cidadaõ, ainda he o mesmo de quem vos aprouve elevar da classe civil para a Dignidade Imperial. Que achastes neste vosso compatriota que o fizesse digno de huma Honra taõ Exaltada e Brilhante? Talvez nella houvestes contemplaçaõ á hum homem que emancipou a Naçaõ da Tyrannia de tres seculos? He a Corôa huma offerta de gratidaõ, natural á hum Paiz taõ magnanimo e generoso? Sim certamente. A gratidaõ, que he hum sentimento gravado em todos os corações desta deliciosa religiaõ, nunca se mostrou com maior energia do que agora em que a nossa Patria se reconhece Livre e Independente: desde esse momento fuï surprezo de admiraçaõ pelos gratos sentimentos dos concidadaõs, que me offereceraõ o Diadema, e a obediencia com livre e sincera Acclamaçaõ.

" Acceitei a offerta, por fazer à minha Patria este ultimo sacrificio, certamente o mais penoso, considerando o meu genio e desejo de solidaõ, e pela com paraçaõ das desordens do mundo com as doçuras da vida particular. Porém os meus deveres e serviços saõ penhores hypothecados á Patria, que me daõ motivos duplicados para naõ recusar os seus liberaes offerecimentos.

" Estando firme na Regra, de que devemos sacrificar tudo à Patria; resoluto e constante a executar o Plano da Recuperaçaõ da Independencia Nacional, e fièl aos Tratados concluidos em Cordova com hum Ministro do Governo Hespanhol; naõ se dirá que Iturbide se aproveitasse das attenções do Povo, senaõ para moderar as demonstrações de seu amor e agradecimento.

" Apenas a Opiniaõ Publica principiou a manifestar-se pela Imprensa, assignalando-me como a pessoa adequada a empunhar o Sceptro do Imperio, desde entaõ logo desejei dár à mesma Opiniaõ huma direcçaõ

differente, declarando e proclamando, em publico e em particular, que o meu empenho éra unicamente naõ aspirar á mais do que ao caracter de cidadaõ, e magistrado, como pessoa da maior delicadeza e ponto de honra em seus interesses pessoaes. Os louros daquella victoria que quebrou o poder dos oppressores deste Paiz, cercaraõ-me os olhos, e circunscreveraõ os limites da louvavel ambiçaõ que fecunda todas as virtudes.

Este Escriptor na pag. 4 transcreve o curioso monumento do juizo ja feito no tempo do Imperador Carlos V. pelo celebrado piedoso Bispo Hespanhol Las-Casas hum dos Heróes da Humanidade, que tanto advogou a Causa dos Indigenas d' America. O escripto foi impresso em Sevilha no anno de 1581 com o titulo — *Carta descripçaõ da destroicaõ dos Indios* = " Eu " digo, sagrada Magestade, que o unico meio de fazer " feliz esta terra, he o arrancalla Vossa Magestade do " poder de seus pais desnaturados (Hespanhoes Euro- " peos,), e dar-lhe hum marido que dessa cuide como " o merece e he justo, e isto quanto mais breve for " possivel, pos que, de outro modo, a oppressaõ e " vexaçaõ dos tyrannos que a governaõ a faraõ desap- " parecer.

CAUSA DO BRASIL

PARTE VIII.

Opinião de Mr. Balbi, sobre a melhor Capital da Monarchia Portugueza.

A Cabala Anti-Brasilica dos *Architectos de ruinas*, que por fatal ascendente se erigirão Dictadores no congresso de Lisboa, cuidou metter *Lança em Africa*, não deixando por mover pedra sobre pedra pela sua *sociedade correspondente* no Rio de Janeiro, tendo á frente a Força Armada, para forçar, como forçou, com tramas e manhas, o regresso da Côrte á Portugal. Para esse effeito empregou Campeões Nacionaes, e Estrangeiros, afim de hallucinar o Povo com seos escriptos aquem e d' além Mar. Entre estes o mais conspicuo he o de Mr. *Balbi*, que neste anno publicou a seguinte dissertação, que do contexto se deprehende ter sido feita quando El-Rei ainda residia no Brasil. Ainda que já esteja *dado o golpe*, e por tanto parece extemporanea, e inutil a refutação de sua opinião, com tudo, como ella excitou especies plausiveis, e ora, mais que nunca, pela Heroica Resolução do Principe Herdeiro do Imperio Lusitano, se faz inte-

ressante á discussão desta materia, a offereço aos Leitores cordatos. (1)

Quando se considera o numero, e a qualidade dos habitantes de Portugal, relativamente aos habitantes do Brasil; e quando se recordão os heroicos feitos do povo Portuguez, que soube manter a sua independencia por tanto tempo contra o colosso da Monarchia Hespanhola, tendo antes rechassado os Mouros do Douro até além do Gaudiana; quando se attende aos prodigios de valor, pelos quaes os Portuguezes causarão espanto no Oriente, e submetterão tantos povos e tantos paizes á sua dominação, nos reinados dos, para sempre memoraveis, Monarchas D. João II., e D. Manoel, o Feliz; quando se adverte que Portugal foi o berço dos colonos intrepidos, de que descendem os habitantes civilisados do Brasil, e de outras Possessões Portuguezas, ainda se porá em Problema, se o velho Portugal poderá ceder á estas colonias a honra de possuir a Séde da Monarchia?

Quando se avalião os sacrificios de todo o genero, á que os Portuguezes se submetterão para conservar a sua independencia, e a bravura, com que, combatendo ao lado dos Inglezes, souberão por sete annos rechassar os attaques dos maiores conquistadores modernos; quando se reflecte na solemne declaração feita pelo Rei na partida para o Brasil, e na sua resposta dada aos Portuguezes, que requerião que El-Rei voltasse á Portugal; e na declaração Diplomatica feita no anno de 1815 pelo Marquez de Aguiar ao Governo Britannico, poder-se-hia questionar, se a justiça permittia huma tal mudança? Convirá aos interesses da Nação, que a Séde da Monarchia torne á Lisboa, ou que continue a ficar no Rio de Janei-

---

(1) Como Mr. *Balbi* foi prolixo em amplificar as razões que já publicou em Londres o Redactor do *Investigador Portuguez*, reservo a *Refutação* para a Parte seguinte.

ro? Razões especiosas podem fazer hesitar na solução desta questão.

Para os Estados de certa grandeza, nem a extensão, nem a riqueza do terreno, constituem o seu poder; o primeiro elemento de sua força, e de sua importancia, he a quantidade, e a qualidade de sua relativa população. De que serviria á Russia a posse dos seos vastos desertos ao Norte da Europa, e da Asia, e a dominação sobre as tribus dispersas na Siberia, e nos grandes bosques, que cortão seo immenso paiz, se as provincias centraes com a sua população activa, e concentrada não lhe fornecessem os meios de conservar os seos numerosos exercitos, por cujo soccorro chegou á tal ponto, que ora occupa a primeira ordem entre as Potencias Continentaes? Se a extensão do territorio fizesse a força e a importancia dos Estados, a Monarchia Sueca devia ser a segunda Potencia da Europa; mas ella apenas he a decima na Balança Politica, e a duodecima relativamente a sua população absoluta. Qual será a razão, porque o Imperio Ottomano, com huma população de mais de 25 milhões de habitantes, com as melhores Estancias, e com o clima o mais fertil do mundo, tem menos consideração na Balança Politica, que a Monarchia Prussiana, a qual apenas tem a metade de sua população absoluta, terrenos estereis. e está posta em huma das situações mais desfavoraveis? He porque a população relativa da Prussia he de 132 habitantes por milha quadrada; entretanto que a população do Imperio Ottomano não chega a 38; e tambem porque quasi todos os habitantes da Suecia são civilisados, e dados aos trabalhos da agricultura, do commercio ou industria, entretanto que os habitantes do Imperio Ottomamo, meios barbaros, desprezão estas tres inexgotaveis fontes da riqueza e da força dos Estados.

Não são os Estados do Oeste, nem os do Sul, que dão importancia aos Estados Unidos d' America;

mas sim os do Norte e do Centro, onde huma população, assás concentrada ao longe da Costa, dá ao Governo os recursos, que necessariamente emanão de sua situação, e da união de todos os meios, que fórma o corpo de hum grande numero de habitantes civilisados, cheios de actividade e energia, gozando de todos os direitos de Cidadão.

O Brasil, ainda que *infinitamente* maior que Portugal, com hum terreno mais fertil, e de producções mais variadas, porém muito falto de habitantes em muitas de suas Provincias, e tendo huma população muito rara, e muito mesclada, ainda nos lugares os mais povoados, está bem longe de poder ser tão util á Monarchia Portugueza, como o tem sido Portugal.

Porém contra isto se oppõe a seguinte objecção: se a população dos Estados Unidos até o presente tem dobrado todos os quinze annos, he de crer que o Brasil, com hum terreno, e hum clima superior ao da America Ingleza, deverá fazer, pelo menos, iguaes progressos. Comtudo a experiencia tem mostrado o contrario. (1)

Sem discutir as causas deste phenomeno politico, (o que nos apartaria do nosso assumpto) só faremos a observação, que, para obter resultados similhantes aos dos Estados Unidos, seria necessario, primeiro que tudo, mudar as leis civís, politicas, e economicas, que, no Brasil, radicalmente se oppõe á este augmento. Porém, concedamos que o Brasil augmentasse a sua população, como os Estados Uni-

---

(1) Como se póde vêr no artigo do nosso Ensaio Statististico sobre o Reino de Portugal e Algarves, aonde damos o quadro dos paizes, que fórmão a Monarchia Portugueza, e em que fazemos vêr, que, supposto a população se tenha consideravelmente augmentado n' algumas capitanias, comtudo em outras pouco se tem augmentado, e até em algumas permanecido estacionaria.

dos, seguir-se-hia por isso que elle fosse mais adequada para a Séde da Monarquia? O Brasil teria sempre a desavantagem (que durará por seculos) huma população relativa muito inferior em numero, e em qualidade á de Portugal, e, por consequencia, offereceria menos recursos ao Chefe da Monarchia para soccorrer as partes, que tivessem maiores necessidades.

A Historia da guerra passada claramente demonstrou a nullidade politica do Brasil, para ajudar a Portugal a sacudir o jugo estrangeiro. Se Portugal rechassou os attaques dos Francezes, não foi com os *viveres* do Brasil, nem com seus soldados, nem com as suas Esquadras, nem com o seu ouro; foi sim com a mocidade Portugueza *armada em massa:* a sua coragem heroica, e o seu amor ao seu Soberano, e á Patria, forão os que fizerão soffrer com resignação á este Povo magnanimo todas as privações, todas as perdas as mais sensiveis, para conservarem a sua independencia, e a integridade do seu territorio.

Portugal, bem longe de obter do Brasil soccórros de homens, ou de dinheiro, pelo contrario, vio partir com o seu Rei a flor do seu Exercito, e quasi toda a sua Marinha.

Ainda mais: Portugal não cessou de remetter cada anno sommas, mais ou menos consideraveis, para sustentar o lustre da Casa Real, para fornecer ás despezas extraordinarias do Governo do Brasil, e para pagar as suas rendas aos grandes proprietarios, que accompanharão o Monarcha. As tropas de Portugal forão as que conquistarão Montevideo, e a Margem Oriental do Rio da Prata. As tropas de Portugal, tambem forão as que marcharão sobre Pernambuco para submetter a esta Cidade na occasião, em que se declarou independente. Em fim á Portugal foi que El-Rei D. João VI. recorreo, temendo as consequencias da revolução de Pernambuco, a pedir as tropas, que as circunstancias necessitavão.

He indubitavel que o Rio de Janeiro he hum

optimo porto para o Commercio; porém daqui não se segue que elle seja o mais adaptado para ser a Capital do Brasil; e por consequencia elle ainda he menos capaz de ser a Séde de toda a Monarchia Portugueza: pois que está collocado, por assim dizer, *n' hum canto;* e as suas communicações com o Pará, e os outros pontos remotos, são de immensa difficuldade: além de que, sendo hum porto de mar, fica o Governo exposto á invasão de huma Potencia maritima inimiga. Talvez se queira applicar esta objecção á Lisboa, dizendo-se, que tambem he porto de mar, e por consequencia exposto o Governo á invasão inimiga.

Mas ha razão de disparidade; porque, além da maior concentração da população de Portugal, em comparação da do Brasil, daria ao Governo meios de defeza, que o pequeno numero dos habitantes da Capitania do Rio de Janeiro não póde no caso de hum attaque por mar. He tambem necessario considerar, que felizmente a situação de seu porto, e o systema bem entendido de suas fortificações maritimas, fazem com que Lisboa nada tenha que recear desta parte; o que não se póde affirmar do Rio de Janeiro.

Se examinarmos as vantagens, que Lisboa tem sobre o Rio de Janeiro para ser a capital da Monarchia, basta ver que esta Cidade está situada quasi no centro da Costa de Portugal; que do lado da terra está á abrigo de todo o attaque pelo seu numeroso exercito, e pelos fortificados postos, que são precisos ao inimigo vencer para lá chegar; que, pelo lado do mar, nada tem a temer: que a sua *immensa população*, suas grandes riquezas, industria, e cultura dos seus habitantes, ha muito tempo, lhe tem dado o inauferivel direito de ser a capital e o coração da Monarchia; que o seu porto tão vasto, como seguro, situado entre o Mediterraneo, o Atlantico, e o Baltico, huma vez que seja regido por hum Go-

verno sabio, o faz muito adequado a ser o emporio de quasi todo o commercio colonial do antigo Continente; que esta feliz situação fornece ao Governo Portuguez os meios de vigiar, e soccorrer deste ponto, mais convenientemente, do que o Rio de Janeiro, Ilhas dos Açores, e da Madeira, que são duas sentinellas avançadas do Occeano Atlantico. Em fim, (não hesitamos em dizer) a communicação entre Lisboa, as Costas d' Africa, e ainda de muitos portos do Brasil, he mais facil, do que entre estes mesmos pontos e o Rio de Janeiro.

Mas á isto se póde objectar, que o pequeno reino de Portugal, estando com o cerco de Hespanha, exposto a ser bloqueado por mar, ainda por pequena Esquadra, recebendo o pão dos estrangeiros, o peixe, e a carne para dar sustento á grande parte dos seus habitantes, faltando-lhe recursos pecuniarios, e tendo relações diplomaticas com as Potencias mais fortes, não goza de consideração alguma na Europa; mas he inteiramente dependente, em todas as suas medidas de politica, das Potencias preponderantes; que a sua principal consideração provém de suas Possessões ultramarinas; que, entre estas, a mais vasta, e a mais importante, he o Brasil, cujas producções mantiveram, e ainda por muito tempo hão de manter, o commercio e a navegação de Portugal; que El-Rei residindo no Rio de Janeiro, e sendo o unico Soberano reconhecido como tal, e estabelecido na America, cercado de Estados Republicanos, cujo Governo não tem promptidão nas suas operações, o Gabinete do Rio de Janeiro teria por isso mesmo huma preponderancia decidida sobre todos os outros Estados Americanos, e que a residencia deste Monarcha seria da mais transcendente importancia neste hemispherio, tanto pela influencia, como pela representação.

Confessamos ingenuamente, que estas razões, á primeira vista, parecem sem replica; mas tem resposta concludente.

Em primeiro lugar, a pequenez de Portugal não deve ser hum obstaculo para deixar de ser a Séde da Monarchia. A Hollanda antes da Confederação das Provincias Meridionaes, e a Suecia, não conservarão a sua independencia, a Hollanda ao lado da França, e a Suecia em contacto com a Russia, ainda que huma e outra fossem mais pequenas, e mais fracas relativamente á França e á Russia, como o não he Portugal á respeito da Hespanha? Vê-se porventura o Rei de Inglaterra residir em Calcuta, ou os Soberanos dos Paizes Baixos na Batavia? Porque razão não dá o Imperador d' Austria preferencia á Buda sobre Vienna, pois que a Hungria he muito maior, que toda a outra parte do Imperio Austriaco? A força das Monarchias não está nos seus terrenos, mas sim nos homens; entretanto que Portugal conta tres milhões de habitantes, e todos Portuguezes, não conta o Brasil hum milhão: e ainda este milhão, (se he que existe) está cercado de mais de 800$ escravos, e de hum milhão de indigenas, e de homens de côr, que, em vez de augmentarem a força, a diminuem consideravelmente, pelo estado precario, em que se retem á abrigo das revoluções.

Logo Portugal, e não o Brasil, he o verdadeiro centro moral, e politico da Monarchia Portugueza. O que faz a Portugal tão dependente das Grandes Potencias, não he a sua situação, nem a sua pequenez, he a sua nullidade militar no mar; he a falta de huma Marinha, que seja capaz, de proteger as suas numerosas colonias, e o seu commercio: he a falta imperdoavel de ter deixado apodrecer nos portos a sua bella Marinha, em vez de a augmentar todos os annos, e fazella cruzar no Mediterraneo, e no Occeano, para affugentar os Corsarios Barbarescos, e Americanos, fazendo respeitar a Bandeira Portugueza, e proteger a sua Navegação. Esta falta imperdoavel he que fez perder á Portugal a consideração de que por tanto tempo gozou, e que

lhe devião as heroicas façanhas dos seus habitantes; a sua coragem, e a pericia nautica, extensão, e a importancia de suas colonias.

Oxalá que huma sabia Administração, fazendo cessar os abusos, e a desordem, que reinão nas finanças, torne a dar o credito ao Governo, favoreça a agricultura, o commercio, a navegação, anime as pescarias, a extracção das minas, e a industria; e então não passaráõ vinte annos, que Portugal não faça subir o numero de seus habitantes a cinco milhões. Quando isto assim aconteça, não terá a sua população a necessidade, para se manter, de tirar, á pezo d' oiro, o trigo, a carne, a manteiga, o queijo, e o peixe secco de paizes menos favorecidos pela Natureza, e que antigamente recebião estas mesmas mercadorias de Navios Portuguezes.

O augmento de sua Marinha Mercante, e o estado florescente de suas pescarias, facilmente manteráõ numerosa Marinha Militar, tal, qual a sua situação, e a extensão do seo commercio o exigem; e então a Monarchia Portugueza tomará na Grande Confederação Europea o honroso Logar, que a sua feliz situação, e as soberbas possessões d' Além mar lhe devem assignar.

Nem se diga que o Rei he menos influido pela Politica Europea no Rio de Janeiro do que em Lisboa. Será isso porque o Reino de Portugal não he nada, ou he pouca cousa na Monarchia Portugueza? O terror de perder esta joia da Monarchia não será de algum pezo nas deliberações, que deve tomar o Gabinete do Rio de Janeiro? O Rei, estando no Brasil, não tem ainda a perder os Açores, Madeira, as Ilhas de Caboverde, as do Golpho de Guiné, os importantes estabelecimentos sobre as Costas Occidentaes e Orientaes d' Africa, Gôa, Macáo, e Timor? A residencia do Rei no Brasil não o fez pois mais independente na sua politica, que a sua residencia em Lisboa; ao contrario, o Governo, resi-

dindo no Rio de Janeiro, acha-se n'huma situação a mais desavantajosa, pela maior difficuldade de vigiar, e soccorrer tantas possessões dispersas na vasta extensão do Oceano. Além de que, residindo ElRei no Rio de Janeiro, he mais facil, que perca a Portugal; entretanto que, residindo em Lisboa, nada tem a temer para a conservação do Brasil.

Portugal, cercado dos dois lados pela Hespanha, he a parte da Monarchia, que está mais exposta aos attaques desta Potencia, cujos recursos são incomparavelmente maiores que os seus, e cujo fim constante he fazer unir ao resto da Peninsula esta couréla, que a serie dos tempos lhe tem destacado, mas que não deixa de ser-lhe huma dependencia natural. He logo deste lado que se deve voltar toda a attenção do governo para affastar essa epocha fatal, trazendo sobre este ponto a melhor e maior parte de suas forças.

A residencia do Rio em Lisboa, conservaria o espirito Nacional dos Portuguezes, exaltando-lhes o seo amor á Patria, e ao Rei, fazendo cessar o descontentamento, que se tem apoderado de muitos Portuguezes, que vem com indignação o berço da Monarchia reduzida ao estado de Colonia, e chegarião até ao pensamento de realisar o projecto, concebido por alguns individuos inimigos de sua patria, de reunir Portugal á Hespanha, com o pretexto de que he melhor ser provincia de hum Reino Europeo, do que colonia de hum Reino Americano. A presença de ElRei alimentaria igualmente estes sentimentos heroicos, que constituem a força moral de huma Nação, e que, em todos os tempos, produzirão os prodigios de valor, pelas quaes as mais pequenas Nações souberão conservar a sua independencia contra os attaques dos mais poderosos Estados. O que accelerou a perda do Imperio do Occidente, e prolongou durante dez seculos a existencia do do Oriente, foi o traspasso do Governo Supremo de Roma para Constantinopla.

A Capital d' hum Estado deve ser considerada como o centro de suas forças moraes e physicas. Quanto mais perto se estiver deste centro, mais recursos terá para resistir aos attaques de qualquer inimigo. Se a Capital da Monarchia continúa a estar no Brasil, perde Portugal a sua independencia, ou, pelo menos, fica para sempre separado da Monarchia &c. &c.

Consta dos Periodicos, que este Escriptor dirigira ao Congresso, e que este recebera com elogio, a sua Obra — *Variedadés Politico — Statisticas* — sahida á luz em Pariz na lingua franceza no corrente anno, na qual manifesta o estado da riqueza, industria, população, e força de Portugal.

Na Parte II. pag. 51, depois de declarar a sua opinião sobre a conveniencia de se restabelecer a Séde da Monarchia em Lisboa, valendo-se dos lugares communs da Politica decrepita, que pertendeo perpetuamente avassallar a America á Europa, empregando não menos os argumentos triviaes de corriqueiros folhetos, que tem feito estourar a vaidade Nacional com velhos contos das façanhas mouriscas das éras dos Affonsinhos, e Albuquerques, callando as desgraças Portuguezas de tantas sortes, e não advertindo nos movimentos revolucionarios da roda da fortuna, e o irresistivel impulso no giro da orbita Politica para Nova ordem de cousas no Mundo Columbiano; o que tudo prova ser tal escripto hum monumento de miseravel lisonjaria, e o que se diz na Republica das Letras — Obra de circunstancias —; todavia não pôde resistir á evidencia da verdade, e á justiça, demonstrando com Reaes Exemplos o Expediente, que o Congresso deveria empregar para conciliaçaõ e Igualdade dos Direitos, e Interesses do Estado Pai e Filho, deixando no Brasil aó Senhor Principe Real (ora eleito Imperador) por Lugar Tenente de seu Augusto Pai, e o *Outro Eu*, como viva Imagem que suavisasse a saudade, e o sentimento dos Brasileiros pela auzencia de quem se sacrificou ao traspasso

do Atlantico por comprazer aos Portuguezes, aliaz não esperando a enorme ingratidão, com que tanto comprimirão a Authoridade Regia, e quasi supprimirão as Prerogativas da Corôa.

Para se confirmar a summa razão com que os Brasileiros, que não são desertores da Honra Patriá tem Acclamado, e Coroado por seu Imperador ao Salvador da Terra da Santa Cruz, já que o Congresso não quiz annuir á sua justa Reclamação contra a Lei impolitica e deshumana, que ordenava o Regresso á Portugal do nosso Imperial Thesouro, até com a assoberbada comminatoria, ora constante do Diario do Governo, de perder o seu inauferivel e imprescriptivel Direito da successão do Throno, que lhe compete pela Primogenitura, e Direito Publico das Nações Civilisadas, e que até lhe foi garantido (bem que desnecessariamente) nas Bases da Constituição; transcreverei aqui as seguintes observações do dito novo Escriptor.

" A situação geographica do Reino do Brasil, e a sua distancia da Europa, o põe á abrigo de todo o attaque da parte de qualques Potencia da Europa. Não ha huma só Potencia, que possa enviar ao Brasil hum exercito assás forte para a sua conquista. Até a mesma Inglaterra, que possue mais meios que todas as outras reunidas Potencias Maritimas, acharia nessa empreza tantas difficuldades, que se deveria julgar tal projecto como loucura politica.

O Brasil tambem nada tem a temer da parte dos novos Governos Americanos. Achando-se estes occupados em sustentar a sua Independencia contra a Hespanha, não podem cuidar em invadir o Brasil, e ainda quando alguns fossem reconhecidos independentes pela Metropole, não tendo estavel fórma de Governo, e, por mui novos, naõ podendo gozar de ampla authoridade sobre os seus subditos; he-lhes impossivel, ainda por longo tempo, attacar o Brasil com alguma probabilidade de successo.

Até se poderia, para mais cimentar esta união, e fazer menos sensivel o regresso d' ElRei á Europa, dar-lhe o Principe Real por Vice-Rei.

" Assim o Rei de Inglaterra tem sabido conservar o amor de seus subditos d' Allemanha, pondo na Capital do Reino de Hanover na cabeça do Governo o mais querido dos seus Irmãos.

" Assim o Imperador Alexandre tem sabido ganhar o coração dos Polonezes doridos com a perdà da Independencia Nacional, dando-lhes huma Constituição Liberal, e deixando residir entre elles a seu Irmão mais velho, como o orgão o mais proprio para ligar o novo Reino ao Autocrator de todas as Russias.

" Assim o Rei dos Paizes Baixos, fazendo residir em Bruxellas o Principe Hereditario, tem procurado vencer a animosidade, e o ciume das duas Nações rivçes, Flamenga e Hollandeza, que compõe o seu Reino.

" Sua Magestade Fidelissima, dando por Vice-Rei ao Brasileiros o Principe Real, ou outra Pessoa da Sua Augusta Familia, obteria as mesmas vantagens, e apertaria a união entre o Brasil e Portugal, á que he essencialmente ligada a existencia da Monarchia Portugueza.

Eis como pensava Mr. *Balbi*, não obstante a sua opinião da conveniencia do restabelecimento da Séde da Monarchia em Lisboa. Mas as Côrtes, que receberão a sua *Obra* com elogios, não adoptarão o seo conselho, prescindindo dos Exemplos Imperiaes e Reaes que lhes citou; e, não contentes de terem na Constituição Difinitiva, assignada em 23 de Setembro do corrente anno de 1822, prohibido no §. 129, que nunca os Principes e Infantes poderião ser Membros da Regencia, que alli se creou para o Brasil, pela Lei de 26 do mesmo mez, comminarão ao Senhor Principe Real a decadencia do Direito da Successão á Corôa, pelo simples facto de não effeituar o seu Regresso á Portugal dentro de hum mez da Intimação,

Extendendo á esse caso a igual pena estabelecida no §. 125, quando o Rei, havendo sahido com licença do Reino de Portugal e Algarves, não regressar sendo chamado.

O Brasil contentava-se com a Regencia estabelecida por Sua Magestade no seu regresso á Portugal. Porém, vendo despresado, e anniquilado o seu Predicamento pelas Côrtes, e tolhidas as suas expectativas de rapido progresso de prosperidade de tão vasto Continente; reassumio o Direito que compete á hum Grande Paiz, e Energico Povo, que preza a sua *Honra*, e conhece a sua *Força*, Acclamando o Compatriotado Principe Real, Seu *Defensor Perpetuo*, e *Imperador Constitucional;* Resolvendo por este modo Categorico a Questão da mais importante Séde da Monarchia Lusitana, e dando-lhe Base que não tinha.

Reservo para outro escripto a refutação da Dissertação contraria de Mr. *Balbi*. Aqui só recordarei o exemplo que cita o nosso Luso-Brasilico, o Padre Antonio Vieira, de D. *Constantino de Bragança*, que foi Vice-Rei da India. Assim os nossos Soberanos sabião honrar os seus remotos Estados Ultramarinos. Hoje a Nova Politica dos Dictadores de Portugal tem outras regras, que se não encontrão nos Mestres da Sciencia do Governo. Elles no Congresso tem citado, como exemplo fatal, a Resolução de Constantino Magno, que sahio da Europa para fundar n' Asia o Imperio de Bysancio. O dito Vieira, hum dos melhores Politicos * do seu tempo, não desapprovou o juizo † do Chefe da Dynastia Flaviana, que em sua Nova Côrte deo Paz á Igreja; e assim diz:

" O Grande Constantino, depois de tantas experien-
,, cias, fundando segunda Roma em Constantinopla,

---

* Tom. 8. dos Sermões. Serm. 4. pag. 245.

† Dito Tom. 8. Serm. 12. pag. 492.

„ com Capitolio, Senadores, e todos os outros orna-
„ mentos da Magestade, entendeo, que, para susten-
„ tar hum Imperio tão grande como o Romano, não
„ bastava huma só Roma, senão duas Romas; nem
„ huma só Cabeça, senão duas Cabeças, como de-
„ pois apparecerão divididas nas Aguias Imperiaes. „

CAUSA DO BRASIL

PARTE IX.

Resposta á Mr. Balbi.

EL-Rei D. João IV., e os nossos Grandes Estadistas D. Luiz da Cunha, e Sebastião José de Carvalho, fizerão o Projecto do Estabelecimento da Séde da Monarchia Lusitana no Brasil; e só o não effeituarão, por terem cessado os perigos do Reino de Portugal pela Paz da Europa, sobrevinda em differentes epochas. Esta consideração basta a convencer, que não era indigno de séria Deliberação o Folhêto, escripto em Francez, e publicado no Rio de Janeiro pouco depois que veio a noticia do Projecto da Nova Constituição, sobre se convinha fixar-se definitivamente a Côrte neste Promontorio?

O Ministerio fez supprimir toda a edição, com panico terror das *razões* nelle expendidas. Se erão vãas, porque temeo-se o seu curso, e não se deixou livre a discussão sobre o interesse do Estado?

Pretextarão-se alguns termos indiscretos do Folhêto; como o se denominar Portugal hum *Rochêdo.* Tambem com muitos sarcasmos se dizia na guerra finda, que Inglaterra a continuava pelos *Rochêdos*

de Gibraltar, Malta, e Cabo da Boa Esperança. Porém o Governo Inglez prescindio de baldões, bem conhecendo o *valor de taes Rochêdos.*

Ninguem de senso commum póde negar á Portugal a importancia da sua situação, a bondade do clima, a excellencia do Porto de Lisboa, a grandeza da Capital, e, sobre a geral vantagem de fazer parte da Europa (á séde das Artes, e Sciencias) os especiaes dotes com que o singularizou o Eterno Distribuidor dos Bens da Natureza. Mas tudo isso he estranho e adiáphoro ao Ponto de que se tracta. Themistocles o Salvador da Grecia dizia, que punha a sua gloria em fazer de pequena villa huma Grande Cidade. Os caballistas que só são fortes nas tramas, que só são fortes nas trevas, temerão a luz, porque as suas obras erão más. Se fosse então permittida a discussão, o Senhor D. João VI. não se precipitaria ao *falso passo* do Regresso.

Se fosse proposto no Conselho de Estado o traspasso da Séde da Monarchia em tranquillos tempos, e achando-se a Côrte em Lisboa, antes de ter girado em hum e outro hemisferio, com tão excentrico e violento curso, os turbilhões dos dogmas revolucionarios, na verdade seria problematica, e intempestiva, huma Resolução tão ardua, que nunca se effeituou pelas Potencias, que fundarão colonias na America.

Mas o caso em questão he singularissimo, sem prototypo, nem exemplo nos Annaes da Sociedade. A partida da Côrte em 1807 foi feita por irresistivel força das cousas, pelo imminente perigo, não só da ruina de Portugal e do Brasil, mas tambem da surpreza de toda a Real Familia: do que resultaria a anniquilação da Monarchia. Bonaparte nessa epocha chegou ao despotismo de partilhar o Reino no Tratado secreto de *Fontainebleau;* e pelo posterior Decreto de Milão, fazer a Declaração na Europa = *a Casa de Bragança cessou de reinar.* =

A questão agora se reduz, se o Principe da

Nação Portugueza, depois de se achar seguro, e com Espoza, e Familia no Brasil, devia atravessar, e sem forte Esquadra, o Atlantico em *torna-viagem* como *Patrão de Galera*, deixando o Brasil em abandono, e exposto ao fado das illusões do vulgo, fascinado com os exemplos dos visinhos Estados Democraticos?

Não se contesta a Honra e a Heroicidade Portugueza nos brilhantes tempos de sua Gloria. Muitas Nações tem tido seos dias faustos, e epochas florentes, e depois decahirão, e em algumas até *perecerão as ruinas.*

He porém notavel a circunspecta reticencia de Mr. Balbi, sobre as malfadadas expedições de D. Fernando, e de D. Sebastião, á Barberia; a facilidade, com que Portugal foi invadido, e subjugado por 60 annos por Hespanha; as tyrannias, que antes exercerão no Oriente, onde teve por hum seculo o *imperio do mar*, sendo só a causa desse phenomeno o fanatismo dos Estados da Europa, que se ataçalhavão com guerras de Religião, e Policia Semi-Gothica, desconhecendo as vantagens da Navegação e Commercio; o que Portugal aproveitou, por ter tido a felicidade de surgir de seu Gremio hum Principe Cosmographo, Liberal, e Philanthropo. Mr. Balbi tambem passa em silencio a presteza, com que Portugal, á hum fecho d' olhos, por hum punhado de Hollandezes foi esbulhado das suas melhores possessões n' Asia, Africa, e America.

A reconquista de Independencia Nacional nas duas maiores crises da invasão de Philippe II., e Bonaparte, foi principalmente devida á Resolução do Chefe da Casa de Bragança, á Confederação das Potencias Européas contra os Colossaes Imperios da Hespanha e França, e ora (mais que nunca) ao Auxilio do Governo Britannico, em dinheiro, armamento, vestido, ensino á Tropa Portugueza, com que os Generaes Inglezes a disciplinarão, capitanearão, e

dirigirão á victoria. Sem isso, Portugal teria sido *Nada*, como hoje he Veneza, que outr' ora tanto figurou no Theatro Politico.

Nestas circunstancias, foi absurdo, não só pôr-se em questão o restabelecimento da Séde da Monarchia em Portugal, estando a Côrte no Brasil, (onde ElRei havia levantado altiva cabeça) para tornar á antiga Capital, estando a Europa ameaçada de nova *Geral Revolução*, e, a vizinha Hespanha insurgida com *Revolta Militar*, esperando a Nação Portugueza, e a Real Familia, *viver de Milagres.*

Se Mr. Balbi fosse mandado por Embaixador do Congresso de Lisboa a allegar as suas razões á novo invasor do Reino, talvez merecesse a resposta, que Sylla deo aos Athenienses, quando lhe appresentarão o aranzel de sua origem, e heroicidade; ao que o Conquistador replicou — *O Senado Romano mandou-me tomar esta terra, e não ouvir as vossas antigualhas.*

Podia-se ainda responder com a observação do grande Politico *Edmund Burke.* — " He contra a lei da *Gravitação Moral* levantarem-se as Nações, depois de cahidas de grande poder por *abuso de poder.* ,, A historia confirma esta lei, principalmente na Grecia, e na Italia, que aspirarão ao Imperio da terra.

Sinto dar huma palavra desagradavel sobre o que Mr. Balbi diz — *sacrificios de todo o genero dos Portuguezes* depois da invasão dos Francezes.

Melhor seria que se callasse nesse ponto, sabendo todo o Mundo, que os Portuguezes modernos (contendo, ainda hoje, muitos mais *degenerados* do que *regenerados*) assignarão a infame Petição, de Lista de todas as Ordens do Estado, com triste *supplica* pedindo por seu Rei a Bonaparte, quando Junot o declarou *Omnipotente*, dando a ordem = Hajão Camões, Abrão-se Canaes, Fação-se Estradas &c. &c. = Por certo, neste genero de sacrificio, ou antes *Holocausto* da Honra Nacional, não reluz o heroismo dos

aspirantes á palma do martyrio; e em nada se assemelha ao das illustres Victimas da antiga Lealdade Lusitana, que descreve o Cantor das Armas, e dos Barões assignalados, nos *Heróes de Patriotismo* Egas Monís, D. Fernando &c.

Depois desta Hecatomba da *Gram Fidelidade Portugueza*, podião ElRei e Real Familia comparecer com decencia na antiga Côrte, onde houverão tantos *renegados*, e tão poucos (ou nenhuns) martyres da Causa da Patria?

Se os Portuguezes resistirão e debellarão as Hostes Gallicas, foi com ajuda dos Alliados; e porque Bonaparte os tratou por menos *de servos da Gleba*, impondo, além de outras Contribuições, a de *quarenta milhões de cruzados*, em *Resgate da Propriedade*. Em tal caso só Phrygios e Hottentotes não exterminão os invasores do seo Paiz. *

Todavia as victorias, de que blazonão os Portuguezes, arrogando-se preeminencia em valor ao Alliados (estando hoje quasi ao par o de todas as Nações, a quem he commum a Sciencia Militar, e o uso das armas de fogo) soffrerão *eclypse*; por não terem comparecido Portuguezes no Triumpho do *Waterloo*, em que só a final se deo *conta da mão*, abatendo-se o Dragão Corso, que, sem isso, resurgiria com a *Besta de cem pés*, realizando o monstro da Fabula †, ou a Serpente, que atterrou ao General Romano Atilio Regulo, na passagem do Rio d' Africa ainda mais que o Exercito de Carthago.

Nada vale o parallelo entre Portugal e o Brasil á respeito da quantidade, qualidade, e concentração da população, nem em consequencia as comparações de Mr. Balbi entre Suecia, Hollanda, Russia, e França.

---

* *Machiavel* no seu Livro do = *Principe* = assim diz.
† Hor. Carm. Od. XIII.

He hoje reconhecido pelos Politicos, que a força das Nações, não está só na população, mas, em grande parte, no caracter brioso, e indomavel do povo, e não menos na distancia, extensão, e circunstancias de seu terreno, e clima, que reunidamente obstão á invasão, e conquista do inimigo, ainda que mais populoso.

Bonaparte com os seus quinhentos mil homens, com que invadio á Russia (que não tem o dizimo de gente por legoa quadrada) vio o seu exercito destroido, além e áquem do *Dwina*, pelo que elle chamou — *Horrido Clima* — e *General Gêlo*; entretanto que a França, com a sua central *geographia*, e *fronteira de ferro*, foi entrada de Norte e Sul, Oriente e Occidente, e recebeo a Lei na *Capital da Injustiça*, dos que antes abocanhava por *Barbaros do Tanais.*

Todos os Estados da Europa, que desejavão sacudir o jugo do Tyranno da Corsica, erão formigueiros de Gente; e sobrava-lhes desejo e valor para desbaratarem aos universaes invasores; e todavia estavão, por assim dizer, fechados, como Leões em *Gaiolas de ferro*, esquecidos da virtude e coragem dos Avós. E posto que tivessem os instrumentos da guerra, faltavão-lhes os *nervos do Estado*, isto he, os *capitaes*, de que só abundão as Nações de genio, e recursos de commercio e navegação. Por isso a Russia, Allemanha, e Italia se achavão prostradas sem energia, até que Inglaterra veio a ser a Alma da Geral Confederação, fornecendo a tantas Potencias os dinheiros, e meios necessarios para se pôrem em movimento as *Massas Militares.*

Este Aphorismo Politico he já reconhecido desde alta antiguidade. Frederico o Grande da Prussia, quando o Embaixador Inglez lhe dava parte d' huma victoria, obtida pelos Alliados sob os auspicios da Providencia, perguntando-lhe com ironia — se Deos tambem era seu confederado? — teve a resposta — *he o unico que não nos pede subsidios.*

A decisiva consideração pois na *questão* da Séde da Monarchia, unicamente devia ser, se, nas circunstancias actuaes do Mundo, o Imperio Lusitano tem *maior segurança* e *riqueza* para resistir, e debellar seus inimigos, remotos, e proximos, estando em Portugal, ou no Brasil? Parece que só quem tem perdido a razão, o contestará á esta parte do Novo Mundo. Até Mr. Balbi confessa nos mais planos termos, que o Brasil não tem que recear invasão, ainda da maior Potencia Maritima.

Dous factos decisivos demonstrão a incomparavel segurança, e riqueza superior da Nação, estando a Casa Real no Brasil; pois que, além da potencia magica, que adquire o Monarcha, só pela residencia em alguma parte do Territorio Nacional, para dar actividade á todas as operações de desenvolvimento dos recursos da mesma parte; he constante, que, ainda no maior abatimento da Corôa Fidelissima, nunca a Monarchia Lusitana ostentou tão Imperial Ascendente na Scena Politica, do que quando o Cabeça da Nação pôz os pés no Brasil.

Na verdade logo que ElRei aportou á Bahia, virtualmente abolio o systema colonial, expedindo a Carta Regia da Abertura dos Portos deste vestissimo Continente; e logo que chegou ao Rio de Janeiro, fez Declaração de Guerra ao Tyranno da Europa. A sua voz ouvio-se em todo o Mundo. Foi incommensuravel o influxo destes Actos, pelo excitamento das Potencias, e Nações da Europa, para a Geral Confederação, e Liberal Commercio: do que resultou ser supplantado o Colosso Gallico, e abrir-se ao Mundo hum indefinido Horisonte de Correspondencia Social, e progresso de civilisação, e industria.

Não obstante os horridos males da guerra, e desgoverno do velho systema, só a residencia de *ElRei*, e a *Força do Principio* de Franqueza Commercial, elevarão em poucos annos as Rendas do Estado do Brasil ao dobro das de Portugal, estabelecen-

do, quasi como hum Prodigio o *Banco da Rio*, e o systema de credito, que nunca teve o Reino Lusitano, posto como diz Camões — no cume da Cabeça da Europa. —

Assim avançou o Brasil com passos de Gigante na carreira da opulencia e influencia, firmando logo no *Primeiro Anno* da vinda da Côrte aquelle Estabelecimento, começando por onde acabou Inglaterra, depois de seculos de posse de sua *Magna Charta.* E ainda que o Brasil por más artes do Ministerio Cyclopico fosse carregado de novos tributos, com tudo os Brasileiros poderão dizer como os Inglezes = *não vai do pezo, mas dos hombros* =; pois virão surgir com centuplicada força, em tão pouco tempo, muitas Villas, e novas Cidades.

Quanto á qualidade e quantidade da população, não dissimularei a verdade. Este he por ora o nosso lado fraco; nem se póde bem afinar tão delicada corda sem risco de quebrar.

Sem duvida a população de Portugal, por livre, mais concentrada, e branca, tem vantagem sobre a do Brasil; mas tambem ha differentes criterios da verdade para avaliar a força das Nações. O ponto essencial está no quadro comparativo de duas Nações de igual população numerica, qnal he a que dá maior redito ao Estado, e a que melhor póde repellir o inimigo? Nestes pontos de vista, já o Brasil muito preponderа á Portugal.

Ainda que os que affectão de *desabuso* e *bom gosto*, ridiculizem recorrer-se á authoridade da Escritura Sagrada em discussões de Politica; permitta-se-me dizer com o Profeta Isaias — multiplicaste o povo, não engrandeceste o contentamento. —

CAUSA DO BRASIL

PARTE X.

Continuaçaõ da Resposta á Mr. *Balbi.*

NA Russia ainda muito prepondera o systema da servidaõ, e nem por isso, he *Cifra* a força do Imperio. Em que essencialmente differe o Soldado do escravo? Que tristes figuras eraõ os conscriptos acorrentados do Imperio Francez?

Os que tiverem lido a *Malthus*, e outros Economistas de Inglaterra, ficaráõ espantados da decisaõ de Mr. Balbi, que Portugal em vinte annos póde, de *tres* milhões, que ora tem, subir á *cinco*; quando está assentado que he impossivel na Europa, que ainda Inglaterra dobre a populaçaõ em menos de 5 seculos; e isto mesmo he impossivel, por ter esta limites nos meios da subsisteneia, que em toda a parte se experimentaõ, ainda nos mais ferteis paizes, tenderem antes á diminuiçaõ, que à augmento, attenta a *Lei da Natureza*, que o sobredito *Malthus* demonstrou (reputado por isso o Newton da Economia Politica), crescendo a *força generativa* da

humanidade na proporçaõ geometrica de I.2.4.8. &c, entretanto que a *força vegetativa* da terra apenas póde crescer na progressaõ arithmetica 1.2 3.4. &c.

Por isso está reconhecido, que, em quasi todos os Estados da Europa, ha huma terrivel populaçaõ, ameaçadora de revoluções, pela extrema miseria dos individuos, que se dizem *proletarios* e *follicularios*, que propagaõ a sua especie como brutos, mal vivendo *da maõ á boca*, taõ precariamente como o Selvagem, e que apenas se distinguem dos escravos Ethiopes, só pela côr, sendo ainda talvez mais *escravos* das proprias *necessidades*, segundo bem diz o Economista *Stuart*.

Por esta causa até se tem escrito sobre a urgencia de se pôr restricçaõ legal aos casamentos dos pobres; porque o seu indefinido numero impossibilita o geral emprego, e decente mantença, augmentando a libertinagem, e licença, que precipita as classes inferiores à discordias, guerras civis, e revoluções dos Estados, pela regra de que a *necessidade naõ tem lei*. (*)

O Brasil por seculos nada tem que temer de populaçaõ supernumeraria, que he a de que presentemente mais tem susto os Estadistas da Europa em seus Paizes. Por ora a mingoa, côr, e mescla, da populaçaõ saõ as ignominias da miseravel Politica dos que estabeleceraõ o Systema colonial, que removeo Estrangeiros das immensas, e geniaes terras da America, e perpetuou o Palmar Erro, por naõ dizer, *Attentado Cosmologico*, e *Impiedade Anti-Christaã*, de pertender se, pelo Trafico da Cafraria, e Lei do Captiveiro, transformar o Novo Mundo em Ethiopia,

---

(*) Isto he bem indicado pelo Politico Tacito = *Egestate, oc licentia corrupti populi, primum ad discordias, dein ad bella civilia alliciuntur.*

e o Brasil em Guinè Occidental, sõ sabendo-se destroir, e naõ civilisar, os indigenas, alias habilidosos e robustos.

A residencia da Côrte no Brasil tendia a diminuir com velocidade accelerada estes dois grandes males; e jà éraõ visiveis os effeitos da diminuiçaõ, pela continua importaçaõ de Estrangeiros de todas as Nações.

A residencia, que isto necessitava dos Embaixadores, e Consules de todos os Estados, facilitava progressivamente taes importações; além da perenne introducçaõ de pessoas de Portugal, que, ainda mais que antes, seria a nossa - officina de Varões.

A consequencia necessariamente seria, que, tendo jà o Bra.il, como reconhece Mr. Balbi, tres milhões de todas as condições, cores, e castas, e não havendo obstaculo algum para deixar de dobrar a populaçaõ, como na America do Norte, alias mais desabrida, e sujeita à tufões, e epidemias, que destroem frequentemente innumeraveis productos, e homens, tendo o Brasil a preminente aura vital, que he attestada por antigos e novos Escritores Estrangeiros que estiveraõ no Paiz, com climas adaptadas à todas as Constituições physicas, e com cereàes indigenos, e exoticos de todas as partes do Mundo; he força que tenha seis milhões de habitantes, pelo menos, no periodo de 25 annos: 12 milhões em cincoenta annos: 24 milhões em setenta e sinco annos; 48 milhões em cem annos; o que he impossivel dos impossiveis à Portugal, que talvez jà chegou ao pleno complemento do numero de habitantes, compativel com a estreiteza de seu territorio.

Mas, ainda a considerar-se ter o Brasil actualmente a minguada populaçaõ, que Mr. Balbi nos dà, só replico; se somos muitos ou poucos, os nossos inimigos o diràõ, quando assaltarem ás nossas praias, e se internarem nas matarias.

O supra-summo dos aggravos do Brasil contra

o Congresso de Lisboa, e pelo qual a Naçaõ Brasileira proclamou a sua Independencia, he porque, pelo conselho insidioso do regresso d'ElRei, e pelo ainda mais atraiçoado plano da servil recolonisaçaõ, disfarçada com a impostura da Promessa da Regeneraçaõ Politica, projectou consummar seus negros intentos de causar os males (que vaõ além de todo o calculo) da - Aniquilaçaõ de nossas Esperanças.

Mr. Balbi diz, que a historia da guerra passada claramente demonstrou a *Nullidade Politica do Brasil* para ajudar a Portugal a sacodir o jugo estrangeiro.

Foi nullidade o Emprestimo, que a Corte do Brasil negociou com o Governo Britannico para auxilio de Portugal, além dos mais beneficios transcendentes das Transacções Politicas com o seo Poderoso Alliado, que tanto cooperou, naõ só para organizar o valor Portuguez, estando o Exercito de Portugal reduzido *á nullidade*, por ter sido a sua flor levada à França, e naõ (como diz Mr. Balbi, ao Brasil, tendo-se os seus Generaés só mostrado fortes em Proclamações, e havendo alguns sido victimas da insubordinaçaõ) mas taõbem para exaltar o valor do territorio, e dos seus productos, pelo vasto, e util consumo das Tropas Inglezas, chegando especialmente o preço dos vinhos (o principal genero do commercio do paiz) à hum grao desconhecido antes, e de pois da paz geral!

Foi *nullidade* a somma das Rendas da Casa Real, e do Infantado, que todas se applicavaõ á defensaõ do Estado, carregando sobre o Brasil o subito, e continuo pezo da nova Corte?

Foi nullidade na occupaçaõ da Banda Oriental do Rio da Prata a Tropa de S. Paulo, e Rio Grande, que mais de huma vez, com a sua especial tactica e valentia, salvou a Divisaõ Portugueza (bem que valerosa em pelejas regulares, mas inteiramen-

te hospeda contra as guerrilhas dos Gallunchos) da total derrota de seus Batalhões ?

Foi nullidade a sabedoria do Duque da Victoria, á quem, nem de transenna, Mr. Balbi nomêa em todas as operações das Campanhas na Peninsula; nesta parte até requintando, em falta de candura aos Redactores do *Manifesto de Portugal de* 1821, no qual se diz *que pêja se o brio da Naçaõ Portugueza dos socorros insufficientes, que recebeu de huma Naçaõ Estrangeira ?*

Mr. Balbi diz que as Tropas de Portugal foraõ as que marcharaõ sobre Pernambuco a supplantar a Rebelliaõ de 1817: isto naõ he assim: porque he da mais constante notoriedade, que se expediraõ para esse destino sómente as Tropas do Rio de Janeiro; e que antes de chegarem, sò as Tropas da Bahia, em grande parte, compostas da Soldadesca da Provincia, bastaraõ para repor tudo na ordem, pela actividade do seu Governador o Conde dos Arcos.

Mr. Balbi desluz o Rio de Janeiro para naõ ser a Séde da Monarchia, por estar (como diz) *á hum canto do Brasil*, exposto á invasaõ de Potencia Maritima, e mui remoto das Provincias do Norte; exaggerando as vantagens do Téjo, á todos os respeitos do Commercio, e centralidade, para proteger todos os Estados da Monarchia nas quatro partes do Mundo. Pensa triumphar com a observaçaõ de que á ElRei de Inglaterra naõ occorreo já mais estabelecer a Séde do Imperio em *Calcutta*, nem o Soberano dos Paizes Baixos na *Batavia*, nem o Imperador de Austria deu preferencia á *Buda* sobre Vienna, naõ obstante serem muito mais vastos os paizes, onde estaõ essas Capitaes; addindo taõbem a razaõ, que estando a Corte em Lisboa, se podem providenciar com brevidade os necessarios Arranjamentos Politicos, que o interesse da Systematica Con-

federaçaõ das Potencias Europeas, possa exigir. Do que tudo conclue que ElRei de Portugal tem mais segurança e influencia em Lisboa do que teria a Monarchia, estando a sua Séde no Brasil.

Sem entrar na analize das minuciosas particularidades da relativa superioridade de Portugal ao Brasil para os indicados effeitos, estando jà nos pontos substanciaes anticipada a resposta, bastará fazer as seguintes observações.

Inglaterra, Hollanda, e Austria, estaõ em enorme disparidade de circunstancias a respeito de Portugal; e por tanto o parallelo caduca.

A Russia, que hoje tanto assusta a Europa pela sua immensidade territorial, ainda que destituida de proporcional populaçaõ e civilisaçaõ, tendo antigamente Côrte na situaçaõ mais central em *Moscou*, quando Pedro Grande pela vastidaõ de seu Genio conheceu a importancia do Commercio e Navegaçaõ, e das Relações Politicas com os Estados mais cultos, foi ao Norte, á centenas de legoas, fundar á immenso custo, taõbem (por assim dizer) no fundo do Baltico, em hum *canto do Imperio*, a Séde do Governo, erigindo a Cidade e nova Capital de S. Petresbuago. Os seguintes Imperadores ainda tem constantemente o fito de conquistar Constantinopla, e de estabelecer ao Sul, no outro *canto o seu Solio Imperial* do Imperio.

Mr. Balbi assusta o Brasil, e desassombra a Portugal, a respeito de invasões Maritimas. Mas hoje, depois dos bombardeamentos de Copenhague, e Argel, taõbem o Téjo naõ he innaccessivel á Fórte Esquadra, naõ obstante as suas Torres de Bugîo e Belém. Já o Usurpador *Cromwel* foi ahi dar a Lei, e extorquir Tratado.

No Imperio do Equador, seguindo-se a Maxima Politica de ElRei D. Joaõ V. = *Guerra com todo o Mundo, Paz com Inglaterra* = naõ ha razaõ

para terror panico de Forças Navaes de outras Nações : o seu Systema Pacifico, e de Commercio Franco, o põe em harmonia com todas as Potencias, e Nações Letradas, que bem reconhecem, que ora mais vale enriquecer pela extensaõ do trato, do que por felizes conquistas.

A rivalidade de Hespanha desmembrada, revolta, e exinanida, he mais objecto de dó que de mêdo. O Brasil até já se rio da Esquadra de *Cevallos*, que mal tomou a Colonia do Sacramento, e em vaõ ameaçou S. Catharina.

Inglaterra, e Hollanda tem taõ vastas Possessões n' Asia, e Governo taõ conhecedor dos Interesses Nacionaes, que he moralmente impossivel lembraremse de attacar o Brasil.

Quanto a França, e Russia, a Garantia solidaria dos Soberanos Fiscáes da Paz da Europa, he o maior seguro Maritimo contra Emprezas Hostis no Continente d' America. Nem estas se podem effeituar taõ de subito e em escuro, que naõ dem espera para Resistencia, e Negociaçaõ.

Estando a Côrte no Brasil, Portugal se defenderia, naõ sò pela politica do Equilibrio, que he do Direito Publico da Europa, mas taõbem pela consideraçaõ do recrescente poder do Imperio Brasiliense, remoto do fóco de intrigas de Gabinetes, até pela razaõ Politica de Tacito-*Maior ex longinquo reverentia*.

Tem sido notado por bons Politicos, que, se o Governo de Hollanda, quando vio Luiz XIV da França com hum exercito ás portas de Amsterdam, realizasse o projecto, entaõ feito, de se traspassar ás suas possesões na Asia, teria executado *Empreza Imperial*, que verosimilmente daria ao Nome Hollandez *hum Renome Eterno*, impossibilitando a actual Grandeza do Imperio Britannico na India; e este mesmo he mal agoirado, até em Inglaterra, pela immensa distancia maritima, e falta de residencia do Monarcha.

Direi com *Montesquieu* = Naõ amo aos Conquistadores : mas custa-me a crer que Alexandre Magno fosse pequeno Genio. Este Principe deixou o pequeno Reino de Macedonia, e fez o projecto de vir fundar *Alexandria* no Egypto Maritimo, e ahi fixar a Séde do Imperio, afim de ser o Emporio Universal das partes do Mundo conhecidas.

Taõbem naõ tenho por lérdo a Constantino Magno, porque deixou Roma, e se arriscou a perder o Reino da Italia, traspassando-se ao Bosphoro da Thracia, para melhor sustentar na Asia o pezo do Imperio, qne tinha na Europa, e Africa, dando assim estabilidade á sua Dynastia Flaviana, a qual durou em esplendor para mais de dois Seculos; e supposto dahi em diante a fortuna lhe fosse adversa; isso procedeu da tyrannia dos Successores, e naõ da preferencia da nova Séde do Imperio.

Concluirei applicando ao Senhor D. Pedro I. o Elogio, com que o Historiador Britannico descreveo o caracter do Fundador do Imperio Bysantino, que deo Triumpho á Religiaõ, e paz á Igreja. " Durando o vigor dos annos, conforme as exigencias da paz ou guerra, Moveu-se com lenta dignidade, ou com activa diligencia : Meditou o designio de fixar em mais permanente Estancia, naõ menos a Força, que a Magestade do Throno : o prospecto da belleza, segurança, e riqueza, unidas em hum só lugar, foi sufficiente para justificar a escolha da Nova Còrte da Sua Coroaçaõ. Foi cuidadoso de instruir a posteridade no Codigo Brasiliense, que a Sua Resoluçaõ naõ se devia attribuir aos incertos Conselhos da Politica humana, mas ao infallivel Decreto da Divina Sabedoria :

PRO COMMODITATE URBIS, QUAM AETERNO NOMINE, JUBENTE DEO, DONAVIMUS. — *Cod. Theod. L. XIII. tit. V. Leg. 7.* ,, — *Gibbon tom. III. Cap. 17.*

CAUSA DO BRASIL

PARTE XI.

Documentum posteris! Homines cum se fortunae permisere, etiam humanitatem dediscere.

Instrucçaõ aos Vindouros! Os homens, quando se abandonaõ á fortuna, até desaprendem a humanidade.
Quint. Curt.

Do Diario do Governo de Lisboa consta, que hum dos Dictadores do Congresso fizera a intimaçaõ de expedir novos batalhões de soldados Lusitanos com o titulo do Cabo - caõ de fila -, para ataçalharem os Brasileiros. Os Padres conscriptos naõ se horrorisaraõ, nem o Presidente chamou o preopinante *à ordem*: porque em casa do Orestes o furor està *á ordem do dia.*

Naõ admira que assim se falle e ouça; os coryphêos da Cabala Anti-Brasilica se tem posto fòra da Humanidade, havendo (como se declarou na Proclamaçaõ ao Povo Portuguez de 1821) entrado no *estado da Natureza, isto he, da - Salvajaria.*

Até agora os Portuguezes tinhaõ a usança feia de tomarem em seus nomes os appellidos = Lobos, Gatos, Coelhos = Pedras, Serras, Areias = Costas, Rios, Ribeiros = Machados, Ferrões, Navalhadas = Pinheiros, Carvalhos, Mattos = &c.; como se per-

tencessem aos Reinos de creaturas materiaes, e irracionaes. Mas èra reservado aos Contitucionaes da Quadra Cannicular, (que escolheraõ, mui pia e doutamente, para Epocha da sua *Regeneraçaõ*, o Dia de 24 de Agosto, funesto pelo matadouro de S. Bartholomeu na França) o condecorarem a Tropa Lusitana com a alcunha de canzoada. Que Honra Militar!

Brasileiros! seja toda a replica, que o Throno de nosso Imperador se sustenta, e defender-se ha, como o de Salomaõ, com *Leões d' Oiro*, e que os Indigenas do Paiz sabem destroir tigres, crocodillos, cerastes, quanto mais cães danados. Venhaõ pois os Cerberos da Lusitania ao Brasil, que ficaràõ assombrados de Dragões mais pavorosos do que o serpentaõ d' Africa, que Atilio Regulo mais temeo que o Exercito de Carthago, quando vio dar costas de medo o Exercito Romano encontrando-o na passagem do Rio, que tentava atravessar.

Insensatos! As Testas Coroadas da Europa fizeraõ por vinte e cinco anuos crua guerra contra o Exemplo da Gallomania, que tentou destroir a Realeza, e enthronisar o Democratismo furioso, e o Despotismo Militar; e naõ haõ de horrorisar-se do Attentado Jacobinico--Castelhano, com que tambem em Portugal, antes o Espelho da Lealdade, se prostergou o Systema da Politica Europea nas Monarchias Regulares e Constitucionaes, que conciliaraõ os Direitos da Liberdade dos Povos com as Prerogativas da Authoridade dos Thronos, indispensavel à Geral segurança dos individuos e Estados?

Imaginaõ os energumenos enthusiastas, que tem em seu poder abrogar o Direito Publico, que dá garantia solidaria aos Monarchas para a Manutençaõ da Progenitura dos Principes Legitimos contra a violencia de rebeldes e Revolucionarios, que ousaõ reduzir o Poder Executivo à Zero Politico, e Simulacro Phantasmagorico em Theatro de Cavalleiros de triste figura?

Phantasiaõ os Pereiras e Mouras, que os Gabi-

netes dos Soberanos e sabios, saõ compostos de estupidos, ou estupefactos, que naõ vem, nem se indignaõ da ignominia á que se acha reduzida a Coroa Fidelissima; e que naõ reconheceráõ em o nosso Joven Heroe a Honra de ser o Assertor e Vingador da Magestade Real, ultrajada na Pessoa de seu Augusto Pai?

Havendo Sua Magestade Imperial á muitos respeitos mostrado ser Bom Principe, e de Grande Caracter; e tendo sem estrepito nem tumulto, sò com a sua aprazivel Presença, ou Ordem, reunido os espiritos para sustentar a Causa do Brasil, já podendo gloriar-se de tanto *Heroico Feito*, convém usar da *Letra* em seu Escudo de Cavalleiro = TALENTO de CONCILIAR.

Cumpre-lhe pois, por assim dizer, metter ombros ao Brasil, para sustentar o Imperio do Occidente, e com elle o resto das Ruinas do Imperio do Oriente, e ainda do Reino de Portugal, com os mais territorios da Monarchia Lusitana; sendo o mais Interessado na Geral Prosperidade, para naõ deixar a seus Filhos Brasileiros Desertos, em vez de Patrimonios. Com razaõ lhe he dado o dizer aos Habitantes dos Territorios Lusitanos, como o antigo Salvador do Egypto = *Naõ por vosso Conselho, mas por vontade de Deos, fui aqui mandado para a vossa conservaçaõ* (Genesis cap. 45 § 8.)

Sobre a presente mudança, que resultou do Conflicto Politico, que os Facciosos Dictadores do Congresso causaraõ com o longo trem de fraudes e indignidades contra o Brasil e seu Principe, espero naõ pareça inpertinente offerecer as seguintes Ponderações.

O nosso Luso-Brasilico *Vieira*, Pregador Regio, e confidente que foi do Projecto do Augusto Fundador da Dynastia de Bragança de estabelecer no Brasil a Sède da Monarchia, em hum dos seus Sermões que vem no Tomo 8 assim diz:

" Todas as grandes mudanças dos Estados, que

se vem, e tem visto, neste mundo, sempre vario e inconstante, naõ saõ outra cousa que hum perpetuo jogo do Supremo Poder, que he o Filho Unigenito de Deos, revelando a ordem dos successos humanos, que, desde o principio sem principio da Eternidade, estaõ dispostos e decretados nos segredos da divina Providencia, para sahirem e se manifestarem à seu tempo. „

" O Vulgo (que he a segunda especie de gentilidade) attribue as sortes e os hazares do jogo á fortuna. Mas Salomaõ nos desengana, que toda a boa ou má sorte depende de disposiçaõ Divina. Com tudo he certo, que o periodo ou catastrophe dos Reinos e Monarchias, e o passarem de humas Nações à outras naõ dependem sô da Primeira Causa, como Senhor absoluto dellas, senaõ tambem das Causas Segundas, como Justo Juiz. He oraculo naõ menos que do Espirito Santo pela boca do Ecclesiastico cap, 10 § 8 = Os Reinos e os Imperios passaõ de humas gentes à outras pelas culpas dos que os perdem; e essas culpas saõ as *injustiças*, *as injurias*, *as calumnias*, *e os diversos dólos*. „

" O Grande Imperio que os Portuguezes fundaraõ na India, sem arrogancia, nem afronta das outras Nações, naõ acabou de repente.... Os Titulos de = Senhores da Conquista, Navegaçaõ, e Commercio (*), mais dizem o que eramos, do que o que somos. Cujas saõ tantas terras conquistadas no Oriente? Cujas as Armadas que navegaõ e cobrem aquelles Mares? Cujos os portos que se enriquecem com os

---

(*) No mesmo Tomo 8 no Sermaõ do *Asseguraдor* pag. 276 accrescenta = Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India; naõ fazendo mençaõ do *Brasil*, posto que jà o navegavaõ as suas frotas, e começavaõ a carregar docemente os seus Commercios &c. „

commercios e tributos que o Indo e o Ganges sò pagavaõ ao Tejo? „

" Ninguem pode duvidar, que assim se vai cumprindo, e tem cumprido em grande parte, no Imperio Portuguez do Oriente aquelle Oraculo Universal. E mais lastimosa perda he ainda, que, tendo a nossa Naçaõ naõ só illustrado o mesmo Oriente, mas assombrado o mundo com taõ fasanhosos exemplos de Religiaõ, de valor, de generosidade, de verdade, de constancia, e desinteresse; vindo ás causas originaes que o mesmo texto assignala deste castigo, e destas perdas, as naõ possamos negar. „

" A primeira saõ as *injustiças*. Como podiaõ deixar de intervir grandes injustiças, quando tiravamos huns Reis, e punhamos outros, acabando ou prezos, ou desterrados, ou violentamente mortos?

" A segunda saõ as *injurias*. E que maiores injurias da razaõ, da Lei, e da mesma Fé, que os Gentios convertidos á ellas, por nos ficarem mais sujeitos, serem mais desprezados, mais opprimidos, mais cativos? „

" A terceira saõ as *calumnias*; e nenhumas foraõ taõ escandalosas à tods mundo, como as que padeceo o Grande Affonso de Albuquerque, Conquistador, Fundador, e Pai do mesmo Imperio, sendo por ellas tirado do Governo da India, e dado aos seus proprios calumniadores, que foi o ultimo golpe, com que em poucas horas de dor cortou a injusta Parca os fios daquella honrada vida, taõ merecedora de ser immortal como a sua fama. „

" Finalmente a quarta saõ os *diversos dólos*, com tanta diversidade nelles, quantas éraõ as occasiões, na paz, na guerra, das promessas, das obrigações, das allianças, dos soccorros, com que se violava, pelos interesses da conveniencia, a palavra, a verdade, e a fidelidade, que entre amigos, e inimigos deve ser sagrada. „

" Contra estas injustiças, injurias, calumnias,

enganos, pregava, continua e fortemente, como Trombeta do Céo, a voz de S. Francisco Xavier; e as suas reprehensões sem emenda eraõ prophecias certas das nossas perdas. ,,

Reservando para outro escrito fazer huma parodia destas verdades com applicaçaõ à Terra da Santa Cruz, aqui só farei as seguintes reflexões.

O mesmo *Vieira* intitulou a Typographia = Trombeta Muda =. Entre as *injustiças* do Governo de Portugal ao Brasil, huma foi o prohibir-lhe o estabelecimento de Typographia, que alias introduzira na India, afim de naõ se ouvir a sua voz na Zona Torrida e menos o seu écho chegar á Torre de Belem; o que fez bem realizar o que disse o Historiador *Barros*, que dos requerimentos e clamores dos povos *tudo ficava entra Reis e Ministros.*

Nas Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa se vê no tomo 8 a excellente Dissertaçaõ sobre a introducçaõ da Typographia em Portugal do erudito Bibliothecario da Livraria Publica, o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, que na pag. 144, depois de mencionar o estabelecimento de Typographia em Goa, e Macau, assim censura a injustiça feita ao Brasil:

" O Trato da Arte Typogrophica, que havia penetrado a Asia, naõ teve a mesma entrada no Brasil. Sò no meio do seculo XVIII levantou Antonio da Fonseca huma *Officina na Cidade do Rio de Janeiro*; mas foi ella de mui curta duraçaõ, porque *se mandou logo desfazer e abolir por ordem da Corte.*

Mas a Providencia Divina permittio, que à mesma Typographia do Rio de Janeiro, que ElRei, pela irresistivel força das couzas, trouxe de Portugal tenha sido a Artilheria assestada contra os Dictadores do Congresso, que tem bombardeado as suas *obras exteriores*, atê jà feito brécha no Paço das Necessidades, e feito estourar o Corypheo da Cabala Anti-Brasilica, que alli, sem reverencia à Divindade e

Humanidade , tinha atroado o Congresso , e adulado as Galerias com a diabolica blasphemia = que nos importa que os Pernambucanos se degolem ? = execravel voto , que sò iguala ao de Roberspierre = *Pereçaõ as Colonias , antes que pereçaõ os nossos Principios.* =

Que maiores injurias e calumnias se tem feito que no Congresso de Lisboa, onde jà naõ se vê côr nem decoro de Senado , parecendo jà ter sido esgotado o cofre de Pandora, votando-se as maiores afrontas e penas ao Herdeiro da Coroa , e aos Patriotas do Brasil , cujo cordial empenho he salvar a Dynastia de Bragança , a santidade da Realeza Constitucional , a Honra do Restaurador da Monarchia , a immensa Herdade Americana , das cruas garras da Hyd'a Carbonaria , que he mais pavorosa ao Genero Humano que a Sphinge negra , que tanto aterrou a Sociedade Civil.

Naõ he possivel deixar de ver o *Dedo do Deos* no subito desconcerto dos Planos Tyrannicos e Monopolisticos do medonho Espectro surgido do Sepulchro da assassinada Monarchia , notando-se a Coincidencia dos factos oppostos de Portugal e Brasil ; pois no mesmo dia 12 de Outubro , em que o Povo Portuguez negava a Honra de solemnisar o Natalicio do Principe Real , o Povo do Brasil exaltava-Lhe a Gloria , elevando-O à Dignidade Imperial ; regosijando-se e congratulando-se de O ver abrilhantado com a Purpura e e Diadema , de que se mostrou taõ Digno pelos seus incommensuraveis serviços com que salvou esta Regioõ feliz dos horrores do Despotismo e Democratismo.

Os Naturaes deste Continente desde o Amazonas até o Prata tem hoje superior razaõ para igual

---

(*) *Negatus honos gloriam intendit.* Tacit

e geral Esforço Politico. Ainda que Portugal seja onerôso Appendice ao Brasil, tendo nas invasões que soffreo de Castella e França dado pretexto aos inimigos de attacarem as possessões Ultramarinas; com tudo a Honra Brasileira dicta oppôr Protesto contra a Lei do Congresso e Nova Constituiçaõ, que Declarou ao Successor da Monarchia Lusitana sómente *Principe da Beira*, e decahido da Corôa Fidelissima pela residencia no Brasil contra a ordem de Regresso á Portugal.

Saiba o Mundo que no Imperio do Equador naõ ha medo dos *Dragos Valentes e Cabreiras*, e quaesquer Ferrabrazes do Conselho Militar, que organisou a Rebelliaõ Revolucionaria, e ora dirigem as poucas Forças da Naçaõ que, pelas más cabeças de seus Administradores, cessou á muito tempo de ser *Naçaõ de Prôa*, bem que estontadamente medite introduzir em nossos Portos novos *Cavallos de Madeira*.

CAUSA DO BRASIL

PARTE XII.

Desafronta Litteraria.

QUando se compara o estado do Rio de Janeiro, (e proporcionalmente das mais Cidades Maritimas deste Paiz) quanto ao seu rapido progresso em Commercio, Navegação, Industria, Litteratura, e até salubridade do clima, em consequencia da extensão da agricultura, e melhora da dieta e vida civil; vê-se á todas as luzes o contraste entre o servíl anterior *Systema Colonial*, e o generoso posterior *Systema Liberal*, (ainda que imperfeito) introduzido depois da vinda da Côrte.

Era por tanto impossivel, que o Brasil tolerasse a Degradação á que o Congresso de Lisboa com varios malinos disfarces projectou reduzillo, espoliando-o da Emancipação Economica de que já gozava por Indulto do Seu Regio Visitador; e com insolente contumacia tentando espoliallo da Regencia constituida no Herdeiro da Coròa. Fiz por tanto esforços literarios para desabusar os compatriotas das illusões grosseiras, com que os Dictadores do Congresso porfiavam encubrir os seos designios de restaurar o *Mono-*

polio da Metropole; não cessando todavia de (quanto em mim esteve) exercer o officio de *Conciliador;* desejando unir, e jámais separar, os direitos e interesses dos Estados Pai, e Filho. Porém as hostilidades do Congresso contra a Bahia tem destroido os meus votos, e impossibilitado os expedientes de reconciliação.

Espirito Nacional, não *espirito de partido*, e menos o *espirito pessimo*, que a Sagrada Escriptura (no Livro dos Juizes Cap. 9 vers. 23) bem caracteriza agitar os Perturbadores Publicos, que illudem o Povo para seus fins sinistros aquem e d' alem mar, me tem dirigido neste escripto, em que foi o meu proposito reclamar os Direitos e Interesses do Paiz, em que a Providencia me fez nascer, contra qualquer Congresso, Conciliabulo, ou individuo, que tente espoliallos, ou pôllos em perigo, por Despotismo, Machiavellismo, Jesuitismo, ou Patriotismo mais ardido que reflexo.

Prescindo de responder ás invectivas do Deputado *Pereira do Carmo*, que, para sua propria confusão, apresentou e leo no Congresso paragraphos da minha V. e VI. — Reclamação do Brasil, — em que assoalhei as tramas dos Recolonisadores. Desça do Amphitheatro para a Areia, produza razões, em lugar de injurias, e o Publico imparcial decidirá de que lado está a justiça. Nada tenho a dizer contra os seus opprobrios, que só provão o que o Escriptor do = Espirito das Leis = bem appellidou *facilidade de fallar*, e *impotencia de examinar.* = E como podia elle contestar evidencias? Á quanto blaterou, só opponho o argumento do Consul de Roma contra Catilina conspirador no Senado: *Patére tua consilia non sentis?* A *má causa* do Congresso já á muito se perdeo, pela sua injustiça não menos, que por estar entregue á taes mãos.

Lembrando-me da regra moral e urbana = *perdoa aos sepultados* = contento-me de offerecer boa authoridade classica aos que applaudirão as ineptas

jactancias do illustre Preopinante (que já deo contas ao Juiz Eterno), quando, mui senhor de si, desdenhava a união do Brasil com Portugal, sem vir com o *Appendice ás Leis* do Monopolio da Metropole = *Adeos senhor Brasil, passe por lá muito bem.* = *De que nos serviria no estado em que ElRei o deixou?* Do seguinte monumento se manifesta, que, hum dos industriosos districtos de Portugal, ha mais de dous seculos, quando ainda não existia o systema colonial, tinha em muita conta o commercio do Brasil, e por elle promovia o seu commercio com os Estados da Europa, e animava não menos a sua industria interna. Acha-se na obra de Fr. Luiz de Souza na = Vida do Veneravel Arcebispo de Braga Fr. Bartholomeu dos Martyres Cap. 26. =

" Sepultada ou adormecida esteve em suas ruinas *Viana* até o tempo d' ElRei D. Affonso III. de Portugal, que commummente chamamos Conde de Bolonha, o qual no anno do Senhor de mil duzentos e sessenta e seis a trouxe do monte ao baixo, e ao longo do rio, onde agora está: sitio que então havia nome Atrio, que logo ficou apagado, e trocado no antigo de Viana. E sendo d' antes apaûlado e de muitas agoas, enxugou com o edificio, quanto bastou para ficar sadio, e ficarem fontes, e possos para commodidade. Foi a obra d' ElRei, que passando em romaria a Santiago notou a foz do rio: e como havia andado muitas terras, conheceo a disposição que tinha para com o commercio do mar ennobrecer hum bom lugar. Todo o homem ama os partos de seu entendimento, e ás vezes mais que aos mesmos filhos: e esta he a causa de muitos se cegarem com suas cousas. Mostrou ElRei que amava o seu juizo engrandecendo, e honrando a villa por todas as vias, que podia. E o tempo descobrio logo, que não sómente senão enganara, mas que fora hum antever de alto entendimento. A primeira cousa que ElRei fez, foi mandar passar provisões de mercês, honras, e privilegios em

particular para todo o homem que acudisse a povoa-la, e em geral para o commum da villa, e entre outros foros lhes deu o de *Infanções*, que he o mesmo de que gozão os cidadãos de Lisboa, e com muita razão se jactão delle: e prometteo-lhes, que em nenhum tempo terião outro senhor senão a ElRei ou a Rainha, ou seus filhos. O que foi causa de concorrer tanta gente nobre com suas mulheres, e filhos, que podemos affirmar que são raros os apellidos do melhor do reino, que senão achem nella. Derão os successores sinal deste bom sangue, aventajando-se em bons serviços com os Reis, com que alcançarão novas liberdades, honras, e o titulo de *Notavel* para a villa: e assento em Côrtes diante de grandes villas, subindo a do trezeno banco ao setimo; e do setimo ao quinto, que hoje possuem. E o que he de grande consideração, que nomeando os Reis particulares Capitães móres para quasi todas as cidades, villas, e castellos do Reino para terem a cargo o governo militar em occasiões de guerra, com Viana trocarão o estilo, fiando este officio dos naturaes delle: e assim o servem os officiaes que entrão no governo da Camara, e se communica a todos. E com razão, porque nos consta de memorias authenticas, que foi fabrica dos mesmos naturaes, e á custa de seu braço e fazendas, a cerca e muros que hoje tem: o que por ventura senão sabe de outro nenhum lugar de Portugal. E ficou murada ao uso daquelles tempos, de boa cantaria, mas com circuito pequeno, e ruas estreitas.

" Dilatou-se em arrebaldes, como a gente começou a navegar, porque foram grandes os interesses que tirou da navegação, e mercancia, correndo com seus navios a todas as Provincias do Norte, e ás ilhas e conquistas de Portugal.

" Mas nenhum commercio lhe tem montado tanto, como o das terras novas do Brasil, que vai em tamanho crescimento, que no tempo que isto escre-

viamos, *trazião no mar setenta navios de toda sorte*, com que a terra está mocissa de riqueza; porque se extendem os proveitos a todos, succedendo nos mais dos navios serem armadores, e marinhagem tudo da mesma terra. E não parecerá isto muito a quem souber, que havendo oitenta barcas de pescadores naturaes, cincoenta annos atraz, que *se contentavão com o pão de cada dia*, ganhado com pouco suor nas pescarias de perto, e ao longo da costa: hoje não ha nenhuma, *deixando todos animosamente a pobreza das rêdes, e a segurança das praias, pelas esperanças, e perigos do alto:* e fica sendo grangearia para os lugares vizinhos pobres, que acodem a prover o povo: como tambem o fazem todas as nações do Norte trazendo-lhe grande copia de mercadorias de toda sorte, e muito pão á conta do retorno, que levão da grossura dos açucares do Brasil, que não ha esgota-los, segundo os muitos que cada dia entrão pela barra.

" Os homens ou sigão as armas, ou as letras, ou se dem á mercancia e navegação, em tudo provão bem; em geral agudos de engenhos, duros de trabalho, capazes, sizudos, amigos do bem commum, e da conservação delle, moderados na vida e gasto ordinario, mas nas occasiões de honra mais que liberaes: esforçados e animosos nos perigos: briosos em todo tempo, e amigos de se fazer respeitar e conhecer por taes: nas armas, e nas sciencias tem lançado homens de tanto valor, e tantos em numero, que se fazem aggravo no que tem por honra, que he não buscarem escriptores, que os fação no mundo celebrados. Todos os nobres exercitão a mercancia ao uso de Veneza e Genova contra o costume das mais terras de Portugal, que os louvão e não os seguem: *invejão a felicidade e bons successos do tracto*, e *não sabem imitar a industria.*

" As mulheres não vivem em occiosidade, mas são daquelle humor que a Escriptura gaba na que

chama *forte;* applicadas ao governo da sua casa, e a grangear com *trabalho e industria* das portas a dentro, como os homens fóra de casa. E onde isto ha, não faltão as mais virtudes de honestidade, e concerto de vida. Assim ha matronas de muito preço, e bom exemplo, e tão inclinadas a encaminhar as filhas a serem mulheres de casa, e governo; que assim como em outras terras he ordinario na tenra idade manda-las a casa das mestras com almofada, e agulhas, assim nestas as vemos ir ás escollas com papel e tinta, e aprender a ler, escrever, e contar. Como a gente he tal, a terra he bem governada, barata, limpa, bem provida, cheia de fontes trazidas com arte a lugares differentes para commodidade dos visinhos, e fabricadas custosamente. Ha muitos edificios nobres, se bem são de arquitectura ordinaria. Nas mais das casas portaes, e janellas de pedraria com suas rexas de ferro, seus brasões, e divisas sobre as entradas: dentro concerto, e policia em atavios, trajos, e alfaias: os templos como as casas, não tem excellencias de arquitectura; mas riquezas de retabolos dourados, e abundancia de prata, ornamentos, e bom serviço, especialmente a Matriz que he accompanhada de grande numero de clerigos, e authorisada com suas dignidades de Arcipreste, e Conegos. No edificio tem grandeza: e nos officios divinos grande solemnidade, e concurso de todos os estados de gente, argumento de devoção, e bom espirito.

" O rio desce accompanhado de huma, e outra margem de quintas frescas, e casaes rendosos, e lava os muros da villa da banda do Sul. Não traz muita força de agoas, que he causa de abrir pouco em foz, e ser a barra estreita, e de pouco fundo: com tudo he a melhor, mais segura, e limpa de toda a costa, desde o Minho ao Tejo: e não a gabamos muito, porque nesta distancia havendo muitos rios, e alguns bem poderosos de agoas, nem ha porto bom, nem barra sem perigo.

" Para estarem seguros dos temporaes os navios que entrão, e haver juntamente commodidade na carga e descarga delles, corre ao longo do rio hum grande, e estendido cáes de grossa cantaria, altamente fundado e terraplenado, com suas descidas de escadas, e lingoetas para serviço de toda hora: obra de muito custo, de grande importancia, e nobreza para a villa: e vai continuando rio abaixo até despegar dos muros: e depois de accompanhar hum espaço a povoação de fóra, alarga contra o rio, e logo recolhe outra vez para a terra, de maneira que faz em cima huma *boa praça:* e da esquina onde começa a recolher, lança hum molde de forte muro, que corre agoa abaixo hum bom espaço, arqueado como hum braço: e assim fica fazendo hum reducto capaz de grande numero de navios, *estancia segurissima de todos os ventos*, que aqui fazem damno; porque, além de poderem ficar dentro os navios em seco, e com as prôas em terra, ou mettidos na vasa, ficão emparados dos ventos travessias, que entrão por cima da barra, com outro muro que abaixo em distancia competente sahe da villa contra o rio, e faz frontaria com a praça que dizemos acima. Guarda a bocca do rio huma Força feita á moderna com cinco grandes baluartes providos de boa artilharia, e guarnição de soldados competente. Mas melhor a guardão os moradores da villa, sempre espertos e sempre prestes a tornarem por si.

" A hum tal lugar parece que faltava só para inteira nobreza huma companhia de Prégadores, que como soldados, e juntamente mercadores do Ceo, esforçassem a devoção, fizessem guerra aos vicios, e abrissem logea de mercadoria, e tracto celestial, onde tanto havia da terra.

Se o insigne Historiador Portuguez assim louva a sua patria, reconhecendo as vantagens que resultarão do seu livre, e activo commercio com o Brasil, e o Norte da Europa, trocando *Açucares* por

Céreaes, quando não existia o systema colonial *, fazendo indirecta censura aos Negociantes de Lisboa, que só *invejavão*, mas não imitavão, o seu espirito de empreza; como póde ser desdouro aos patriotas Brasileiros o pugnarem pela manutenção da franqueza commercial, e igualdade dos direitos de seu paiz, contra as reconhecidas tentativas do Congresso de Lisboa, (só imitador do Consulado de Cadis) para reimpôr as Provincias Ultramarinas o vil tronco do Monopolio da Metropole, (torno a dizer) *peior que o Jugo Numantino, e as Forcas Caudinas?*

Esbravejem embora os *Architectos de ruinas*, escumando raiva canina, e em linguagem descortez proferindo, que os advogados da verdade *tem as pennas ensopadas no fél da calumnia*, porque tirarão a mascara aos ineptos machiavellistas, e demonstrarão ao Mundo a sua perfidia.

Quanto a mim, seja-me licito valer da seguinte resposta de hum dos principaes fundadores da Liberdade Americana em o Norte, o famoso *Franklin*, escrevendo á hum amigo da Metropole, no tempo dos furores do Ministerio, e Parlamento Britannico contra as suas Colonias (vol. 3. pag. 369. Lond. Ed. 1822.)

" Bem conhecemos a vossa abundancia de orgulho, e falta de sabedoria; vosso appetite de conquista com Nação guerreira; vossa cubiça de dominação como Governo ambicioso; vossa sêde de monopolio como Povo de Mercadores: tudo isto vos lança poeira nos olhos para não terdes em vista o vosso verdadeiro interesse, e por isso continuamente vos arrojaes á distantes Expedições, destroidoras de vidas e riquezas, que por fim hão de ser perniciosas ao Estado, como o forão as Cruzadas á muitas Nações da Europa.

---

* Este Systema só se estabeleceo no Congresso de *Utrecht* no principio do seculo XVIII.

CAUSA DO BRASIL

PARTE XIII.

Independencia, ou Morte.

NADA de Portugal será daqui em diante o *Tudo do Brasil.*

O Governo de Lisboa emfim tem creado huma antipathia irreconciliavel, mais forte que a Muralha da China, para separação Perpetua entre a America Antarctica e a Tartaria Portugueza.

Portuguezes se identificarão aos Castelhanos, com quem tantas vezes guerrearão, e por quem forão captivados e envilecidos por mais de sessenta annos, tendo a sua conquista occasionado a perda das principaes Provincias do Brasil, só recuperadas pela resolução e valentia dos briosos Naturaes. Ora impios fados estão imminentes á Patria dos Gamas e Cabraes. Fazendo guerra de fratricidio á face da indignada Europa, e com horror da Humanidade, á quem o Brasil abrio seo seio, não contente de já haver assolado, e reduzido á deserto, a Primogenita do Imperio do Equador, a Bahia de Todos os Santos, qual Jerusalém, cercada, e faminta, dando todo o seu precioso por escaço mantimento, o Governo Parricida propõe á Praça novas Expedições hostís contra este Continente, e faz Alliança offensiva e defensiva com o Governo de Hespanha, para sustentar as insanas machinações Jacobinicas, começadas por *Revolta Militar*, proscripta pelas Potencias que reintegrarão a ordem civil, garantindo a Paz Geral, e que, não em vão, tem já dado o seu *Ultimatum* no *Congresso de Verona*,

para não soffrerem, que a Peninsula faça *Banda* á parte do Systema regular, que dá estabilidade aos Governos Legitimos, e para cuja salvação se derramou tanto sangue em mais de quarto de hum seculo.

Porque Portugal faz guerra ao Brasil, apregoando alias *Constituição Liberal*, e *Direitos do Homem?* Sim: Para aniquilar os Beneficios Politicos do seu Bom Rei, e restabelecer o seu *caduco Monopolio*, e *tyrannico Despotismo*, com que por tres seculos foi acabrunhado e amortecido o Territorio, e Engenho Brasileiro? Não sente a propria deshonra em fazer servil copia da Politica Gollomaniaca, e miseravel plagiato da Estadistica Hespanhola, vendo já nos Pyrennêos, o *fogo Grego* inextinguivel dos Vulcões Carbonarios? Pertende arriscár-se a ser riscado do catalogo dos reinos independentes, sumindo-se no *Sorvedouro Serbonio* da Hespanha deshumana, que destroio ou escravisou por milhões os Indigenas do Novo Mundo, e que ouvio sem horror dizer á hum Deputado de suas Côrtes, que ainda se duvidava á que classe da creação bruta pertencião os Americanos, e que a liberdade do commercio de suas Colonias era peior que dez invasões da França!

Brasileiros trahidos na Lusitania! *Fugi de terras crueis, fugi de avarentas praias!* Retorqui contra a Nação analphabéta *, e vingativa, com o argumento do Antagonista Mór dos Revolucionarios, o eloquente *Burke*, convencendo-os pela *propria bôcca*, e lançando em rosto ao seu Congresso de Lisboa os nefandos feitos, que tem escandalisado o Mundo, por seguirem os seus Dictadores os vestigios dos Democratas da França.

---

* A Constituição que proximamente se publicou em Portugal, reconhecendo os seus organisadores, que o Povo Portuguez he illiterato, negou daqui em diante o direito de eleger Deputados aos que não soubessem as *primeiras letras*.

" Quizerão estabelecer huma liberdade compulsoria, e corromperão o exercito para desertar e trahir a seu Soberano: depois ordenarão que esse exercito fizesse fogo contra o povo: o seu máo exemplo induzio a insurreição das colonias, e a dos negros contra os colonistas. Quizerão contradictoriamente, e com força armada, continuar o Systema Colonial. Em que capitulo do Codigo dos Direitos do homem se lê, que he parte dos Direitos do homem poder huma parte da Nação monopolisar e restringir o commercio da outra parte, para beneficio da que faz essa violencia? Ha opposição: a resposta he tortura, violencia, tropa, matança. ,,

Na Machiavellica carta da Junta do Porto de 6 de Outubro de 1820, com arte dos Jesuitas se fez supplica á ElRei, que " se Dignasse ouvir e attender os clamores de *Seu Povo*, e annuir os votos ardentes, que elle fazia pela saudoza *presença de Sua Magestade*, ou de *alguma Pessoa de Sua Augusta Familia*, que no *Real Nome* os governasse. Então affectarão contentar-se com esta decorosa alternativa, que parecia excluir sinistros designios, e toda a sombra de força no Regresso d'ElRei o Senhor D. João VI.

Alli tambem se fez a officiosa Protestação, de que o Povo, cujo timbre he a *fidelidade*, cujo caracter he *honra*, não tinha jámais merecido, nem a desconfiança, nem o desagrado; e que *só queria ter a ventura de receber de Sua Magestade todo o bem*, que a Sua Real Beneficencia promettia, empenhando a Honra da Nação, a Felicidade Publica, o Amor da Real Pessoa, e os sentimentos de Religiosa piedade, que caracterizão ao Real coração.

Não he pois de admirar a agradavel impressão, que esta meliflua phraseologia fez no Regio Peito, para o impellir á tão precipitada e impolitica Resolução de remover a Côrte para Lisboa.

Pareceo ao principio aos credulos, e candidos Portuguezes daquem e álem mar, que as Côrtes, de-

pois convocadas, seguirião o espirito ostensivo do Governo do Porto, que, em apparente cordial fraternidade, e pureza de patriotismo, fez o Acto louvavel de logo entregar á Junta Provisoria de Lisboa, (que tambem se arrogou o titulo de Governo Supremo) o Sagrado Deposito do Poder Politico, sob as ditas honorificas virtuaes condições, proprias da antiga Lealdade Lusitana.

Mas quanto se illudirão os sinceros Partriotas, que não decifrão os enigmas da ambição, que promette Bonas-dichas ao vulgo!

Não quizerão os Directores do Drama receber bem algum directo d' ElRei. Precipitarão-se a correr todos os passos excentricamente na orbita do novo Cometa Politico. A Ausencia, e não a Presença, de Sua Magestade para a radical alteração nas Leis Fundamentaes da Monarchia foi o objecto de seu commum voto, sem o menor concurso do Povo do Brasil, nem dos que seguirão as fortunas da Casa Real na perseguição, que lhe fez o Invasor do Reino; considerando como hum *Ninguem* ao Chefe da Augusta Dynastia de Bragança, espoliando ao Augusto Pai da Grande Familia de hum dos mais incontestaveis Direitos do Homem na Sociedade Civil, e Systema Constitucional, que assegura á cada Pai de Familia e Proprietario do Paiz, sem crime, o Jus de contribuir para o que mais coopera para a felicidade Nacional, *o Estabelecimento de boas Leis.*

Na Proclamação do Governo para a Convocação das Côrtes, feita em tom mysterioso e oracular, e com estilo bombeiro, pelo estrondo de termos insolitos, e quasi heterodoxos, annunciando-se aos Povos *oraculos sublimes, e Codigo Bemfeitor e Creador*, tudo he dolo.

No *Manifesto* em data de 15 de Dezembro de 1820 como da Nação Portugueza aos Soberanos e Povos da Europa, logo com injuria Publica ao Brasil, considerando-se como Portuguezes sómente os povos residentes em Portugal, e ao logar da residencia do

Senhor D. João VI. dando o vago appellido de seos *Dominios Transatlanticos*, com absurda e repetida querela, attribuirão a decadencia de Portugal aos Magnificos Actos Reaes de Seu Novo Liberal Systema de franqueza de Commercio e Industria, e do Tractado das Corôas Fidellisma e Britannica, util aliás nas criticas circunstancias. Com infernaes tramas havião desatinado á hum Schisma Politico a Bahia, a quem na Carta das Côrtes de 9 de Maio de 1821, em adulatoria phraseologia para a confirmar na Apostazia, com que negarão á ElRei a imprescritivel auctoridade, ainda estando no Rio de Janeiro, apellidão — chave do vastissimo Continente do Brasil, (com desapropositada menção honorifica, de summa intriga, e pessima impressão nas mais Provincias Brasileiras) louvando os proprios partidistas, dizendo terem desenvolvido aquelle caracter heroico, fiel, e grandioso, que sempre estremou aos seos habitantes em todas as epochas arriscadas e difficeis; á fim de quebrar o centro de unidade, e fazer o mais perigoso e seductor lenocinio.

Não quizerão os Ultra-Illuminados Padres Conscriptos na sua Metaphysica transcendental, que o annunciado *Codigo creador*, promettido na Proclamação ao Povo em 31 de Outubro fosse senão de seo invento privativo, e privilegio exclusivo, quando aliás no Manifesto ás Nações de 15 de Dezembro de 1820, se comprometterão com a Sociedade Civil, dizendo, que os Portuguezes, = *o que hoje querem e desejão, não he huma innovação: he a restituição de suas antigas, e saudaveis Instituições; corrigidas e applicadas segundo as luzes do Seculo, e as circunstancias Politicas do Mundo Civilisado.*

As Côrtes que depois se convocarão, de que modo corresponderão á estas pomposas protestações? Não quizerão bem algum directo d' ElRei, mas se apressarão a fazer a declaração e o juramento das Bases da Constituição com total alteração da Leis Fundamentaes da Monarchia Lusitana, sem esperar

pela Real Deliberação e Sancção, como se fosse hum *Intruso* do Reino Unido; ficando o Cabeça da Nação espoliado de hum dos mais certos direitos de cidadão de contribuir para a Legislação Nacional, (direito alias alli concedido á todo o Pai de familia *sui juris*) para que a Lei se possa considerar verdadeiramente Constitucional, ou expressão do *Voto Commum*, ou *Vontade Geral;* e, o que mais he, estabelecendo o Artigo tão atraiçoado, e sem exemplo em Monarchia Constitucional da Europa, de negar o *Veto* á ElRei por quatro annos, quando até menos de anno bastou sempre aos Catilinas para derribarem o mais fortificado Imperio; o que com lagrimas da humanidade bem se mostrou no governo da mal intitulada = Junta da Salvação Publica =, de que era o cabeça Roberspierre, que, em menos de 9 mezes, pôs em lutto a França toda, destroindo por horriveis modos milhões de vidas. Assim o Monarcha Constitucional foi reduzido á zero no Calculo Politico, no que mais influe na felicidade das Nações, isto he, as *leis bem estabelecidas*.

Assim se falta á fé, á Humanidade, e á Lealdade ao Principe da Nação, de cujo amor do Povo estavão tão certos os emprezarios da nova Pantomima Theatral? Receando a sua Augusta Presença, se precipitarão, contra as regras da Saã Politica, á organizar as Bases da Constituição com tanta pressa, e preterição do povo do Brasil, e de quantos seguirão as fortunas da Casa Real na invasão do original patrimonio da Monarchia, sendo até seus heróicos sacrificios os motivos pretextados para exclusão de seu voto nos negocios da geral eleição dos mandatarios Nacionaes em a nova ordem de cousas!

Por ventura as novas Côrtes forão conformes ás antigas Instituições do Reino, e ás modificações, que as luzes do seculo introduzirão nas Monarchias Constitucionaes da Europa, ainda mesmo na da Hespanha, em que não se algemou o Poder Executivo com as

ferreas manilhas, com que se reduzio a Realeza em Portugal, quasi, por assim dizer, á impia semelhança do — Senhor á Columna, ficando a Magestade da Corôa Fidelissima mui abaixo das Testas Coroadas? Podia haver mais total, e horrorosa innovação nas Leis Fundamentaes, e nas Regulares Cortes da Monarchia Portugueza?

Mas, se o fim das estratagemas foi sinistro, o modo de recebimento d' ElRei só póde ter exemplo na Policia de Busiris, que menciona o Author das armas dos varões assignalados (que os hospedes tristes immolava). Surge ElRei no Tejo. Não havia tumulto, nem silencio; nada de concurso do povo a saciar saudades: tudo he pavoroso abandono: hum pestiferado de Smyrna não soffre mais com a quarentena: Sua Magestade já tinha participado ás Côrtes de ter jurado a Constituição, e de estar cordialmente resolvido a cooperar á todo o bem da Nação. Todavia, seja licito dizer, appresenta-se Lhe de subito á bordo, negando-se-Lhe o desembarque, o formulario do Juramento das Bases da Constituição; sendo só isto atroz insulto ao menor individuo, e que se não practicou com alguem da Nação, até contendo opprobrio religioso, como se tal vinculo sagrado carecesse de *Duplicata*, Tendo antes dado plenissima, e mais que exuberante, garantia da Real Probidade e Confidencia nos mandatarios Nacionaes, promettendo guardar a Constituição *Tal e Qual* fizesse o Congresso de Lisboa. Hum punhal ao peito não he de maior aggravo e effeito. Os que abolirão com justiça e reverencia á humanidade a prática da tortura, ainda nos réos de mais vehementes indicios de crimes atrozes, se mostrarão os verdugos do Rei com alçada especial para O ter em peior que carcere privado, e masmorra de segredo, e em horrida tortura de espirito, sem ao menos deixar-se-Lhe a escolha e a liberdade de intimos Conselheiros; o que se não nega ainda á Réos em ferros, negou-se ao Pai da Patria, assás atormentado de longa viagem, e que atravessou o Atlantico para ser o espectador da pro-

pria, nunca pensada, ignominia; e sendo taes verdugos os mesmos, que antes a sua mão benefica carregara de honras e fortunas; e, o que sobre tudo escandaliza, foi o Ministro do Alto Sacerdocio, o Arcebispo eleito de Real Nomeação para a *Infeliz Bahia*, o intimador da Ordem.

He notavel que nos diarios das Côrtes N.° 118, onde se trasladou a fórma do juramento, que o Senhor D. João VI. deo na Salla da Côrtes no dia 4 de Julho em tão insolitas horas da cinco da tarde, depois do seu desembarque solitario entre os membros da Deputação, sem o conforto da presença de toda a Real Familia, (que senão deixou sahir de bordo, apenas dando-se licença para o accompanhar as Pessoas Reaes de menor idade o Senhor D. Miguel e D. Sebastião) declarar-se, que Sua Magestade, por se achar mui fatigado, pronunciou em voz baixa as palavras do juramento de *observar*, e fazer observar, as Bases da Constituição.

Exacerba-se a atrocidade pelo escandaloso excarceo, que fez o Congresso, esconjurando-se contra o discurso, que tanta honra faz ao Ministro dos Negocios Estrangeiros Silvestre Pinheiro, orgão então de S. Magestade, em resposta ao que Lhe dirigio o Presidente do mesmo Congresso das Côrtes na Sessão de 4 de Julho de 1821, e que he o formal Echo do Direito Publico da Europa, modificado pelo espirito do Seculo, e exemplo dos Monarchas Constitucionaes de Inglaterra, França, e Hollanda, na clausula não menos liberal, que politica, de *ambicionar hum Monarcha Portuguez o reunir-se aos Representantes da Nação, para, de commum accordo, tractarem de acudir ás suas precisões, e assegurarem a sua prosperidade.*

He triste ver no Officio do Ministro de Estado dos Negocios do Reino de 14 do dito mez a timorata retractação, evidentemente compulsoria, que manifesta a vontade coacta d' ElRei, que mandou declarar — *que não podia ser da sua intenção, que houvessem no seu discurso expressões ou idéas, que não fossem do accordo, e conforme com as mesmas Bases, e seu juramento.*

CAUSA DO BRASIL

PARTE XIV.

Justificaçaõ Brasileira.

O Caracter dos Póvos reclama, ainda mais que o dos individuos, plena Justificaçaõ de Publica calumnia no Juizo dos Contemporaneos e Vindouros. O Povo Romano poz o ferrete da ignominia no caracter do Povo Carthaginez, imputando-lhe Systematica Falsidade nos seus Actos Politicos, fazendo proverbial a *Fé Punica*, para designar a perfidia dos que faltaõ á palavra nos tratos, e á religiaõ do juramento. Ainda que tal accusaçaõ vinha de inimigo poderoso, que aspirava á dominaçaõ da Terra, e por isso naõ podia soffrer resistencia á sua ambiçaó (que he quanto bastava para naõ ser acreditada) na Historia perpetuou-se com tudo o labéo, porque a Victoria obstou á transmissaõ da verdade.

Como os que notoriamente exercem a Dictadura no Congresso de Portugal, naõ se contentaõ com empregarem a arte machiavellica, e diffamaçaõ

Jesuitica, imputando aos Escriptores que tem feito a *Reclamaçaõ dos Direitos do Brasil*, espirito de calumnia, entretanto que esses Coryphêos carbonarios naõ cessaõ nos *Diarios do Governo* de propagar a mais atroz de todas as calumnias, imputando Perjurio ao Povo Brasileiro, porque, sem embargo do Juramento de ahderirem á Causa de Portugal, dado á força armada de Tropa e Artilharia com morrões accesos, naõ quer submetter-se à Tyrannica Supremazia dos que se apoderaraõ com Revolta-Militar do Poder Politico do Estado, e o pertenderaõ sustentar com dòlos manifestos, e hostis attentados contra o candido e generoso Reino Irmaõ; a fim de que fique hum Monumento Literario da cavillosa e desmerecida Accusaçaõ, e em breve Synopse appareça a enormidade dos calumniadores, offereço ao Publico em Justificaçaõ da Patria o seguinte Elencho dss factos principaes que assaz manifestaõ o odioso, perfido, e despejado caracter da Seita, que tem abysmado em terrivel chàos a antiga Lusitania, fazendo surgir do sepulchro da assassinada Realeza hum Espectro de Poder irregular, qne pertendeo involver tambem o Brasil no Turbilhaõ Revolucionario da França e Hespanha, fazendo, por ignorancia e inveja, a vã Tentativa de resuscitar o já disolvido e aniquilado Systema de Monopolio e Despotismo Metropolitano.

O Systema de illusaõ do Povo, contra o decôro da Naçaõ, e da Humanidade, e até contra a santidade da Religiaõ, se manifesta na Proclamaçaõ do revolucionario Governo de Portugal de 31 de Outubro de 1820 sobre a Convocaçaõ das Cortes nas seguintes palavras e jactancias " Resurgindo do nada " para o ser – Confrontando vossas vontades com a " Lei eterna – tereis Constituiçaõ, qual a Natureza " a copiaria do Original Eterno – Codigo Creador. – " Excelsos Legisladores, mais do que Homens em

" suas funcções, isentos como a Independencia, providentes como a Divindade (1), inflexiveis como o fado (2).

" Portuguezes! naõ foi para resuscitar as antigas fórmas do fendalismo, e hum saõ simulacro de Côrtes, que nos dias 24 de Agosto e 15 de Setembro tomastes a postura terrivel de hum Povo, que, resgatando-se por sua propria virtude dos ferros, hypothéca as suas vidas para segurar sua liberdade, voltando momentaneamente, por huma ficçaõ politica, para o estado da Natureza, (3) Hum Povo que vai organisar-se, confirma, derroga, e altéra como lhe parece, sabendo ja ler no Divino Codigo dos Homem, e Cidadão, emparelhados com os Póvos que á pouco se refundiraõ em verdadeiras Nações. (4)

Podia ir mais longe a Academia Jacobinica, considerando a Naçaõ, como taboa raza, para nella se esculpir e cortar tudo o que quizessem os Deputados do Povo!

O vulgo credulo em Portugal, e no Brasil phantasiou, que na Regeneraçaõ promettida faria tornar outra vez á Terra a fabulosa *Idade de Ouro*; a riqueza choveria do Céo, como o Manà no deserto; e nasceria novo Sol da Justiça em hum e outro hemispherio dos Territorios da Naçaõ. Mas o resultado foi o manifestar-se furioso Espirito de Monopolio e Despotismo Militar contra os Paizes Ultramarinos, e ainda o illiberal Systema Mercantil

---

(1) Que blasfemia!

(2) Que paganismo!

(3) Isto he, da Salvajaria, e brutalidade.

(4) Isto he evidentemente allussivo á revolucionaria Hespanha, Napoles, e Sardenha; todos os mais póvos naõ saõ verdadeiras Nações!!!

contra o mesmo Portugal, pelas escandalosas restricções do Commercio Estrangeiro, e até fazendo-se nefanda guerra aos Cereáes (as grandes mercadorias, e moedas das antes amigas Nações da Europa), sendo, no Contra-golpe, a principal victima o Commercio do Brasil; pois a extensaõ da sua sahida aos Mercados Geraes antes era devida ao facil troco dos productos da terra e industria Europea, por assucar, caffé, coiros, e mais generos Coloniáes. Assim projectou-se arremessar a Naçaõ para os seculos de ferro, em que os Póvos eraõ *Servos da gleba*, e os Estados se flanqueavaõ com fossos, pantanos, desertos, e barreiras, para repellirem, ou muito estreitarem, o trato reciproco, mal reduzidas á seu trafico interno. Era má teima que as mesmas restricçóes acabrunhassem o Brasil, com a hypocrita affectaçaõ de igualdade de Policia no Estado Pai eFilho.

Os que tinhaõ se inculcado quasi *Conselheiros de Deos*, promettendo *Codigo Creador*, dictado pela *Sabedoria Eterna*, agora vem, que o Representantes do Povo Constituido em Corpo Legislativo, declaraõ naõ saber fazer Leis, e propoem premios ás Obras de Codigos Civis, Cammerciáes &c, como se fossem Programas de Academia ! ! !

E que regeneraçaõ se podia esperar em hum Povo, a quem seus inculcados Regeneradores sancionaraõ por Lei o *Theatro de Touros*, coisa nunca vista em Naçaõ culta, assim perpetuando-se taõ cruél espectaculo, que deshonra a Humanidade, e constituindo-se ferozes, e naõ civis, os póvos? Nem sempre os melhores Governos podem destruir antigos maos costumes; mas o approvallos por Legislaçaõ, sò se vio no *Portugal Regenerado*. O Poéta amigo de Augusto em huma das suas Odes aconselhava, que tolhesse o costume barbaro (5) dos

---

(5) Hor. carm. Lib. I Od. XXVII.

gladiadores no Circo Romano, em que homens combatiaõ até a morte entre si e com feras. Os que se presumiaõ de sabios no Congresso de Lisboa, naõ attenderaõ ao *canto*, mas aconselharaõ e decidiraõ o contrario. Em fim tanto mal e dementemente obraraõ, que espantaraõ a caça, até fugir-lhe de todo a preza do Brasil, que naõ conheciaõ estar bem instruido nas lições de *Franklin*. Os Brasileiros ora se valem dellas, e fallaõ assim alto ao Governo de Portugal, como elle fallou ao de Inglaterra.

" Parece-me que o obter, ou reter, algum commercio, por mais valioso que seja, naõ he objecto pelo qual os homens possaõ com justiça derramar o sangue huns dos outros; e que os verdadeiros e seguros meios de extender e conservar o commercio saõ — bondade e barateza das mercadorias; e que nenhuns ganhos do Commercio podem jámais contrabalançar a despeza de o compellir, e sustentar com Tropas e Esquadras. Por isso considero injusta e impolitica a guerra contra nós, e estou persuadido, que a serena e desapaixonada Posteridade condemnará à infamia aos que para ella deraõ conselho; e ainda, a ser bem succedida, naõ salvará de deshonra aos que de boa vontade a tem conduzido. No anno em que nos expedistes Tropas para nos destroir, nasceraõ sessenta mil crianças.

" As atrozes injurias e barbaras crueldades que havemos soffrido, tem extincto até a ultima faisca de affeiçaõ á Mâi Patria, que antes nos era taõ chara: depois de tantas provocações, a separaçaõ he completa; e, em vez da cordial harmonia, de que antes faziamos timbre, e que taõ necessaria era à felicidade, força, segurança, e fortuna de ambos os Paizes, daqui em diante só herdará implacavel malevolencia, e mutuo odio, como entre Hespanhoes e Portuguezes, Genovezes e Corsicos, pela mesma má conducta de seus Governos:

a identidade de Religiaõ, lingoagem, e maneiras, naõ operará jámais a reconciliaçaõ, vistos os recrescentes resentimentos, com que se tem irritado, e exasperado os espiritos.

" Voz nos desprezaes muito, sem vos recordar do adagio Italiano = naõ ha inimigo pequeno =. Estava persuadido, que o corpo da Naçaõ éra nosso amigo; mas ora elle está mudado pelas columnias dos seus mentirosos papeis publicos: já vemos claramente que avançamos na estrada de mutua inimizade e detestaçaõ. Imaginaes que a nossa publica felicidade será destruida pelas mãos de poucos ignorantes e maliciosos: mas naõ o será: Deos a hade proteger e amplificar: sò vois sereis excluidos da parte della, em que vos poderieis aquinhoar. Ouvimos dizer que mais Navios e Tropas se expediraõ contra nós, sabemos que nos podeis fazer grande mal; mas se vos lisongeaes que nos forçareis á submissaõ, *naõ conheceis o povo, nem o paiz.* (6)

Os Dictadores do Congresso de Lisboa naõ tem agora outro recurso que o dos *Réos convictos* de crimes notorios. *A iniquidade mente a si propria.* O seu corpo de delicto està, naõ só no seu Manifesto às Nações, onde absurdamente imputaraõ a decadencia de Portugal á illimitada franqueza do Commercio do Brasil (Inglaterra que sahio triumphante na Lutta contra a França, ainda agora sente os males da subita transiçaõ da Guerra á paz, naõ obstante a sua extensaõ de Commercio com toda a America); mas taõbem (fóra muitos outros factos) no Plano proposto e approvado no Congresso de fazer a Lisboa o Deposito do Commercio Ultra-

(6) *Franklin* Obr. vol. III. -- Papers of Americans Politic. pag. 359 e seguintes.

marino, e na fatua legislaçaõ de gravar com *Direitos* as mercadorias na Exportaçaõ do Brasil, contra a Politica das mais entendidas Nações Commerciantes, como Inglaterra, que até dà premios aos Exportadores, para animar e favorecer a extensaõ do mercado.

Quando chegou á Portugal o Manifesto da Independencia do Brasil, logo no Diario do Governo se publicou hum atrabilario Contra-Manifesto, Obra do Deputado *Moura*, com que se lisongeou desbancar a Demosthenes, quando fez replica ao Manifesto de Philippe de Macedonia, que projectava abater a turbulenta Republica Atheniense. A sua erudiçaõ Mourisca estourou com explosões calumniosas contra o Povo Brasileiro, que figurou *Povo de Perjuros*, por naõ se submetter servilmente á Constituiçaõ Carbonaria do Governo usurpador de Lisboa, que deshonrou a Realeza, e teimava na insana Tentativa de reimpor o Systema Colonial ao Estado Co-Irmaõ, que estava na pacifica e titulada posse da Emancipaçaõ Civil de sua Industria, e directa correspondencia Commercial com todas as Nações cultas. Até o Congresso reconheceo a indignidade do Contra-Manifesto, visto que immediatamente o Supprimio.

O Direito Civil e Canonico estabeleceraõ a Regra, que o Juramento naõ pòde ser vinculo de iniquidade; e que he nullo, sendo extorquido por mêdo, ou dolo. Os mesmos Direitos tambem introduziraõ o equitativo remedio da Restituiçaõ in integrum à favor da Republica, quando os que obraõ em nome da Communidade por malicia ou sorpreza, fizeraõ Actos de Lesaõ, a fim de ser, com a *Pupilla*, soccorrida pela Justiça, repondo-se tudo no anterior estado.

Maior iniquidade, e até irracionabilidade, naõ se pòde imaginar, que o pertender o Governo de

Portugal prevalecer-se de hum Acto dos Brasileiros, que tinhaõ, pela sua candura, em vista o proprio bem e melhoramento, naõ o alvo do partido, e occulta e maligna intençaõ dos phantasticos Regeneradores. Jàmais se póde presumir que aquelles tivessem a vontade de renunciar aos seus Direitos, perderem do ganhado, e fazerem deterior a sua condiçaõ, e muito menos o serem vis escravos, em vez de homens livres, sò porque nominavelmente juraraõ receber a Nova Constituiçaõ *Tal e Qual* se fizesse nas Cortes de Lisboa.

O Juramento do Povo do Brasil naõ foi dado como em capitulaçaõ de huma Praça ameaçada de assalto, ou de hum Exercito depois de vencido, em que o Direito das Gentes, para a Paz da Humanidade, requer que se guarde a fé dada ao vencedor. Tratava-se do que se dizia ser – Pacto Social, em que a boa fé devia ser reciproca, e o accordo das Partes unanime, e sobre o identico objecto (7). Nada disto se verifica a respeito do Congresso de Portugal, que até, com summo escandalo, faltou ao promettido, e decidido no seu proprio Artigo 21 das Bases da Constituiçaõ.

---

(7) *In idem placitum consensus.*

CAUSA DO BRASIL

PARTE XV.

Heroismo do Reconcavo da Bahia.

O Reconcavo da Bahia he. á todos os respeitos, hum dos mais altamente fovorecidos lugares debaixo do Ceo: sendo terra tão desejavel, não podia ser pacificamente gozada, onde só domina a Lei do mais forte. — *Southey Hist. do Bras. cap. II. pag.* 42.

HOnra á quem a honra. * A Bahia de todos os Santos, assim intitulada por ser descoberta no Dia em que a Igreja solemnisa a memoria dos Bemaventurados da Côrte Celeste, se acha ameaçada de total destroição pela infernal Legião de Barbaros Lusitanos; que sustentam o Despotismo do Congresso de Lisboa; o qual só tem panegyristas em Fallidos da Praça e Vandalos tonsurados. Os discipulos de *Volney*, pregoeiros da Corbonaria Constituição do (ora dito) *Portugal Regenerado*, aspirão á infamia de renovarem as *Ruinas de Palmyra* na Primeira Metropole da Terra de Santa Cruz; reproduzindo na Sociedade Civil a antiga duvida, excitada n' Asia Portugueza, se os conquistadores da India, expedidos da occidental

* Paul. ad Rom. Cap. XIII. Vers. 7.

praia Lusitana, erão tigres, ou homens; pois até (como he notorio) tem feito fogo a Parlamentarios; cruelmente morto a rendidos patriotas; e negado a sahida da cidade ainda a Religiosas, para reduzir a aterrada população aos horrores da fome, geral assalto, e execução militar.

Mas a adoravel Providencia excitou novos Machabêos no Reconcavo da Bahia, onde existem os Soláres, e Estabelecimentos dos principaes Proprietarios da Provincia Soteropolitana. Quando parecia extincta toda a esperança de recuperação da liberdade do infeliz povo, antes illudido, e depois opprimido, pela Cabala Anti-brasilica, inspirou coragem e resolução a animos generosos, que ostentarão heroismo (de que ha raros exemplos) para saccudirem o jugo dos oppressores. Achando-se sem governo protector, destituidos de meios militares, despreparados, pela longa paz, á actos de guerra, e ainda mais impossibilitados a bem dirigir com illustrado valor as operações do Marcio Jogo pela anterior Politica de não se darem á Brasileiros Patentes altas, para não se formarem nelles Officiaes Generaes, que soubessem defender a Causa de seo Paiz; tirando recursos do proprio fundo, genio, e valor, arvorarão a Bandeira da Independencia do Brasil contra a Prepotencia de Portugal, reconhecendo, em Geral Acclamação, a Suprema Auctoridade de seo Principe neste Continente.

A *Villa da Cachoeira* tem a gloria de ser a que primeira deo Gigantico Brado, e teve a virtude magnetica de attrahir, como por encanto, a todas as mais villas das Comarcas do Norte e Sul da vasta Provincia, para unanime concordia na Sagrada Causa do Brasil: só por isso merece o titulo de *Cidade* * *Restauradora.*

---

* Ella he maior do que algumas Cidades de Portugal, e importantissima por ser o lugar do transito e activo commercio, principalmente do tabaco, e algodão.

Já todas as pessoas de juizo, e caracter, estão convencidas da justiça e necessidade, com que o Senhor D. Pedro d' Alcantara devia resguardar (por assim dizer) a HERANÇA JACENTE da Corôa Fidelissima; afim de não ser no Brasil prostrada, como em Portugal, a Magestade do Throno Constitucional da Dynastia da Augusta Casa de Bragança, á quem a Monarquia Lusitana deve a sua Restauração contra a Tyrannia da Hespanha; e tanto mais que tem dado insignes provas de bondade, candura, prudencia, e sabedoria polititica, com que segue o Liberal Espirito do Seculo nos mais cultos Estados da Europa, Adoptando o Systema de Regencia Paternal, igualmente remoto do Poder absoluto, e do Predomino Democrâtico, ou Oligarchico, dos impios Novadores, que tem pertendido turbar a Ordem Social.

Sim: em todo o Brasil, onde a *Vontade do Povo* se tem podido declarar, he unisona a voz de resistir, sob os auspicios do Joven Heróe, e de sua, ora concentrada, Authoridade Imperial, á Tyrannia dos Dictadores do Congresso de Lisboa, que com as Lições de seu Mestre *Russeau* tentarão fazer com os Povos do Brasil o *Pacto Social*, qual elle descreve entre o Senhor, e o Escravo " trabalhareis sempre para mim, " e servireis á minha vontade; e só te *darei o que* " *eu quizer.*

Sem diminuir, hum apice, o merito da Heroicidade Braliseira, he todavia justo e necessario confessar, que a assombrosa presteza dos faustos successos do Reconcavo, na inclyta resistencia aos furiosos attaques dos Madereiros contra a Cachoeira, Jaguaripe, Itaparica, Cabrito, se devem á Liberalidade Alexandrina, á Cesarea Fortuna, á Augustana Intelligencia, com que o nosso Defensor Perpetuo, e Imperador Constitucional, tem sabido empregar e dirigir o bom espirito dos habitantes de Sua PATRIA ADOPTIVA, e escolher Generaes de Terra e Mar, creando, quasi

16 ii

de subito, huma respeitavel Força Terrestre e Naval, que antes parecia *menos de nada.* He huma das maiores virtudes dos Principes o fazer boa escolha dos servidores do Estado. * A gloria das Armas Imperiaes, e a disciplina do Exercito do Reconcavo, são os effeitos da Organisação Militar do General Labatut.

Ainda que a Cabeça não possa dizer aos membros do corpo = eu de ti não careço =, com tudo he universal Juizo do Genero Humano attribuir a boa regencia, a esplendida victoria, a belleza do Edificio, ao Principe, General, Architecto.

Não devo passar em silencio as egregias acções das pessoas do bello sexo, que tem contribuido ao triumpho da Causa do Brasil. O Reconcavo da Bahia appresenta Heroînas, que por espontaneas subscripções do Periodico — Constitucional —, sustentarão o espirito publico, e por aturada tarefa se occuparão em embalar cartuchos de polvora, para fazer guerra eterna aos invasores de seu Paiz. Espirito de empreza sempre se ha de manifestar desde o Amazonas até o Prata.

Os phantasticos e vangloriosos Lusitanos, que só se fião na *bruta força* muscular, e ignorão o que póde o Imperio da Intelligencia sobre o Reino da Ignorancia, podem á seu geito tractar com desprezo e ridiculo o valor dos naturaes do Brasil. Offereço aos cordatos o seguinte juizo do Britannico Escriptor da Historia deste Paiz *Roberto Southey*, que assim proclamou á face da Europa a Heroicidade Brasileira no tom. 3. cap. 37. pag. 362.

" Considerando-se quão pequena nêsga da terra
,, fórma o Reino de Portugal, e que Portugal, por
,, superstição, ciume, e orgulho, que predomina no
,, Caracter Nacional, não tem dado ás suas Colonias
,, a ajuda, que podia com a sua superabundante popu-

---

* *Principis et virtus maxima nosse suos.*

,, lação ; talvez achar-se-ha , que os Brasileiros tem
,, feito maior , e mais rapido progresso, em proporção
,, aos seus meios, do que jámais tem sido feito pelos
,, Colonistas das outras Nações. Os Americanos Por-
,, tuguezes , mui ignorante e falsamente , tem sido
,, accusados de inactividade, e falta de espirito. Mas
,, a verdade he que elles tem feito Estabelecimentos
,, até o Rio Orellana , e sustentado contendas sobre
,, os limites com os Hespanhoes, que já tem receios
,, sobre a segurança do Perú. Elles tem aberto cami-
,, nho até o Rio Negro , e dahi por huma cadeia
,, de Rios , e Lagos tem certificado o extraordinario
,, facto do paiz existente entre o Orellana e Orinoco,
,, penetrando com suas canoas até as Missões de Hes-
,, panha; o que faz remover toda a duvida pelo tes-
,, temunho de *Humboldt*, de cuja auctoridade não ha
,, appellação. Consta além disto haver huma raça
,, de mulheres guerreiras de cuja existencia ha pro-
,, vas tão fortes, e coherentes, que não se podem
,, desacreditar levemente.

A Bahia he o theatro de *guerra internecina.* — *Ay dos vencidos!* Temos a luttar com encarniçados e implacaveis inimigos, que ardem na furia do machiavellismo descoberto, e orgulho humilhado. Convém empregar todos os expedientes de exterminar os aggressores parricidas, que se propõe, como os tigres, a destroição dos proprios filhos, e o deixar-lhes solidões em vez de habitações, talando campos, incendiando edificios, e mutilando cadaveres, surdos ao brado da Natureza, que no Brasil ostentou a Divina Bondade para conservação das raças, até nos singulares exemplos de quadrupedes e aves, que carregão os fructos de suas entranhas, e os abrigão em solidos aposentos. * As filhas da Patria muito podem ajudar

---

* O *Gambá* (de varias especies) he bem conhecido quadrupede, que *Linnéo* classificou com o titulo de

a Empreza da Honra Brasileira, animando os Concidadãos, e não esmorecendo com a perda dos defensores do Paiz, seguindo os heroicos exemplos das antigas Espartanas.

Huma das illustres matronas de Esparta, inclyta porção da Grecia, ouvindo que seu filho se debandara do Exercito, escreveo-lhe dizendo: " correm aqui „ rumores desairozos á vossa honra; ou fazei-os ces- „ sar, ou cessai de viver. „

A mãi do celebre General Brasidas, noticiando-se-lhe a gloriosa morte deste grande Capitão, á quem dava a nova, respondeo: " meu filho era hum bravo „ homem; mas sabei que Esparta tem muitos outros „ heróes, que ainda mais valem. „

Contando-se á outra mãi, que seu filho fora morto na primeira avançada, replicou sem desmaio: " pois enterre-se, e ponha-se o irmão em seu lugar. „

Vindo hum correio á huma matrona, e inquirindo esta por seus cinco filhos, e annunciando-se-lhe que tinhão morrido na pelêja, replicou: " não „ vos pergunto por isso, mas se está a patria em „ perigo, ou se triumpha? „ e dizendo-lhe que se conseguira a victoria — respondeo: " *bem está; resi-* „ *gno-me á minha sorte.* „

Muitas mulheres corrião ao campo da batalha, para com olho inquieto esquadrinharem os cadaveres dos filhos, e reverem as feridas, a fim de virem no conhecimento de sua valentia, ou cobardia. Se erão na frente, davão graças ao Ceo, e os honravão com a

---

viverra marsupialis; fez-se admiravel pela bolsa natural da propria pelle, em que amamenta e guarda os filhos. O *João de Barros* he huma avezinha, que fórma a sua casa de barro, com abobeda, e huma parede intermedia, tendo espaço por onde introduz os filhos para os abrigar do tempo e inimigo. Acha-se no Museu Imperial desta Côrte.

sepultura; e se erão nas costas, voltavão em desesperação para chorarem a desgraça em seus domicilios.

A Bahia deo asylo e Sepulchro ao Genio Nacional Luso-Brasilico, o Orador *Vieira*, que abandonou Portugal, queixando-se de *ingratidões da patria*, e de que os *seus o não receberão*. Como os infames Madeiras renovarão as horridas scenas dos Hollandezes, requintando sobre esses infieis devastadores do Reconcavo, e assoladores da Cidade, cada Patriota deve ser o echo da seguinte Peroração, que em substancia se vê no vol. 8. dos seus Sermões pag. 574; afim de se esconjurarem dos impios renegados, cujo affectado patriotismo he igual ao monstruoso judaismo, que sempre foi diabolico egoismo, e odio ao genero humano.

" Não se dá quartel; he igual ser ferido ou
,, morto; amigos abandonão os amigos, os irmãos aos
,, irmãos; porque mais não póde ser. Os miseraveis
,, que ficão feridos nos matos e caminhos, sem soc-
,, corro, sem remedio, sem companheiros, são assas-
,, sinados á sangue frio e cruelmente, tendo alias
,, pelejado pelo seu Rei, pelo seu Paiz, pela sua
,, Honra, pela sua Verdade. O' Valentes Soldados!
,, com que boa vontade agora vos celebro, cantando
,, o vosso *glorioso requiem?*

O mesmo Escriptor dá as seguintes instrucções para a Recuperação da Bahia.

" A hum exercito, ou Republica não lhe basta aquella parte da justiça, que com o rigor do castigo a alimpa dos vicios, como de perniciosos humores, senão que he tambem necessaria a outra parte, que com premios porporcionados ao merecimento esforce, sustente, e anime a esperança dos homens. Por isso os Romanos tão entendidos na paz, e na guerra, inventarão para os soldados as coroas Civicas, e Muraes, as Ovações, os Triunfos, e outros premios militares; porque como o amor da vida he tão natural, quem se atreverá a arriscalla intrepidamente, senão alentado com a esperança do premio? Quando David

quiz sahir a pelejar com o Gigante, perguntou primeiro: Que se ha de dar ao homem, que matar este Filisteo? Já naquelle tempo se não arriscava a vida, senão por seu justo preço: já então não havia no mundo quem quizesse ser valente de graça.

' Necessario he logo, que haja premios, para que haja soldados, e que aos premios se entre pela porta do merecimento: dem-se ao sangue derramado, e não ao herdado sómente: dem-se ao valor, e não á valia, que depois que no mundo se intruduzio, venderem-se as honras militares, converteo-se a milicia em latrocinio, e vão os soldados á guerra tirar dinheiro, com que comprar, e não obrar façanhas, com que requerer. Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro, e o soldado da fortuna, que tambem para elle se fizerão os grandes postos, se os merecer; e animados com este pensamento os de que hoje se não faz caso, serão leões, e farão maravilhas; que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como tal vez debaixo dos talins bordados anda dourada a cobardia.

" Quanto forão huns mais venturosos com os seos erros, que outros com seus acertos? Algum, que sempre errou, que nunca fez cousa boa, nomeado, applaudido, premiado; e o que acertou, o que trabalhou, o que subio á trincheira, o que derramou o sangue, enterrado, esquecido, posto a hum canto. Importa pois, que não roube a negociação o que se deve ao merecimento; que se desenterrem os talentos escondidos, que sepultou a fortuna, ou a semrazão; que não haja benemerito, que não seja bem afortunado, que se corte a lingua á fama, se for injusta; que se qualifiquem papeis, que se examinem certidões, que nem todas são verdadeiras. Se forão verdadeiras todas os certidões dos soldados do Brasil, se aquellas rumas de façanhas em papel forão conformes a seus originaes, que mais queriamos nós?

CAUSA DO BRASIL

PARTE XVI.

Bahia Auxiliada

O Dia da Retribuição chegou contra os destroidores da Bahia, e adversarios á Causa do Brasil. A Organisaçáo de Forças de terra e mar pelo General Labatut, e Almirante Cochrane, Mestres de Guerra (cada hum no seu Elemento) sob os Auspicios Imperiaes do nosso Augusto *Defensor Perpetuo*, dà o mais fausto agoiro, não só de proxima Restauração da maior Praça do Imperio do Eqnador, mas tambem de immediata reuniáo das restantes Praças dissidentes do Maranhão, Parà, e Montevidéo, que com Topa Portugueza e Armada Marinhajen, em vão imagináo poder sustentar a Causa de Portugal, táo desacreditada ainda na Europa.

Os Prodigios do valor Bahiense se achão manifestos na antiga Obra da *Restauração da Bahia* de Bartholomeo Guerreiro. Consta de não menos heroicos feitos na prezente lutta, até pelos Trombeteiros Novellistas do Junot Lusitano, nãs obstante as dissimulações e indignidades de seus Libellos diffamatorios, confessando estarem reduzidos os presumidos

Hercules Algarvios e Transmontanos á curta ração, e poucos palmos de terra.

Estando em Crise, ainda que bem esperançosa, a minha Patria nativa, deixo á mãos habeis a ulterior Defeza Literaria da Causa do Brasil. Antes porém de pôr fim á este meu tenue escripto, farei algumas ponderações contra os Nacionaes Portuguezes daquella Praça, que, enriquecidos e honrados no paiz, se tem declarado inimigos dos naturaes da terra, com a malignidade dos espiritos infernaes auxiliando o invasor da Provincia com seus cabedaes e Navios, na fatua esperança do restabelecimento do extincto monopolio Metropolitano; não podendo a gente tabernaria tolerar a concorrencia do Commercio estrangeiro, que os força à justiça e actividade em seus tratos. A inveja lhes corroe os corações, vendo a rapida extensão da Agricultura, e das Bemfeitorias rusticas e urbanas, evidentes effeitos da abolição do Systema colonial. Mas em vão porfião.

He licito aprender inda do inimigo. (1) O Invasor da Bahia tem contra sí até o Juizo do Invasor do Portugal, a quem não se póde contestar (não obstante a sua desmedida ambição), ter bem conhecido o estado politico da Europa e America, e previsto o necessario resultado da sua Tyrannia, que forçou ao Senhor D. João VI a traspassar a Corte ao Brasil, e Abrir os portos deste continente ao Commercio de todas as Nações.

He irracional calcitrar contra o estimulo, querendo sustentar o Projecto do Congresso Ulysiponense, que phantasiou poder constituir a Lisboa o *Deposito Geral* do Commercio Brasileiro, e indirectamente excluir os Estrangeiros da Compra em primeira mão no Brasil, impondo Direitos de Exportação, que equivalem á prohibição absoluta, quando

---

(1) Fas est et hoste doceri — Virg. En.

aliás interessão na franqueza estabelecida as Preponderanees Nações da Europa, e com especialidade a França, que perdeo na guerra revolucionaria a Raynha das Antilhas.

Os Leitores benignos relevem a citação da Authoridade de Bonaparte desterrado, que fallou a verdade na sua desgraça, como se lê na Obra—Napoleon em desterro-ou-Vòz de S. Helena-do Escriptor Inglez, seu Cirugião, *O' Meara*, que publicou o Diario que fez das Conversações com esse Homem Extraordinario: no vol. 1°, pag 262 transcreve o Juizo que o aspirante á Monarchia Unlversal fez de Portugal e Brasil:

" Quem salvou Portugal senão Inglaterra? Quem por sí só o assistio com gente e moeda, alem de salvar a sua existencia como Nação ...... França, coms ora está, logo terá o Commercio do Brasil. Os Inglezes tem em suas Colonias mais algudão e assucar do que carecem, e consequentemente não os receberáõ do Brasil em troco de suas mereadorias. Agora porém os Francezes tomaráõ essas producções, visto que a Martinica não póde supprir a França com a quantidade de seus generos sufficiente ao consumo da Nação. Elles pois hão de permutar as suas obras manufacturadas, suas sedas, apparelhos de casa, vinhos &c, pelos productos do Brasil; e em consequencia logo terão todo o Commercio deste Paiz. ,,

Sem fazer commento sobre este Juizo Napoleonieo, sò farei breves ponderações sobre a extravagancia dos Partidistas de Portugal. Quando se podessem oppor á irresistivel força dos cousas, como se poderia vedar o Contrabando estrangeiro em hum vastissimo Paiz, que chegou a conhecer e gosar o melhor em variedade, barateza, e perfeição da Industria Europea, estando suas immensas costas cheias de Enseadas, Abras, Portos, e Surgidoros? Quem guardará os mesmos Guardas, se se resuscitasse o Systema das Guardas-Costas, Denuncias, Esbirrarias das

Praças? Fazer-se guerra por empenho de cabeças de pedra e cal, he demencia.

Na ordem natural das cousas, sem força nem injuria de pessoa alguma, a principal, ou mui grande, parte dos productos e Navios do Brasil iriaõ aos Entrepostos de Portugal, para em competentes Monções se reexportarem aos Mercados Geraes da Europa.

Quanto maior abundancia delles houvessem no Brasil pelo Liberal Systema, tanto mais baratos irião á esses Entrepostos á bem dos Povos.

Ainda por muitos annos não terão os Negociantes Portuguezes residentes nos Portos Brasileiros os Cabedaes necessarios a soffrer os empates da directa Exportação á Paizes estrangeiros: seria iniquo privar o Povo do paiz das vantagens que todos os individuos palpão e sentem, de vender os frutos do seu trabalho aquem melhor os paga. Só o supprimento de viveres em artigos frescos aos Navios de todas as Nações, he hum *Item* de summa importancia, de que o Paiz seria privado descorçoando-se a directa importação estrangeira.

Mas os Negociantes de Portugal só querem commissões á força, para darem contas de vendas quando e como quizerem. Querem rebates forçados de nossos fretes, não pagando jámais a estes peremptoriamente conforme a lei Commercial da Europa, e, assim procedendo, pertendem favorecer a Navegação. Querem os Lavradores e Artistas de Portugal repellir a concurrencia estrangeira, não se contentando com tantas vantagens de insenção de Direitos, ou maior gravame destes nos Generos de outros Paizes, como estava regulado pelas leis parciaes, e detrimentosas ao Brasil.

Não advertem que não estamos em tempo do pezado e tosco, e que sô dava amostras do atrazo das artes, e da industria estacionaria do Povo Portuguez.

O Brasil de certo não tolerará mais as leis extravagantes e màs, com que até os Generos d'Asia, erão (por assim dizer) forçados a dar volta ao Globo, antes de virem aos seus portos, com encargos de direitos fretes, e dispendios desnecessarios, que obstavão ao favoravel e extenso consumo do povo; chegando se ao excesso de se multiplicarem os enormes riscos das viagens da India com a obrigação de ir-se da contra-costa a pagar Direitos na Alfandega de Goa.

Os Brasileiros são de viva imaginação, e avanção em passos gigantescos na Carreira da Civilisação. Não se pódem, como os Portuguezes, accomodar com capa e pellote da velha Ordenação do Reino, que se dava por bom salario annual aos criados de servir. Não podem soffrer, à titulo de patriotismo, e ainda menos de móda, pannos da serra, grosseiras saragoças, chapéos de Braga, linhos farpados, e, em geral, o que até passa em proverbio—obras do porto —, e que trazem o cunho de vilania da industria, e timbre marochino de não imitar nem admitir artistas de paizes mais illuminados. O nosso gosto e orgulho se commensura aos adiantamentos das mais cultas Nações da Europa.

A Bahia he das melhores Estações Navaes, tanto pela abundancia de madeiras de Construcções nas suas Commarcas do Sul, como por ser huma Enseada abrigada em que, segundo a phrase de hum Nautico Britannico, admitte seguro anchoradouro da Marinha de todas as Nações sem confusão.

Dizia-se na França que Luiz XIV, Creador e Legislador da Marinha Franceza no Ministerio do Grande *Colbert*, era Magnifico em Paris, mas só Poderoso em *Toulon*, onde tinha a sua maior Esquadra, Ora seja licito dizer — o nosso Imperador Pedro I., que tão bem sustenta a Causa do Brasil, he Admiravel no Rio de Janeiro, mas só será completamente Imperial com a RECUPERAÇÃO DA BAHIA.

O Congresso de Lisboa, que no Manifesto á Sociedade desacreditou a Nação, assoalhando as suas chagas lazaras; e phantasiando exaltar a Portugal abatendo o Brasil, imita o antigo tyranno, que, por infernal invento, aos homens de estatura pigmea estirava além da medida da humanidade; e aos de talhe gigantesco cortava os pés, para diminuir-lhes o vulto, e imposibilitar o andamento. Impia raiva lhe dictou o projecto de prostrar o Throno Imperial, erguido pela Honra, Justiça, e Intelligencia Brasileira, ao Primogenito do Dynastia de Bragança, que tem Luttado, como o Invicto Hercules contra o dragão Beocio, Oppondo-se com triplicado Peito contra o Despotismo Luso — Hispano, que destroio as Ordens do Estado, mutilou a Authoridade Suprema, e proscreveo a Augusta Raynha, porque mostrou força de animo em recusar o Juramento á Constição Carbonaria, que hade ter o fim da Constituição Jacobina, (2) com que os hypocritas de philanthropia acclamarão —Guerra aos Palacios, Paz ás Cabanas — apregaando — Constituição, e para sempre.

O Congresso ameaça flagellar o Atlantico, como Xerxes o Hellesponto: mas Deos nos livrará de suas iras. Já se foi a éra dos Albuquerques, Castros, e Pachecos.

O Genio Tutelar d' America Antarctica he de esperar que, executando o Voto do Brasil, reproduza o exemplo da Vindicta Celeste contra Portugal Fratricida, qual refere a Historia Heroica. Os cidadãos de Thasos erigirão Collosal Estatua á Theagenes,

---

(2) No Preambulo da Constituiçaõ Portugueza se fez servil copia da primeira Constituiçaõ Franceza, só mudando-se as palavradas; pondo-se -- Direitos do Cidadaõ- em lugar de -Direitos do Homem, dizendo-se (como alli se expressa) que o esquecimento daquelles Direitos (naõ dos Deveres) era a Causa das desordens da Naçaõ.

celebrado Vencedor nos Jogos Olympios: mas hum invejoso antagonista, porfiando com minas soterraneas, e repetidos golpes, derribar o Monumento, cahio esmagado sob o pedestal.

CONCLUSÃO

Voz de Vieira na Bahia.

" Quando aqui estivemos sitiados no anno de 1638, atirava o inimigo muitas balas ao baluarte de Santo Antonio: os pelouros, que acertavão, ficavão enterrados na trincheira, os que erravão, voavão por cima, vinhão rompendo os ares com grande ruido, e os que andavão por essa ruas, aqui se abaixava hum, acolá se abaixava outro, e muita gente lhe fazia cortezias demasiadas. De sorte que o pelouro, que errou, esse fazia os estrondos, a esse se fazião as reverencias: e o outro, que acertou, o outro que fez a sua obrigação, esse ficava enterrado. Ah quantos exemplos destes se achárão na guerra do Brasil!

" Como se havia de restaurar o Brasil, se o Capitão de mar, e guerra fazia cruel guerra ao seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxarcias, as velas, as entenas, e se não vendeo o casco do galeão, foi porque não achou quem lho comprasse? E como, mais ou menos por nossos peccados, sempre houve no Brasil alguns Ministros desta qualidade, que importava, que os Generaes illustrissimos fossem tão puros como o Sol, e tão incorruptiveis como os orbes celestes? Desfazia-se o povo em tributos, em imposições, e mais imposições, em donativos, e mais donativos, em esmolas, e mais esmolas, (que até á humildade deste nome se sujeitava a necessidade, ou se abatia a cubiça) e no cabo nada aproveitava, na-

da luzia, nada apparecia. Porque? Porque o dinheiro não passava das mãos, por onde passava. Muito deo em seo tempo Pernambuco, muito deo, e dá hoje a Bahia, e nada se logra; porque o que se tira do Brasil, tira-se do Brasil, o Brasil o dá, Portugal o leva.

" Muitos transes destes tens padecido, desgraçado Brasil, muitos te desfizerão para se fazerem, muitos edificão palacios com os pedaços de tuas ruinas, muitos comem o seu pão, ou o pão não seu com o suor do teu rosto: elles ricos, tu pobre: elles salvos, tu em perigo: elles por ti vivendo em prosperidade, tu por elles a risco de espirar.

" Mas agora alegra-te, anima-te, torna em ti, e dá graças a Deos, que já por mercê sua estamos em tempo, que se concorrermos com o nosso suor, ha de ser para nossa saude. Tudo o que der a Bahia, para a Bahia ha de ser: tudo, o que se tirar do Brasil, com o Brasil se ha de gastar.

Fim da Parte I.

Rio de Janeiro 20 *de Março de* 1823.

NA TYPOGHAPHIA NACIONAL.